REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

TOMO I — 3° TRIMESTRE DE 1839 — N. 3

PROGRAMMA

Sorteado na sessão de 4 de Fevereiro deste anno

«Se a introducção dos escravos africanos no Brazil embaraça a civilisação dos nossos indigenas, dispensando-se-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuizo que soffre a lavoura Brazileira?»

Desenvolvido na sessão de 16, pelo conego J. da Cunha Barbosa, secretario perpetuo do Instituto

Antes de expender a minha opinião sobre este Programma, devo declarar, que não sou patrono da escravidão, nem dos indios, nem dos negros; e por isso considero a liberdade como um dos melhores instrumentos da civilisação dos povos.

A Escriptura nos ensina que logo que no Egypto se abrira um mercado de homens, os irmãos de José se apoderaram delle, e o venderam á mercadores egypcios. A Historia tambem nos conta que, logo que na Asia e na Grecia se abriram mercados deste genero, a terra e o mar se cobriram de salteadores e de piratas, que preavam innocentes victimas, e traficavam sobre sua liberdade. Em qualquer parte em que o homem fôr reduzido a uma mercadoria, não haverá crime, que a cobiça não commetta, para augmentar sua fortuna. A humanidade resente-se d'esses crimes; e o unico sentimento nobre, que resta a um desgraçado captivo, é o da sua perdida liberdade, que muitas vezes o atira de seus ferros a terriveis emprezas. Roma e outras nações nos offerecem infinitas provas d'esta verdade.

Lançando uma vista rapida sobre a escravidão, em que gemeram os indios do Brasil, desde a descoberta deste continente, até que leis mais humanas lhes quebrassem os ferros, acharemos a causa principal do retardamento da sua civilisação na barbara cobiça, com que os portuguezes os caçavam como féras em suas mattas, para os empregar em duros trabalhos á sombra das missões, em que se lhes prégava a religião d'um Deos de paz, de liberdade e de doçura. Os termos, em que foi

concebida a celebre Bulla do Papa Paulo III aos 9 de Julho de 1537, declarando os *indios da America homens racionaes e libertos*, manifestam, não tanto a crassa ignorancia dos hespanhóes conquistadores do Mexico e Perú, como a barbaridade, com que tratavam esses indios, formando de suas carnes açougues publicos para sustentação de seus cães. Os maiores excessos de crueldades a que os indios se entregavam, eram represalias pela crueldades que soffriam, servindo mais á conquista da America de extinguir, em poucos annos, milhões de seus habitantes, do que de civilisa-los pelas santas maximas do christianismo. O grande padre Vieira na informação que deu a El-Rei, em 31 de Julho de 1678, diz com bastante experiencia, adquirida na missão do Brazil, o seguinte, que bem aclara o que tenho avançado:— «Sendo o Maranhão conquistado no anno de 1615, havendo achado os portuguezes d'esta cidade de S. Luiz até o Gurupá mais de quinhentas povoações de indios, todas muito numerosas, e algumas d'ellas tanto, que deitavam quatro e cinco mil arcos, quando eu cheguei ao Maranhão, que foi no anno de 1652, tudo isto estava despovoado, consumido e reduzido a mui poucas aldeotas, de todas as quaes não pôde André Vidal ajuntar oitocentos indios de armas ; e toda aquella immensidade de gente se acabou, ou nós a acabamos em pouco mais de trinta annos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores, que depois de sua entrada até aquelle tempo *eram mortos dos ditos indios mais de dois milhões de almas*, d'onde se deve notar muito duas cousas: A primeira, que todos estes indios eram naturaes d'aquellas mesmas terras, onde os achamos ; com que se não póde attribuir tanta mortandade á mudança e differença do clima, senão ao excessivo, desacostumado trabalho e á oppressão com que eram tratados: A segunda, que n'este mesmo tempo estando os sertões abertos e fazendo-se continuas entradas nelles, foram tambem infinitos os captivos, com que se enchem as casas e as fazendas dos portuguezes ; e tudo se consumiu em tão poucos annos.

A causa unica e original de toda esta destruição e miseria, não foi, nem é outra que a insaciavel cobiça e impiedade d'aquelles moradores, e dos que lá os vão governar ; e ainda de muitos ecclesiasticos, que sem sciencia, nem consciencia, julgavam licitas estas tyrannias, ou as executavam, como se o fossem, não valendo a muitos dos tristes indios o serem já christãos, ou vassallos do mesmo Rei, para não lhes assaltarem em suas aldêas, e os trazerem inteiramente captivos, sem mais direito (como eu ouvi aos mesmos capitães d'aquellas tropas), que o de poderem mais que elles.»

O padre Vieira usou, nesta informação a El-Rei, de toda a eloquencia e força de raciociuio, que lhe era mui propria, para defender a liberdade dos indios, ou reviver a execução de leis anteriores a este respeito. Mas foi tal o seu zêlo nesta parte, que esquecido de que a escravidão obstava a civilisação dos indigenas, foi de parecer, que o governo introduzisse, nos Estados do Grão-Pará e Maranhão, escravos negros, que se occupassem

dos trabalhos da lavoura e outras fabricas, para os quaes já faltavam indios.

Assim o eloquente e apostolico missionario, offereceu novo embaraço á civilisação dos seus convertidos, querendo que se transpórtassem os barbaros africanos, que vieram tambem lavrar as terras do Brazil como bestas de carga, passando-se a elles a cubiça dos desalamados portuguezes (*).

No voto, que o padre Vieira tambem deu (datado da Bahia a 12 de Julho de 1694), sobre as duvidas dos moradores de S. Paulo, ácerca da administração dos indios, expressa-se o dito padre com bastante calor em prol da liberdade dos indios. Nem vos seja pesado que eu vos faça alguns extractos deste excellente documento para nossa Historia, escripto por um homem tão circumspecto, e tão versado nas cousas do Brazil.—«São pois os indios (diz elle no principio de seu voto), aquelles que, vivendo livres e senhores naturaes das suas terras, foram arrancados d'ellas por summa violencia e tyrannia, e trazidos em ferros com a crueldade que o mundo sabe, morrendo natural e violentamente muitos nos caminhos de muitas legoas, até chegarem ás terras de S. Paulo, onde os moradores dellas (que d'aqui por diante chamaremos Paulistas), ou os vendiam, ou se serviam e se servem d'elles como escravos. Esta é a injustiça, esta a miseria, este o estado presente, e isto o que são os indios em S. Paulo.»

Depois continúa elle d'este modo, fallando da obrigação, em que pretendiam ficar os administradores, de dar ao indio o sustento, o vestido, a cura nas enfermidades e a doutrina, *e qualquer outra cousa, ou mimo dado de tempo em tempo no decurso do anno* — «O que aqui se chama *alguma cousa*, significa cousa pouca e incerta, sendo que a paga deve ser certa e deter-

---

(*) Não nos será preciso procurar na Historia as épocas, em que foram introduzidos, nas diversas capitanias do novo continente, os escravos africanos; mas sabe-se, pelo que escreve Berredo, nos «Annaes do Grão-Pará e Maranhão», que no anno de 1683 o povo ahi se amotinára contra os administradores da companhia autorisada pelo governo, porque de 500 negros da Costa d'Africa, pela taxa ajustada de 100$ rs, cada cabeça, que se obrigaram a metter todos os annos em uma e outra capitania, caminhando-se já para o segundo de seu estabelecimento, nenhum até então se tinha visto nellas. D'isto se collige, que já era grande a falta de indios, que costumavam empregar em seus trabalhos, até porque se os podessem haver a 4$ rs., como sempre os compravam, de certo se não sujeitariam a paga-los por 100$ rs, cada um dos 500, que a companhia se obrigára a introduzir; e muito menos se revoltariam contra os seus monopolistas, porque nem um só haviam introduzido, sendo aliás obrigados a isso pelo contracto approvado pelo governo (*).

(*) Em 1583 lavrou-se nesta cidade do Rio de Janeiro um auto de avença, que Salvador Corrêa de Sá, como governador e provedor da fazenda real, fez com João Guterres Vallerio, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que de Africa conduzisse no seu navio.

minada, ou taxada pela lei, ou pela convenção do trabalhador com quem o aluga.

A razão, a escusa, que se dá de ser esta chamada paga tão rara, e tão tenue, é ser os indios naturalmente preguiçosos, e de pouco trabalho ; mas as pessoas muito praticas d'aquella terra, e muito fidedignas, affirmam que os Paulistas geralmente se servem dos ditos indios de pela manhãa até noite, como o fazem os negros do Brazil, e que nas cafilas de S. Paulo a Santos não só vão carregados como homens, mas sobrecarregados como azemolas, quasi todos nús ou cingidos com um trapo, e com uma espiga de milho para ração de cada dia.»

Accresce o deshumano procedimento, que por esses tempos tinham os Paulistas para com os miseraveis indios ; e em prova disso citarei ainda o mesmo padre Vieira, quando diz: — «E quando menos se não devem esquecer (os administradores) das muitas mil almas, que trouxeram de suas reducções do Paraguay, onde todos eram christãos, e os vieram seguindo, como seus pastores, o padre Simão Maceta, e o padre Justo Manzilla, e procuravam no governo da Bahia a sua restituição e liberdade, mas sem effeito. E do mesmo lote eram aquelles que cercados em uma grande igreja, em dia de festa, os metteram em correntes, matando á espingarda o seu parocho, porque os quiz defender, e outros muitos deste genero.» — Desprezavam-se, ou illudiam-se d'est'arte as beneficas leis, promulgadas pelos monarchas D. Manoel, D. João III, D. Filippe II, D. Filippe IV e pelo principe regente D. Pedro, nos annos de 1570, 1587, 1595, 1609, 1611, 1647 e 1655, declarando todos que se devia conservar a liberdade dos indios; e porque algumas permittiam o captiveiro em guerras, que fossem bem fundadas, decidiu afinal a lei promulgada por D. Filippe II, que, sem interpretação alguma ficassem libertos todos os indios, assim baptisados como por baptisar, ainda que tivessem sido comprados, cujas vendas annullava, até mesmo as que fossem julgadas por sentença, por ser contra o direito natural. Mas estava reservado ao Sr. Rei D. José e ao seu grande ministro Pombal, o descarregar o decidido golpe sobre tantos abusos pela lei de 8 de Maio de 1758; e já nessa época immensas tribus estavam inteiramente destruidas, cessaram, sim, os Portuguezes de penetrar os sertões em busca dos indios para os escravisar; e voltaram-se ao trafico dos miseros africanos, que empregaram em seus trabalhos com igual barbaridade.

Resulta de tudo isto, que a escravidão foi um forte embaraço á civilisação dos indios ; pois que elles, segundo o testemunho do mesmo padre Vieira, só fugiam da catechese por medo da escravidão, e desconfiados da falta do cumprimento de promessas, que se lhes faziam. Ainda assim mesmo algum progresso teria a sua civilisação, se continuassem as missões ; porém, estas affrouxaram com a expulsão dos Jesuitas e acabaram de todo, com a maior introducção no Brazil dos escravos africanos. Parece que a catechese era sustentada pela cobiça de homens, que á sua sombra captivavam os indios; e esta

mesma cobiça, empregando-se em transportar africanos, esqueceu-se de todo da civilisação dos indios. Como somos de opinião que só pela catechese se podem desentranhar os indigenas de suas mattas, e trazê-los aos primeiros caminhos da civilisação, cremos, por isso mesmo, que a introducção dos negros é um grande obstaculo a essa empreza.

O padre Jesuita Manoel da Nobrega, que viera com Thomé de Souza, para fundar o Collegio de Jesus na nova cidade da Bahia, e que ahi chegára a 29 de Março de 1549, pouco tempo depois da fundação d'essa primeira metropole do Brazil, escrevia ao padre Preposito do collegio de S. Antão em Lisboa muitas queixas sobre a mistura de negros e negras na nova povoação; dizendo que assim se innoculava no Brazil o fatal cancro da escravatura, fonte de immoralidade e de ruina. Sabe-se além d'isto que os negros eram para ali enviados da Africa, afim de se darem aos soldados, descontando-se o seu valor pelos seus soldos.

A experiencia nos mostra, que os indios são aptos para todos os trabalhos, a que se appliquem, ou em terra, ou nos rios e mares. O que hoje fazem os negros, elles o faziam, posto que violentados, e por isso mesmo sem proveito de seu adiantamento. Parece que o primeiro cuidado, que deveriamos ter, para os fazer passar do estado nomade, em que vivem quasi todos. para o de pastor e agricultor, deveria ser convertê-los á religião christãa, e crear nelles certas necessidades, que os obrigassem a pequenos trabalhos,com que houvessem os objectos então necessarios. Este commercio seria de certo um de seus mais fortes vinculos sociaes ; e ainda que seja mui difficil crear novos habitos em homens totalmente filhos da Natureza, todavia esses habitos iriam nascendo em seus filhos, aperfeiçoando-se pela nossa communicação, e avigorando-se pelo correr dos tempos. Se este systema não fosse interrompido pelas causas, que temos apontado, veriamos ainda existentes muitas povoações indigenas, que de todo se exinguiram. As gerações d'esses, que os Jesuitas principiaram a civilisar, pugnando tanto pela sua liberdade, e contra o máo tratamento, que se lhes dava, hoje estariam crescidas e civilisadas, a ponto de servirem por estipendio em nossos campos. Em alguns lugares do Brazil, os indios, em tempo opportuno, descem de suas brenhas para fazerem as nossas derrubadas, a troco de alguns generos, que precisam. Não ha muitos annos, que no districto de Cantagallo appareciam no tempo das derrubadas os indios dos sertões da Pomba, offerecendo os seus serviços aos fazendeiros, que d'elles se aproveitavam, precedendo ajustes. De uma vez se lhes communicou a bexiga, em um rancho publico de uns negros novos, que por ahi se mandavam a Minas. Foi tal o seu horror, feridos d'esse mal, que arripiaram carreira, deixando alguns mortos pela estrada, e nunca mais voltaram. Lembramos este facto para provarmos que elles não são tão avessos ao trabalho, como os pretendem pintar os patronos da escravidão africana, e para que se veja que se fôrem removidas certas causas do seu

horror e desconfiança; se fôrem bem tratados cumprindo-se fielmente as convenções, que com elles se fizerem; se fôrem docemente chamados a um commercio vantajoso e a uma communicação civilisadora, teremos, senão nos que hoje existem habituados á sua vida nomade, ao menos em seus filhos e em seus netos, uma classe trabalhadora, que nos dispense a dos Africanos.

Talvez não seja mui longe da verdade o dizer-se, que os nossos lavradores, acostumados a servirem-se de escravos como de machinas, voltaram-se para os negros, quando não tiveram mais indios, que empregassem como força bruta. Os pobres negros, fóra de seu paiz natal, são menos aptos aos nossos trabalhos, do que os indios; e o beneficio da liberdade, que elles receberam, depois de tantas leis que ficam citadas, tornou-se de pouco ou de nenhum fructo pela falta de catechese, e de um systema bem concertado de civilisação. A necessidade de trabalhadores obrigaria os fazendeiros a ser mais humanos com os indios livres, se lhes não tivesse sido facil comprar negros para os substituir em suas lavouras. Os negros, portanto, servem de embaraço á civilisação dos indios; e o que mais é, servem não pouco de retardar a nossa propria civilisação, o que deixo de tratar, por não ser d'este programma.

Qual seja, porém, o prejuizo, que soffre a lavoura brazileira, entregue a braços de escravos, é facil de conjecturar-se pela pouca perfeição e adiantamento, que sempre se encontra em trabalhos forçados. Um celebre economista inglez demonstrou quanto atrazada foi sempre a industria na Europa, emquanto parecia exclusiva de trabalhadores escravos. Cessaram estes, e a intelligencia humana voou a uma esphera mais clara, e as riquezas se desembaraçaram em muitos canaes, até então ignorados. Confessamos que os grilhões de uma miseravel rotina nos embarga na carreira dos progressos industriaes, que a tantos povos tem felicitado; e não queremos ver na escravatura africana um grande instrumento d'essa detestavel rotina. Mas quando quizessemos, ainda por outro lado, provar o grande prejuizo, que soffre a nossa lavoura, trabalhada por negros, lembrariamos os immensos capitaes que se perdem na sua compra; capitaes, que poderiam ser melhor empregados, usando-se de braços livres, e sem o menor risco pela morte dos trabalhadores.

Do que temos expendido colhe-se com bastante clareza, que a escravidão dos indios embaraçou muito a sua civilisação; que a dos negros torna infructifera a liberdade, a que foram restituidos pelas leis; pois que, desconfiados dos máos tratamentos, que sempre recebêram, embrenharam-se nos sertões, recusando trabalhar. A escravidão dos negros nem aproveita á civilisação dos indios, nem á sua propria, nem aos progressos da nossa industria; os damnos que d'ahi resultam são desgraçadamente conhecidos, e só a cobiça poderá negar resultados que a intelligencia, ainda a menos perspicaz, percebe e calcula. Só a cobiça poderá combater com seus costumados sophismas os argumentos, que sobre tal objecto por tantas vezes se tem pu-

blicado. Deixaremos a tarefa de os refutar, a quem se occupe especialmente d'esse assumpto ; esperando tambem que pennas mais bem aparadas nos tracem algum plano, que mais aproveite á civilisação dos indigenas, e que nos forre ao perigo de introduzir no Brazil livre a raça africana, que temos escravisado com offensa da humanidade e retardamento da nossa agricultura ; porque, como diz o economista hespanhol Bernardo Ward:— ella não medra onde o que trabalha não colhe, e o que colhe não goza do fructo de seu trabalho.

NOVO TRABALHO DO SOCIO SR. JOSE' SILVESTRE REBELLO

Em uma das nossas sessões anteriores foi tirado por sorte, e lido o programma seguinte:

« Se a introducção de africanos no Brazil serve de embaraçar a civilisação dos indios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuizo da lavoura brasileira entregue exclusivamente a escravos ? »

Sobre este interessante assumpto já leu o nosso illustre socio, o Sr. J. da C. Barbosa, uma memoria, na qual o programma está optimamente elucidado e demonstrado; comtudo resolvi-me a dizer sobre o mesmo alguma cousa, ainda que pouco, não para patentear muitas novas idéas, mas sim e unicamente como um *post scriptum* á mesma optima Memoria.

A primeira idéa de fazer commercio de escravos na America foi suscitada por Christovam Colombo, que a descobriu, e a quem o mundo deve este grande serviço. Foi elle que no regresso da segunda Frota de S. Domingos para a Hespanha, em 1494, commandada por um tal Torres, propoz aos commerciantes de Sevilha, que, como objecto de commercio, achariam elles na cidade, então nascendo, de Izabella, caraibbes barbaros tomados prisioneiros em legitima guerra, e que seriam trocados por animaes e ferramentas importados da Europa, tendo em vista o mesmo Colombo, que os selvagens chegados á Europa seriam convertidos, baptizados, e postos em caminho da salvação ; e foi pela mesma Frota, que elle mandou quinhentos indios prisioneiros, para serem vendidos como escravos, e o seu valor servir para indemnisar o thesouro dos soberanos, das despezas até ali feitas com a nova descoberta, e para pagar as quaes, ainda as já conhecidas minas de Cibáo não tinham podido ser trabalhadas ; o deve servir de desculpa ao mesmo grande homem as seguintes palavras do tambem celebrado Las-Casas: — Se os homens piedosos e sabios, cujos conselhos e instrucções serviam de guia aos soberanos Elizabeth e Fernando, ignoravam a injustiça de um tal acto, ninguem se deve admirar de que o illiterato almirante não sentisse o choque consciencioso da sua impropriedade.

Na chegada da Frota a Sevilha vieram ordens da côrte para se venderem os indios como escravos; comtudo o piedoso coração de Elizabeth fez com que esta ordem fosse depois con-

tramandada, e que os indios não vendidos, fossem reenviados a S. Domingos, para onde se mandou tambem outra ordem, para que os mesmos indios fossem alliciados com afagos e carinhos, e não perseguidos militarmente e reduzidos á escravidão; esta ultima ordem de nada serviu: o mal estava começado, e continuou.

O mesmo havia antes praticado o infante D. Henrique em Portugal, em 1433, com algumas creaturas de Canarias, que um tal Gillianes roubára com o fim de as vender como escravas. Logo que o infante soube d'isto mandou tratar carinhosamente as mesmas, vestiu-as, e obrigou ao mesmo Gillianes a restitui-las á sua patria.

Já não succedeu assim com os mouros, que, em 1442, agarrou no Rio do Ouro na Costa d'Africa Antonio Gonçalves; estes foram tratados como escravos, e alguns só restituidos á sua terra, promettendo resgatar-se por ouro, escravos pretos de varias nações, e outras cousas; o que com effeito se verificou no mesmoanno, apparecendo, talvez pela primeira vez então na Europa, dez homens pretos, oriundos da costa occidental da Africa.

Assim começou o mal que veio inficionar a America; depois o commercio para a Europa continuou, e activamente: sendo muitos homens, notaveis em saber, e mesmo em virtudes, de parecer, que a escravidão era e devia ser a pena dos barbaros, que não cuidassem em civilisar-se, para no novo estado serem obrigados a abraçar a verdadeira crença; serem baptizados, instruidos, e ensinados a ser virtuosos, e por este meio obterem a necessaria salvação.

Em 1501 publicaram os monarchas hespanhóes varios regulamentos para servirem de governo nas terras de novo descobertas, e por descobrir; entre os artigós ha um permittindo conduzir, de Sevilha para as mesmas, escravos de orjgem africana, comtanto que fossem nascidos em Hespanha, e portanto doutrinados na religião christãa; para servirem não só para os trabalhos, mas tambem para concorrerem na familiaridade da vida para a conversão dos indios. Nicoláo Ovando partiu então com o caracter de governador geral das terras novamente descobertas; foi elle o primeiro que trouxe o sangue africano para a America, e o desembarcou em S. Domingos. Altos são sem duvida os juizos de Deos, e os destinos dos homens; hoje esta ilha pertence politicamente a homens livres, descendentes d'aquelles e outros escravos da mesma raça.

Eu ignoro a época precisa da importação dos primeiros escravos no Brazil; é comtudo provavel que sendo elles em 1500 propriedade mui commum em Portugal, que a esquadra de Pedro Alvares Cabral trouxesse algum; é certo que ao partir nenhum ficou em terra. E' tambem provavel que as duas esquadras mandadas seguidamente explorar o Brazil por El-Rei D. Manoel, e os especuladores, que seguidamente vieram a esta parte do mundo fazer o commercio do páo-brazil, trouxessem a bordo alguns africanos, ou descendentes d'elles; mas não me consta que algum fosse deixado em terra.

E' certo que Martim Affonso de Souza, em S. Vicente, permittiu a Pedro de Góes, em 1531, o mandar para a Europa nos navios de El-Rei dezesete escravos indios. E' preciso comtudo dizer, que estas creaturas não foram escravisadas pelos descobridores e primeiros povoadores do mesmo S. Vicente, mas sim compradas áquelles dos indios, que os haviam feito prisioneiras em combates, a seu modo, regulares; concorrendo por este acto os estrangeiros para salvar a vida a esses infelizes, que eram comidos, em dias de grandes festas, pelos mais valentes vencedores, e as suas familias. Todo o mundo sabe que a anthropofagia era coisa regular na America quasi toda, quando se descobriu; e, onde havia mais humanidade, só se praticava com os prisioneiros de guerra: ora, como o primeiro bem do homem é ser, e o segundo ser livre, é claro que foi então um acto meritorio, comprando os prisioneiros, dar-lhes a vida a troco da liberdade.

Poucos annos depois já haviam alguns escravos africanos em S. Vicente, e, portanto, á fundação da Colonia seguiu-se logo o commercio de escravos tanto da Europa como da Africa.

Como o numero d'estes, no principio, era pequeno, e o seu custo maior do que o dos escravos indios, que por lei estiveram a menos, mas não a mais de 4$000 réis, continuou a escravidão dos indios; mas como o trabalho d'estes luzia menos do que o dos africanos, foram aquelles a pouco e pouco substituidos por estes, e por consequencia foi-se abandonando o resgate dos indios, e foram-se deixando mais á disposição dos meritorios Jesuitas e mais religiosos de outras Ordens, que caritativamente se empregavam com toda a piedade na conversão e civilisação dos mesmos indios.

Não foi comtudo esta transição feita sem querellas e disputas de grande soada. Houveram queixas reciprocas para a côrte. Foram expulsos os Jesuitas de S. Paulo; e a teima dos povoadores da mesma provincia, em proseguir o resgate, deu pé a uma enorme collecção de mentiras e falsidades, que se acham impressas em varios livros contra os activos e valentes Paulistas; foram até chamados republicanos, creando-se-lhes um governo imaginario, que entre elles nunca existiu.

O que aconteceu em S. Paulo foi repetido nas provincias do Norte, muito principalmente na do Maranhão. Tudo se acha optimamente descripto na preciosa Memoria, de que esta será um additamento. Repetirei comtudo aqui de mais, pelo que tem de exquisitas, as seguintes palavras, que se acham escriptas em uma Memoria, que, segundo creio, ainda não foi impressa. — « Se (escreveu Manoel Guedes Aranha, seu autor) os nobres, nos paizes civilizados, são tidos em grande estima, com maior razão devem ser estimados os homens brancos em paiz de hereges, porque aquelles foram criados com o leite da igreja e da fé christãa.

Além d'isso, differentes homens são proprios para differentes coisas; nós somos proprios para introduzir a religião

entre elles, e elles são adequados para nos servir, para caçar para nós, para pescar para nós, e para trabalhar para nós.»

E' pois claro que a importação de escravos africanos diminuiu os trabalhos braçaes dos indios, e que ficaram, por esta razão, mais aptos a serem, como o foram muitos, catechisados e civilisados, e tornados homens uteis ao seu paiz, e a si mesmos.

Assim iam as coisas, quando a lei de 1759 aboliu a Sociedade Religiosa dos Jesuitas em Portugal e seus dominios; lei que foi a precursora do Breve, que, em 1773, os extinguiu. No Brazil as suas missões e aldêas passaram a administradores seculares; hoje já são rarissimos os indios civilizados no imperio: a aldêa de S. Lourenço, no lado opposto d'esta bahia, que tinha então mais de 500 casaes, tem hoje 3 ou 4.

Queira o céo, que as missões ultimamente creadas em Matto Grosso, continuem a prosperar, e que os numerosos indios, que ainda hoje habitam as margens do Amazonas, sejam reduzidos ao mesmo estado, para o que de boa vontade concorrerão outra vez os Jesuitas, sempre que para isso francamente os convidem.

A diminuta quantidade dos nossos productos ruraes, e a sua inferior qnalidade, o que prova a vergonhosa differença de preços que alcançam na Europa, comparados com os que vem das Antilhas, e outros paizes d'entre os Tropicos, não é só devida á brutalidade dos trabalhadores, mas sim tambem á cracissima ignorancia de quem os administra. Rara é a fazenda entre nós, cujo feitor sabe mais do que ler, e isso mesmo mascando as palavras.

Nos outros paizes entre-tropicaes é hoje raro o administrador, que não tem algumas idéas das sciencias naturaes, principalmente de Botanica e Chimica; não são professores, mas sabem quanto basta para auxiliar a natureza. O resultado é publico nas listas dos preços correntes, que nos vem amiudadas vezes da Europa. O assucar da Havana vale oito a dez tostões mais em arroba, do que o do Brazil. Os algodões, conhecidos no commercio com o nome de — Ilhas do Sul, — valem quatro vintens mais em libra, do que o de Pernambuco, havendo as sementes d'aquella variedade sahido da mesma provincia; e ninguem attribua isto ao clima, porque o algodão é indigena d'entre os Tropicos, e as costas da Georgia aonde se cria essa preciosidade no seu genero, estão fóra delles. O café de Java obtem pelo menos um vintem mais em arratel do que o mais superior do nosso. Isto, meus Srs., não é devido a localidades, é obra do saber, estudo, meditação e ao desejo de melhorar, que deve animar e aviventar todo o homem de brio.

E não é só a qualidade que ganha todos os dias por toda a parte, é tambem a quantidade. A Ilha de Cuba exportava em 1809 trezentos mil fechos de assucar, hoje exporta quinhentos mil; e o seu trabalho braçal é obra de escravos da mesma raça, de que são os nossos. Os Americanos começaram a cultivar o algodão, depois da sua independencia, e mesmo

bastantes annos depois; e agora já exportam mais de um milhão de fardos muito maiores do que as nossas saccas; o seu valor no anno passado, segundo o relatorio do ministro do thesouro em Washington, andou por mais de sessenta e dois milhões de pesos. Ignoro qual seja o augmento da producção do café em varios lugares do mundo, mas creio que, a não ser neste ramo, estamos estacionarios.

Muitos annos ha que exportavamos oitenta mil caixas de assucar, actualmente exportamos igual quantidade. De 1800 a 1815 exportavamos duzentas e cincoenta mil saccas de algodão e presentemente não exportamos mais. E' a exportação do café, que tem crescido assombrosamente, o que nimiamente consola aos verdadeiros Brazileiros; é verdade que infelizmente exportamos cinco qualidades, quando dos outros paizes só sahem duas— bom e escolha —; e já se vê que isto influe nos preços, pelo não separar só em duas qualidades, primeira e segunda sorte, como deve ser, perdemos, segundo eu o entendo, mais de cem contos de réis annuaes. Se o café do Rio apparecesse nos mercados da Europa bem escolhido, e separado em duas classes, valeria provavelmente tanto como o de Moca; é tão aromatico, saboroso e conveniente á vida animal, como o d'aquella parte do mundo, e pela mesma razão.

E' verdade que os bons instrumentos concorrem para o bem feito da obra; mas é tambem certo, que o bom mestre mesmo com os indifferentes faz obras menos más. Não se deve pois attribuir só aos semibrutos escravos o atraso da nossa agricultura; é devido muito principalmente á ignorancia dos feitores, pois que a mesma raça de escravos em outras partes dá melhores resultados; é portanto este bem devido ao saber e industria de quem os administra.

Tenho dito sobre o programma em questão o que sei; se não cumpri bem a minha tarefa, a culpa, meus Srs., não provém da falta de vontade, mas sim da pequeneza da minha intelligencia.

INFORMAÇÃO

DE

MANOEL VIEIRA DE ALBUQUERQUE TOVAR

SOBRE A NAVEGAÇÃO IMPORTANTISSIMA DO RIO DOCE

Copiada de um manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. José Domingues de Athaide Moncorvo

---

Sendo o Rio Doce um dos primeiros que se conheceu e navegou, logo depois do descobrimento do Brazil, subindo por elle Sebastião Fernandes Tourinho e Antonio Dias Adorno, no principio do reinado do Sr. Rei D. Sebastião, até hoje se não tem franqueado a sua navegação; nem tão pouco se tem conhecido os muitos rios auxiliares, que o enriquecem; e tanto um como outros teriam decisivamente felicitado as ricas capitanias de Minas Geraes e do Espirito Santo. Mas o céo guardava para augmento da gloria do nosso augusto soberano, depois que veio felicitar com a sua real presença este grande continente, o franquear-se a navegação de rios tão interessantes, por meio dos quaes as cidades e villas do centro do Brazil se communicarão com os portos de todos os imperios e reinos do mundo.

Muitos e mui differentes tem sido os pareceres d'aquellas pessoas, que sem conhecimento ocular da navegação do Rio Doce, e dos obstaculos que a embaraçam, formavam planos, já para se removerem e destruirem as cachoeiras e obstaculos, fazendo-se diques e canaes, já para se impedirem os ataques dos gentios; outros ainda que tinham navegado aquelle rio, e visto as suas cachoeiras, comtudo não podiam conhecer os meios de remover obstaculo algum, pois lhe faltavam os conhecimentos precisos. Estas e algumas outras razões fizeram, que desde o anno de 1800, tempo em que se formaram os quarteis de Souza e Lorena, e se fez a divisão das duas capitanias, estabelecendo-se destacamentos para servirem de registo, etc., o commercio das duas capitanias não tivesse até hoje augmento algum; nem tão pouco os estabelecimentos d'agricultura, e mineração, os quaes devem sempre marchar a par da navegação e commercio do mesmo rio.

O governo da capitania de Minas, sempre duvidoso de quaes seriam os meios que adoptaria para conseguir tão importante obra, ora estabelecia destacamentos, ora os levantava, faltando-lhe sempre o conhecimento ocular, ou de pessoa de confiança e intelligencia, que cabalmente lhe fizesse ver os meios que se deviam adoptar; e assim tem decorrido quasi 10

annos, sem que os povos de uma e outra capitania tenham recebido interesse algum de tão interessante navegação, despendendo comtudo a real fazenda grossas sommas em formar quarteis, fazer canôas, e já entretendo destacamentos, fieis, canoeiros, etc., existindo do mesmo modo, como talvez existiram ha muitos seculos, os obstaculos que hoje existem e difficultam aquella navegação.

A navegação do Rio Doce, de sua barra até o Porto de Souza, é franca e boa, e pouco abaixo do dito Porto de Souza, admitte barcaças, que podem velejar e mesmo bordejar. O tempo que se gastará nesta navegação não se póde calcular exactamente; pois a maior ou menor porção d'agua ou vento influe na maior ou menor velocidade das embarcações; e por consequencia no espaço corrido em certo tempo dado. Mas regularmente uma canôa varejada gasta 5 a 6 dias, do Porto da Regencia ao do Souza; e, desde aquelle, 2. A sua carga é de 90 a 100 arrobas, e de uma barcaça de 800 a 1000. Pouco acima do Quartel de Souza, até a Natividade, é que existem as 5 cachoeiras, denominadas — As Escadinhas,— as quaes occupam o espaço de duas, a duas leguas e meia. Estas de modo algum podem ser totalmente destruidas, e tão pouco se podem abrir canaes; pois as rochas e montões de pedra que existem nas margens do rio, e de que é formado o seu leito, impedem a factura de qualquer obra, que o mais habil hydraulico ali quizesse dirigir; pois o augmento do volume d'agua de 30 palmos nas grandes cheias, o seu peso e velocidade adquirido no plano inclinado por onde corre, destruiriam e arruinariam os canaes e diques, que se formassem nas ditas cachoeiras; sendo preciso enormes sommas pecuniarias para se formarem, e iguaes despezas para se conservarem.

Mas attentas as razões que vou a expôr, a existencia das ditas cachoeiras pouco ou nada podem influir no commercio das duas capitanias, o qual ganhará muito em se permutarem ali os generos; a navegação será mais facil, e todos os mais estabelecimentos ganharão bem rapido progresso.

Se a navegação de todo o Rio Doce admittisse barcaças, as cachoeiras das Escadinhas lhe serviriam de um grande obstaculo; mas como muitos lugares do rio, que pertencem á capitania de Minas Geraes, só admittem navegação de canôas, sempre no ultimo d'estes se deveriam baldear os generos para barcaças. Pois bem: se a Natureza estabeleceu a navegação d'este rio, bem como de cabotagem (por assim me exprimir) fazendo o commercio, de porto a porto em embarcações costeiras, porque se não fará o commercio de tão rica capitania em canôas na parte do rio, em que estas podem navegar, e em barcaças naquella, em que o rio as admitte? O lugar mais conveniente para se poderem baldear os generos de uma para outra embarcação, é sem duvida nos limites das duas capitanias; e baldeando-se os generos, porque se não permutarão logo? Permutando-se, as grandes cachoeiras das Escadinhas ficarão como negativas a bem do commercio e navegação, de que resultará

grandes vantagens á agricultura, mineração, povoação e extincção do gentio, e ao mesmo commercio e navegação.

Formando-se no Porto da Natividade, que fica acima das Escadinhas, armazens para se receberem todos os generos de importação e exportação, as canôas de Minas, chegando áquelle porto, não terão demora alguma, senão em permutarem, ou venderem as suas carregações. Nos armazens que já existem no Porto de Souza se receberão igualmente os generos de importação ou os já permutados, não tendo demora alguma as embarcações, que d'ali navegarem até a foz do rio, senão a entregar as cargas nos armazens, e receber aquellas que ali estiverem já permutadas ou vendidas. Feitos estes estabelecimentos, e concluida a estrada do Quartel de Souza, para o da Natividade, pela qual possam andar bestas, carros ou carroças, estas de manhãa conduzirão os generos, que estiverem depositados nos armazens de Souza ; e de tarde, voltando, conduzirão aquelles já comprados ou permutados, que existirem nos armazens da Natividade.

Posto isto, o commercio se augmentará mais e mais ; pois a permuta dos generos se fará em menor tempo, e os riscos e despezas se dividirão entre os negociantes de Minas, que ali fôrem negociar com aquelles que, n'aquelle mesmo lugar, formarem estabelecimentos. A navegação será mais facil, por ser feita em menos tempo, em differentes embarcações, e por canoeiros praticos das duas partes do rio, e adoecerem menos do que se fizessem toda a navegação.

A agricultura terá grande augmento no Porto de Souza, e Natividade ; não só pelo terreno ser muito productivo, como pelos estabelecimentos, que immediatamente ali se farão para criação de bestas, bois, etc.; e pela concurrencia de commerciantes, fazendeiros, etc. Em poucos annos os dois quarteis serão grandes aldêas ou villas. Do augmento da população vem os estabelecimentos da mineração nos rios Guandú e Mai-Nassú, ricos em minas de ouro (como é constante) ; e todos estes estabelecimentos contribuirão muito para a civilisação do gentio ; ou serem afugentados d'aquelles productivos e auriferos terrenos, ou para sua total extincção ; e d'esta maneira fica obviado o grande obstaculo das cachoeiras das Escadinhas, resultando as vantagens acima ditas.

A navegação do Porto da Natividade até a barra do rio Cuieté, ainda que tem a vencer as muito pequenas difficuldades da Cachoeira do Inferno, e passagem do M., comtudo em toda a estação do anno se póde navegar, sem ser necessario descarregar canôas, etc. Em duas horas, dez canôas passaram aquelles dois pequenos obstaculos, só com o trabalho de serem puxadas por cabos ou cipós. Tres a tres dias e meio é o tempo que regularmente se gasta da Natividade ao Cuieté. O augmento dos estabelecimentos, tanto do Arraial do Cuieté, como do destacamento que existe na barra, será de mui grande vantagem á navegação e commercio do Rio Doce, como igualmente á agricultura, mineração e povoação ; pois o seu terreno é o mais

productivo e aurifero que se conhece. Da barra do rio Cuieté á foz do rio Sussuhy Grande se gasta dia e meio, sendo a navegação mais franca e boa. Este rio enriquecerá igualmente a comarca do Serro do Frio, até Minas Novas, d'onde se exportarão os seus bellos algodões por muito menos preço do que hoje se exportam, como todos os mais generos de exportação, recebendo em troco, e a melhor mercado os generos de consumo. A navegação interessante d'este rio se deve animar o mais possivel, fazendo-se quarteis, destacamentos e todos os mais estabelecimentos que se julguem precisos.

De Sussuhy Grande á cachoeira do Boguary se gasta dia e meio; e em toda esta navegação se não encontra cachoeira ou difficuldade alguma que a interrompa ou difficulte, exceptuando a passagem da Figueira, cujo pequeno obstaculo ficará removido tanto que se quebrem duas pedras, o que é da maior facilidade possivel; e hoje mesmo é um obstaculo de tão pequena monta, que dez canôas a passaram em meia hora.

A cachoeira do Boguary, ainda que fosse possivel o destruir-se (o que se não conseguiria sem despezas enormes e grandes difficuldades), nunca jámais se devia fazer, pois é bem de suppôr que se descobrissem outras cachoeiras, que igualmente impedissem a navegação; e para que se hão de fazer despezas pecuniarias e expôr a novas difficuldades, havendo um meio bem facil de se obviar aquelle obstaculo; e vem a ser:—mudar-se o quartel, que existe no ilhote do Boguarv, para terra firme, no lugar mais conveniente, fazendo-se franca a estrada, que ali se mandou abrir, de modo que possam andar carrinhos de mão, ou mesmo carros ou carroças. Posto isto, as canôas, que navegarem do Porto da Natividade até a dita cachoeira, logo que ali chegarem serão immediatamente descarregadas, e as suas cargas conduzidas nos ditos carrinhos ou carros, até o cimo da cachoeira, aonde se embarcarão em canôas, que ali sempre devem existir. E como a distancia do principio da cachoeira ao fim apenas será de dois tiros de bala de mosquetaria, em muito pequeno espaço de tempo as cargas serão baldeadas de umas canôas para outras; e praticando-se o mesmo com as que descerem de cima, ficará d'esta maneira obviado o embaraço da cachoeira do Boguary, resultando ao mesmo tempo d'estes estabelecimentos grandes vantagens á agricultura e povoação do Rio Doce: e tanto uma como ontra, por todos os modos se deve sempre animar.

Da cachoeira do Boguary, á barra do rio de Santo Antonio dos Ferros, se gasta pouco mais de um dia. A navegação deste rio se deve animar o mais possivel; assim como todos os seus estabelecimentos, pois virá a ser um canal de riquezas para as duas comarcas de Sabará e Serro do Frio.

Da barra do rio de Santo Antonio á Cachoeira Escura, se gasta menos de um dia, e toda a navegação de uma cachoeira á outra, é a mais franca e boa, podendo mesmo navegar grandes barcaças. O obstaculo d'esta cachoeira será facil destruir-se, com muito pequena despeza, abrindo-se um canal da parte do Leste,

o qual terá a extensão de um tiro de bala de mosquetaria; e logo que se abrir o canal, o quartel da Cachoeira Escura deverá passar para aquella parte, para proteger a navegação e commercio, etc. Mas emquanto se não abrir o dito canal, os mesmos estabelecimentos que se devem fazer na cachoeira do Boguary, igualmente se devem fazer nesta.

Da Cachoeira Escura á barra do rio Piracicaba, se gasta um dia; e subindo por este rio, até o Porto das Canôas, dia e meio. Neste porto se deve estabelecer um destacamento, reedificando-se o quartel, que alli existe, e formar alguns armazens.

D'esta maneira, não só a navegação do Rio Doce, e de todos aquelles que o enriquecem, terão um rapido augmento, como o commercio, agricultura e mineração de todas as comarcas do interior do Brazil; pois é bem sensivel a grande differença da despeza, que hoje se faz, na importação de todos os generos, áquella que se fará pelo Rio Doce. Uma canôa conduz a carga de 10 a 11 bestas, e custa 16$000 a 18$ rs., não fazendo diariamente despeza alguma; e uma besta custando 40$000 a 50$ rs., fará despeza diaria de milho, ferragem, apparelhos, etc.; accrescendo, que uma canôa dura muitos annos, e as bestas morrem e adoecem com muita facilidade nas grandes e difficultosas viagens, principalmente no tempo das aguas.

Rio de Janeiro, 18 de Julho de 1810.

SIMPLES NARRAÇÃO

DA

VIAGEM QUE FEZ AO RIO PARANÁ

O thesoureiro-mór da Sé d'esta cidade de S. Paulo

JOÃO FERREIRA DE OLIVEIRA BUENO,

Acompanhado de seu irmão o capitão Miguel Ferreira de Oliveira Bueno, aos 3 dias do mez de Setembro de 1810.

(Copiada de um manuscripto, offerecido ao instituto pelo socio o Sr. J. D. de A. Moncorvo.)

1810. Dia 3 de Setembro.—Promptificadas as canôas, provisões e tudo quanto me era preciso, e precedidos os avisos d'este Engenho de S. João, sito na margem do rio Capivary, distante da villa de Porto Feliz quatro leguas para o Engenho de Itanhaem, onde existe meu irmão o capitão Miguel Ferreira de Oliveira Bueno, na margem do rio Thieté, legua e meia distante da predita villa, para largarem as canôas no mesmo dia, e nos unirmos na barra do Capivary; sahi d'este engenho com tres canôas, e fui pernoitar abaixo da cachoeira ou Canal Torto.

Dia 4.—De manhãa segui viagem, e encontrando bastantes difficuldades nas muitas tranqueiras que impediam a navegação, cheguei á barra quasi noite, chegando ao mesmo tempo meu irmão com as mais canôas.

Dia 5.—De manhãa depois de ter arranjado as cargas em cinco canôas, uma de cinco palmos de largo, duas de quatro, uma de tres e meio e outra menor, naveguei pelo rio Thieté abaixo, levando trinta pessoas entre pilotos, proeiros e remeiros, todos peritos nesta navegação, e praticos nos diversos e tortuosos canaes das cachoeiras, e tendo passado pelas barras do Ribeirão, Capivary-Mirim, Rio de Sorocaba, Cacatu e ontros ribeirões, viemos dormir no Boguary, na margem oriental do rio.

Dia 6.—Logo que amanheceu continuei a navegar atravessando as barras de varios ribeirões, e passando por terras altas e mattas mui frondosas de uma e outra margem, que seguram a maior fertilidade a quem houver de cultivar estes desprezados terrenos; e chegando á barra de um lindo ribeirão, denominado—Moquen,—cujo terreno se principia a elevar da margem do rio; mandei soltar tres cães de raça, os quaes d'ahi

a pouco trouxeram um veado pardo, que sendo morto, continuei a viagem, vindo dormir defronte do ribeirão de Jatahy, sem mais outro algum acaso.

Dia 7.—Antes que raiasse a aurora, mandei sahir a canôa menor para pescar e ter peixe para o jantar, por ser dia de abstinencia, e quando cheguei á ilha de Banharom-Merim estava já á espera a dita canôa com o peixe sufficiente para o jantar e ceia ; e, depois de jantar nesse mesmo lugar, continuei minha viagem, tendo antecedentemente e ainda depois, passado por muitas ilhas, assim como ás quatro horas da tarde atravessei a barra do rio Piracicaba, sendo Thieté d'ahi para baixo muito mais agradavel e vistoso pela sua largura, e vim dormir no Barreiro Velho.

Dia 8.—Preparei um altar dentro da barraca que me servia de abrigo, e depois de dizer missa, que toda a minha gente ouviu, mandei largar as canôas, e sem novidade vim dormir logo abaixo do Banharom, no principio da cachoeira, e ás duas horas da noite sobreveio uma grande tormenta de relampagos, trovões, e chuva, que tudo molhou, e assim continuou até as 8 horas do dia.

Dia 9.—A's dez horas largaram-se as canôas, e vim dormir na cabeceira do estirão do Potonduba, atravessando varios ribeirões, entre os quaes se faz muito distincto e vistoso o dos Lançóes, pela formosa symetria, com que de degráo em degráo se despenha no Thieté, e então por mim foram mortos um pato silvestre e duas jacutingas.

Dia 10.—Parei no Potonduba onde se descarregaram as canôas para se enxugarem as cargas, provisões e roupas. Emquanto pois isto se fazia, matei um corvo branco, e alguns da tripolação fizeram copiosa pescaria de varias qualidades de peixe.

Dia 11.—Sahi cedo do pouso, tendo mandado na tarde antecedente carregar as canôas; porém foi logo preciso parar na Figueira Grande, por causa da cerração que impedia o navegar-se ; e logo que se adelgaçou a nevoa, continuei a viagem para a cacho-do Baurú, onde foi preciso pôrem-se as canôas a meia carga para passarem, transportando-se por terra as cargas que se tiraram das canôas : e depois de reembarcadas, segui para diante, e passei as cachoeiras de Bariri-Mirim e de Bariguassú que é tortuosa e extensa, na qual de novo foi preciso descarregarem-se as canôas e conduzi-las por terra, afim de ficarem as ditas canôas alliviadas para passarem sem perigo, e vim dormir cedo na cabeceira da cachoeira do Sapé, por causa de uma trovoada, matando-se muitas jacutingas e patos, e pescando-se peixes immensos.

Dia 12. — De manhãa mandei soltar alguns cães de caça, e logo trouxeram ao rio dois veados, os quaes se mataram, além de muitas jacutingas ; e os mesmos cães pegaram um quaty dos grandes que chamam *mundé*, e por este motivo largaram-se as canôas ás duas horas da tarde, e vim dormir no estirão do Vieira, passando as cachoeiras do Sapé, Congonhas e varias ilhas.

Dia 13. — Quando apontava o sol no horizonte embarquei; largaram-se as canôas, e vim dormir no ribeirão da cabeceira da cachoeira de Itambá-Periric a, atravessando as barras dos dois rios Jacaré-Pipira e Jacaréguassú que vem da parte oriental, conjecturando com todo o fundamento que Jacaréguassú divide os campos de Araguára da Campanha que se estende até o Paraná, passando igualmente n'este dia a cachoeira de Guanicanga, que é extensa e de ondas abundantes, algumas das quaes enxovalharam as canôas; e n'esse mesmo dia por mim foram mortos alguns patos silvestres e jacutingas.

Dia 14. — As tres horas da madrugada sobreveio uma trovoada e chuva que durou até o amanhecer; e como não era copiosa, e não me impedia a viagem, mandei largar as canôas, adiantando-se a menor, que fez copiosa pescaria, e passei com felicidade as cachoeiras do Tambá-Peririca, da Escaramuça do Gato, de Tambaú e muitas ilhas, em uma das quaes, em que jantei, começou a gente da tripolação a furar a arêa com páos, e por este meio descobriram ninhadas de ovos de kagado, que com satisfação comeram; e depois naveguei pelo Rio Morto que vai até o Salto de Baiandaba, e vim dormir no Vara-Velho; e no desembarque saltaram os cães, e entrando pelo mato trouxeram dois veados, um pardo e outro virá, os quaes se mataram.

Dia 15. — Logo que sahi do poiso mandei soltar os cães, e d'ahi a pouco trouxeram uma anta, a qual matei e uma jacutinga; e depois de embarcado em uma canôa segui para diante encontrando muitos bandos de patos, dos quaes se mataram alguns, e tambem mataram-se algumas jacutingas; e na acção de jantar que foi na Ilha do Meio, esfolou-se a anta, e se fez boa pescaria, e tirou se uma abelheira que deu algum mel e cêra; vim dormir nos campos, e depois que anoiteceu embarcaram-se dois remeiros e foram esperar caça em um barreiro, pois que ha muita pelas margens do rio, e mataram uma anta.

Dia 16. — De manhãa cedo desamarraram-se as canôas, e ás 9 horas cheguei á barra do Ribeirão do Campo, onde mandei armar a barraca, e preparei o altar, em que celebrei os Santos Mysterios a que todos assistiram; e depois mandei fazer uma cabana coberta de capim com um giráu alto, em que deixei parte dos viveres, ficando de todos os lados tapada de capim e páos, para por este meio ficaram as canôas mais boiantes e passarem as grandes e successivas cachoeiras que existem entre os grandes saltos de Baiandaba e Itapura, e evitar-se o transporte no descarregador do dito Baiandaba que é extenso. Continuei depois a viagem passando as cachoeiras do Campo e de Baiandaba-Mirim, que é cheia de ondas, chegando ás cinco horas da tarde ao Grande Salto de Baiandaba onde dormi,

Dia 17. — De manhãa mandei dercarregar as canôas, e emquanto se transportavam as cargas e se varavam as canôas

por terra, cujo caminho terá de extensão 400 ou 500 braças, mandei soltar quatro cães acima do salto, os quaes dentro de meia hora trouxeram ao rio uma anta, a qual foi morta, e dormi no mesmo salto da parte de baixo, porque se consumiu todo o dia no transporte das cargas e varações das canôas; e é de notar que sendo o rio acima do Salto bastantemente largo, e despenhar-se em toda a sua largura por cima de pedras, por seis canaes principaes, pelos quaes vem grande abundancia de aguas, logo abaixo fica tão estreito que terá dez ou doze braças de largo, e assim corre meio quarto de legoa por entre um recife de pedras, de um e outro lado, até que novamente toma a sua perfeita largura.

Dia 18. — N'este dia logo de manhãa passei a cocheira Escaramuça Grande que é caracolada, extensa e cheia de ondas, algumas das quaes entraram nas canôas, apezar de virem boiantes em meia carga; e ao meio dia cheguei ao pequeno Salto de Itupanema, onde se descarregaram as canôas e se carregaram as cargas por terra passando aquellas por um pequeno braço da parte occidental, e de tão pouca agua se vinham arrastando por cima das pedras por espaço dilatado; e depois de reembarcado todo o trem, continuei a navegar, e vendo logo abaixo uma anta que subia á ribanceira do rio, mandando soltar os cães atraz d'ella a trouxeram atravessando o rio, sem que se lhe podesse atirar, por cahir muito acima das canôas; porém como os cães a traziam á vista, atravessaram tambem o rio, e d'ahi a pouco em logar de uma, vieram duas, as quaes se mataram, e depois de embarcadas, vim dormir na cabeceira da cachoeira da ilha.

Dia 19. — Os pilotos e mais gente me requereram que queriam falhar este dia, tanto para descançar, como para beneficiar alguns peixes que se tinham pescado e as antas que tinham morto, no que convim; e por não estar ocioso mandei soltar os cães, e se mataram duas antas e um veado pardo; e outra anta escapou com um tiro.

Dia 20. — Segui viagem de manhãa; passei as cachoeiras da Ilha de Mato Secco, das Ondas Grandes, das Ondas Pequenas, do Funil Pequeno que é propriamente um Z, o do Funil Grande, onde, sem eu saber, uma partida de indios ferozes matou o piloto e guia de tres canôas que andavam em descobrimento de ouro; e jantei com toda segurança, sem desembarcar uma só espingarda, por ignorar o predito acontecimento; e depois de jantar passei a cachoeira de Guacurituba, sendo preciso para passar com segurança, dobrarem-se os pilotos e proeiros em cada canôa, sendo de notar que em todas as cachoeiras ha ilhas no meio do rio, e em algumas d'aquellas tres, quatro e cinco, todas grandes e cobertas de mato virgem, encontrando n'esta tarde seis antas, das quaes cercou se uma e matou-se; e vim dormir na cachoeira de Aracanguá-Mirim.

Dia 21. — Quando preparava o altar para celebrar o Santo Sacrificio da Missa, chegaram as canôas e gente que vinham

de levar a Camapaam o Sargento Mór Engenheiro, e trem Real para a Capitania de Mato-Grosso; e depois que todos ouviram missa separámo-nos, subindo elles o rio, e nós descendo-o; e vim dormir sem algum outro acaso mais do que encontrar algumas antas pelo rio, na cabeceira da cachoeira de Aracanguaçú.

Dia 22 dito. — De manhãa mandei largar as canôas; e logo que chegamos á grande Cachoeira de Aracanguaçú descarregaram-se todas as canôas; e depois de conduzidas por terra todas as cargas e mais trem, passaram se as canôas, cada uma de per si, com duas correntes de ferro, uma na prôa e outra na pôpa, e depois de tudo reembarcado, abaixo da dita cachoeira, continuei a viagem; porém foi logo preciso alliviarem-se novamente as canôas para poderem passar a cachoeira de Itupeva, e depois fui navegando até a cachoeira do Guacuritú-Mirim onde jantei, e vim dormir no Rio Morto, acima da grande cachoeira de Itupirá, vendo muitas antas, jacutingas e varias caças.

Dia 23. — Depois de dizer missa, desamarraram-se as canôas, e tendo passado a cachoeira de Itupirú-Mirim, cheguei á grande cachoeira de Itupirú onde se descarregaram as canôas; e depois de passadas as cargas por terra, ás costas da gente, foram levadas aquellas por junto á ribanceira occidental, o que levou muito tempo, por ser a cachoeira muito extensa, dilatando-se o rio tanto n'este logar que tem cinco ilhas e não pequenas, correndo grandes canaes por entre ellas. Naveguei felizmente o resto do dia, vindo dormir nos Tres Irmãos, sendo summamente perseguido por enxames de mosquitos chamados polvora.

Dia 24. — De manhãa largaram-se as canôas, e passei as cachoeiras dos Tres Irmãos e a de Itapú-Mirim, e ás dez horas do dia cheguei ao grande Salto de Itapura, no qual se descarregaram as canôas; e depois de transportadas todas as cargas, e varadas as canôas, ao pôr do sol sahi do salto, e vim dormir em uma ilha que fica quasi na confluencia do Thieté com o Paraná; escolhendo este logar como o mais seguro para a minha residencia, emquanto me demorava n'este sertão, pois que não podia ser atacado pelos barbaros sem que fossem sentidos; e logo depois que cheguei á ilha, estando tudo ainda em desarranjo, sobreveio uma grande trovoada de relampagos, trovões e chuva, que durou grande parte da noite.

Dia 25. — Este dia se consumio na factura das choupanas de palha, para abrigo das provisões e nosso commodo; e apezar de estar occupada toda a gente, uns a cortarem páos, outros em precurar palhas de coqueiro, outros em armar as choupanas, assim mesmo se fez uma pescaria assaz pingue de doirados, pacúguaçús, piracambuçús e jaús.

Dia 26. — Emquanto a maior parte da gente estava occupada em construir as choupanas, mandei duas canôas ao Paraná á pescaria, afim de ver se achavam vestigios de selvagens pelas suas margens; e se recolheram depois do meio dia

sem encontrar os barbaros, porém com as canôas cheias de peixe de varias qualidades e de bom tamanho.

Dia 27.— De manhãa naveguei com duas canôas pelo Paraná abaixo a ver se encontrava os indios, e cheguei á barra do Rio Sucuriú que desagua no Paraná da parte occidental ; e divisando muito abaixo uma fumaça na margem oriental, mandei virar as canôas para aquelle sitio, passando pelo Jupiá, que é um recife de pedras, que nasce de uma e outra margem para a foz do rio, ficando um pequeno boqueirão, por onde correm as aguas com immensa velocidade, fazendo muitos redomoinhos, sendo necessario passarem as canôas com cordas na popa e prôa, indo as pessoas que as levavam, por cima das pedras, afim de não serem submergidas pelos ditos redomoinhos, e parei em uma ilha de arêa e pedras, defronte do logar onde tinha divisado a fumaça, e n'ella demorei-me algum tempo, mandando tocar buzina, a ver si se mostravam os barbaros, o que não aconteceu : inferindo eu que era alguma partida ou tribu feroz que ali se achava ; e vendo baldada a minha diligencia, voltei para o meu quartel, chegando ás nove horas da noite, com projecto de ir no dia seguinte pelo Paraná acima até o Salto de Ururupungá, e depois que cheguei soube de uns mulatos, meus escravos, que tinham ido pelo Paraná acima, terem encontrado os selvagens em uma e outra margem do rio, de cujo encontro assustados voltaram com toda a celeridade.

Dia 28.— Amanheceu chovendo, e este acontecimento obstou ao meu projecto de ir ao Salto de Ururupungá ; porém meu irmão o capitão Miguel Ferreira de Oliveira Bueno, por divertir-se foi á barra do Rio Thieté, que fica proxima á ilha onde estava aquartelado, e n'ella encontrou na margem oriental do Paraná tres selvagens que pescavam, os quaes nenhum sobresalto tiveram, antes convieram em vir na canôa ao meu quartel, revestindo-se de tanta confiança e candura, que no embarque lançaram na praia seus arcos e frechas, e até uma faca velha que tinham ; mas meu irmão mandou embarcar tudo, e assim os trouxe ao meu abarracamento, onde os tratei com todo o agasalho e urbanidade ; e depois que lhes mandei dar de comer, dei-lhes facas, fumo, farinha, feijão, sal, assucar, e até mandei-lhes cortar os cabellos, e tornei a mandal-os pôr no mesmo logar em que tinham sido encontrados, rogando-lhes que dissessem aos seus chefes que viessem ao meu quartel, porque queria vel-os e mimoseal-os.

Dia 29.— Uma grande tormenta de trovões e copiosa chuva nos incommodou fortemente da meia noite para o dia, de sorte que as choupanas de folhas de coqueiro não nos serviram de abrigo algum. De manhãa cessou a tormenta, e tive toda a commodidade para celebrar o Santo Sacrificio da Missa, a que todos assistiram ; e logo que conclui, ouvi gritos de selvagens na margem oriental do Thieté, e projectando que vinham procurarme attrahidos do bom agasalho e afagos, com que tratei os tres no dia antecedente, mandei primeiro examinar se vinham ar-

mados, e vendo-os sem armas, mandei duas canôas a buscal-os, e com effeito vieram oito, inclusos os tres no dia antecedente, com uma mulher e uma pequena de dez annos, sua irmãa, aos quaes mandei dar de comer e mimoseei-os com varias dadivas de facas e outras bagatellas ; e perguntando-lhes eu pelo seu chefe, responderam que ahi vinham, e d'ahi a pouco ouvi novos gritos, e mandando as canôas, vieram doze indios com os seus dois chefes, cuja distincção se limitava em trazerem cobertas as partes pudendas, quando os outros estavam inteiramente nús. Logo que desembarcaram foram por mim festejados com grande desvelo, abraçando os chefes e tratando aos outros todos com a maior ternura ; logo reparti, por todos, facas, tesourinhas, fumo e varios comestiveis, pelo que se mostraram summamente satisfeitos ; e dizendo-me um chefe que estava nú, dei-lhe uma vestia, que vestiu fazendo ver que os tres selvagens, que eu tinha agasalhado no dia antecedente, a mulher de um d'estes e a cunhada vinham resolvidos a acompanhar-me ; porém que se fazia necessario que os pagasse a seus pais, o que com effeito fiz, dando dois machados, duas enxós, uma goiva e outra chata, uma enxada, uns facões, uma tesoura grande, uma foice, anzóes, linhas e varios comestiveis ; e depois que jantaram mandei cortar, com licença dos chefes, os cabellos acima da testa a todos, e os mesmos chefes mandaram cortar os seus : elles jantaram á minha mesa e com desembaraço fizeram uso dos garfos, colheres e facas, bebendo com satisfação e até fazendo-me saudes, e chamando-me Sr. Vergaie ; de tarde se despediram até o dia seguinte, convidando-os eu para que viessem cedo para ouvir missa ; ficaram os cinco que eu tinha comprado, mostrando-se insensiveis á ausencia dos outros, que foram transportados nas canôas ao mesmo logar em que tinham embarcado. Não deixei de admirar a fidelidade com que se comportaram estes barbaros, não tocando em coisa alguma, e bem diversos dos indios das ilhas do mar do sul e da America Septentrional, cuja natural propensão é roubar, e principalmente tudo o que é ferro ; estes, pelo contrario, pediram farinha, feijão, carne e sal ; o que a todos dei, e mui contentes se ausentaram.

Dia 30.— De manhãa cedo ouvi gritos, e dei ordem que fossem as canôas buscar os selvagens, e logo que chegaram, perguntou um dos chefes se eu já tinha dito Missa, e sendo respondido que não, deu um grito aos seus indios, que eram vinte e tantos, e no mesmo instante saltaram todos nas canôas, e vieram para o meu abarracamento, trazendo dois pequenos que me venderam por facões, facas, fumo, etc.; porém não trouxeram mulher alguma ; e depois que os afaguei mandando-lhes dar de comer, e varias bebidas espirituosas, preparei-me para dizer Missa, a que todos assistiram com respeito extraordinario, benzendo-se e fazendo tudo quanto fazia a minha gente. Estiveram comigo todo o dia, e n'este espaço de tempo fiz-lhes ver a triste vida, que passavam no meio destes sertões, sem recursos nas suas molestias e necessidades, expostos a serem devorados pelas

feras, e que eu tinha um chefe soberano, muito poderoso, que os havia prover de tudo quanto necessitassem, que lhes havia de dar terras para fazerem o seu alojamento, vestuario, ferramentas, o sustento para se alimentarem. Depois que os chefes me ouviram, responderam que estavam promptos, porém que os seus indios não sabiam navegar por cachoeiras e que para o anno lhes levasse dez canôas grandes para elles virem, e igualmente viveres ; e que além dos de suas aldêas, haviam de convidar a gente de duas aldêas, que ficam acima do Salto de Ururupungá, uma grande e outra menor, ambas do seu commando, para os acompanhar ; e que além disto, no Rio Sucuriú haviam tres aldêas de muita gente, commandadas por outro chefe, a quem tambem haviam de convidar para o mesmo fim, e que eu lhes não faltasse. Depois perguntaram que tal era o meu general, ao que respondi que era muito bom, e que os havia de prover de vestuario e de tudo o mais que precisassem, por ordem do meu Augusto Soberano ; ao que responderam que estava bom, e que o General de Goyaz (um pequenino) não era bom, porque lhes não dava ferramentas, nem vestuario. Quando foram horas de se ausentarem, pediram-me os chefes panellas e viveres, o que tudo queriam levar ás mulheres, e mais gente do seu alojamento, e que mandasse dar alguma farinha, feijão, carne e sal aos seus soldados, o que tudo fiz, accrescentando tambem o que dei aos chefes cuja dadiva constava de algumas garrafas de aguardente e espiritos ; assegurei-lhes que eu me ausentava, porém que no dia seguinte havia de ir ao salto de Ururupungá, e de caminho havia de tambem de ir despedir-me no seu alojamento ; d'esta sorte se ausentaram dizendo que eu era — *branco muito bom*. Sempre ouvi da Nação dos CAIPO'S mil atrocidades injuriosas á humanidade contra os nossos, que habitavam a estrada d'esta para a Capitania de Goyaz, contra os lavradores dispersos pelo seu districto ; porém depois que os communiquei, fórmo d'elles um juizo bem diverso d'aquellas noticias, e bem vantajoso a estes selvagens, descobrindo n'elles um fundo de probidade, reconhecimento, e confiança na fé publica, comprovada por algumas fallas, e passagens entre mim e elles.

1° de Outubro.— De manhãa mandei apromptar duas canôas, e n'ellas, com meu irmão, naveguei pelo Paraná acima, a ver o Salto de Ururupungá, e a despedir-me dos selvagens ; e tendo dobrado uma grande volta do rio, já á vista do Salto, distingui, na margem occidental, os indios que me esperavam, a cuja vista mandei dirigir as canôas para aquelle sitio, que é o porto do alojamento, que está situado na beira do campo, distante do rio obra de meia legua, proximo a um lindo ribeirão, que se despenha, por cima de pedras, no Paraná da parte occidental. Como vi todos os selvagens desarmados, não tive receio de chegar á praia, e n'ella desembarcar-me : abracei ali um dos chefes que se achava ; então saudando a todos os mais de ambos os sexos, acarinhando as mulheres com espelhos, tesourinhas e fumo, pedindo eu ao mesmo chefe algumas mulheres e homens, concedeu-me um casal, e ao meu irmão dois

com suas crias, por tres machados, duas foices, umas facas e outras bagatellas; uma vesti de baeta escarlate, e uma camisa, e como foi necessario mandar-se buscar á aldêa as duas crias do casal do meu irmão, veiu outro chefe enfurecido, contra seu irmão, pela gente que me tinha dado; ao que occorri ponderando, que esta gente se havia de unir a elle quando viesse para o anno, como me tinha assegurado, e que eu havia de levar em minha companhia a um indio João, seu cunhado; ao que me respondeu mais socegado, que não levasse a João, mas sim a Agostinho que já percebia a lingua portugueza, dizendo-me de novo que para o anno infallivelmente me esperava, e que não faltasse eu ao promettido, levando dez canôas com as provisões necessarias para sua gente, e para outra que havia de juntar dos outros alojamentos. Estava eu ainda nesta conversação, quando para mim veiu uma india velha, que chegava da aldêa summamente enfurecida; gritou comigo pela sua linguagem, bateu-me o pé, e vi-a em termos de atacar-me; o que vendo um chefe, veio direito á india, e não sei o que lhe disse, só sei que logo se moderou, e perguntando eu o que ella dizia, respondeu-me o interprete, que se queixava de eu trazer os filhos, e para inteiramente socegal-a, dei-lhe uma tesoura, um espelho e fumo; portanto ficou logo minha amiga; dirigindo-se para uma das canôas em que já estava a filha embarcada, principiou uma perlenga muito grande: inquirindo eu o que dizia ella, respondeu-se-me que estava dando conselhos á filha, e quando desataram-se as canôas, ella mesma atirou-se ao rio para empurrar uma dellas que estava encalhada sobre pedras. Com a mais affectuosa demonstração de ternura me despedi dos chefes e dos mais selvagens, e de novo me disseram aquelles que para o anno lhes levasse as canôas para virem com a sua gente, e me pediram farinha, feijão e sal, ao que respondi que lhes não podia mandar, porque no dia seguinte me ausentava, e que elles mandassem buscar esses viveres, uma vez que quizessem, ao meu abarracamento, o que logo fizeram mandando tres indios, que atravessaram o rio em uma canôinha muito mal feita, quando eu por elle descia a procurar a barra do Thieté. E' de notar que fielmente entregaram, sem eu pedir, as garrafas e sacos, que tinham levado no dia antecedente com viveres e espiritos, e por ser tarde e virem as canôas muito empachadas com gente, não cheguei ao Salto de Urupungá; quando cheguei ao meu domicilio, já achei os tres enviados, pelos quaes mandei um sacco de farinha, um de feijão, e outro com uma quarta de sal.

Como já descrevi a minha viagem por o Paraná, não descrevo o regresso, só sim farei algumas observações do mais notavel que me aconteceu.

Reflectindo eu que estava consumida grande parte das provisões tanto pelo que tinha comido a minha gente, como pelo que dei aos selvagens, e que me poderiam faltar por se ter augmentado dezesete pessoas á minha comitiva, e que nada

mais tinha que fazer neste sertão, tendo preenchido a commissão de que me encarregou o Illm. e Exm. Sr. governador e capitão general d'esta capitania, mandei, no dia seguinte, carregar as canôas e parti para o Salto de Itapura, que fica proximo ao Paraná, e observei que o rio tinha tomado sua agua, e que ainda estava enchendo; o resto do dia e o seguinte se empregou em transportar as cargas e varar as canôas para cima do Salto, d'onde sahi no dia 4 e naveguei sem novidade até o dia 14 de manhãa em que cheguei ao Salto de Baiandaba, consumindo-se este dia e o seguinte no transporte das cargas e varações das canôas, dormindo acima do Salto. Depois de chegar a este sitio, principiou o rio a vasar com bastante violencia, tendo crescido quatro palmos, como observei pelas pedras e barrancos, o que me foi perniciosissimo como adiante direi. No dia 16 mandei largar as canôas com tres enfermos, já muito prostrados, e, suppondo eu ser constipação, appliquei remedios proprics que nada aproveitaram. A's cinco horas da tarde gritou com dôres de parto uma das selvagens, e por este motivo mandei embicar as canôas no barranco do rio, e logo que se desembarcou pariu felizmente lavando, no mesmo instante, a recem-nascida em agua fria, e pelas suas proprias mãos fez no chão um buraco no qual enterrou as secundinas. Estes barbaros, nos seus nascimentos, se assemelham ás féras, porque tendo-a meu irmão deitado em um couro de boi e coberto com um cobertor, e a pequena com uma toalha, ouvindo toda a noite gritos d'esta, levantou-se da cama e foi ver o que era, achou tanto a mãi como a filha deitadas no chão, fóra do couro e inteiramente núas, porque a mãi tinha expulsado as cobertas, e isto entre um rio e uma grande lagôa, em que os mosquitos eram a milhões, que toda a noite não deixaram socegar a minha gente; e querendo falhar um dia, resguardando a parida, esta não quiz consentir, e seguimos viagem, chegando na manhãa seguinte á barra do ribeirão do campo, onde tinha deixado parte das munições de bocca, e n'este logar a mesma parida atirou-se ao rio para lavar-se. Depois que aqui jantei e se embarcaram todos os viveres, segui viagem desatando as canôas ás tres horas da tarde, e no mesmo instante, da parte occidental do rio, em distancia de meia legua, se alevantaram ao ar grandes fumaças de fogos, que ardiam nos campos, lançados pelos ferozes bugres que povoam, desde o Thieté, as campanhas que se dilatam pela estrada de Coritiba, Campos Geraes, Guarapuava, Lages até Missões, entrecortados pelos rios que vão desaguar no Paraná acima e abaixo de Sete Quedas. No dia seguinte ainda continuavam a elevar aos ares as fumaças, quando da parte oriental lhes foi respondido com outros fogos, e maiores fumaças em distancia de tres leguas, pois que ainda dois dias depois se avistavam no rio; ajuizando eu que são dos campos que se dilatam para o Paraná, divididos dos de Araquára pelo rio Jacaréguaçú. No ribeirão do campo para cima começaram a cahir doentes todos os remeiros e mais gente do trabalho, e vendo-me na triste

situação de não ter quem conduzisse as canôas, falhei nos dias 21 e 22 na ilha de Guamicanga para tratar aos doentes, vomitando a uns, e mandando dar a outros clisteres de erva de bicho, polvora, sal e fumo, por se acharem inteiramente corruptos, com o anus de dimensão sobre o natural, estirados como mortos pelo chão, debaixo das arvores. Nesta mesma ilha, ao meio dia, sobreveio-me uma vontade de vomitar, e na acção de pedir uma pouca d'agua morna para facilitar o vòmito, subiu-me não sei que á cabeça, que me deixou sem sentidos, e cahi precipitadamente no chão ; logo fui soccorrido por meu irmão, e mais gente que me carregaram, e me deitaram em uma rede, que estava ali armada debaixo das arvores, e quando tornei a mim estava coberto de suores frios e grande dôr de cabeça e seccura terrivel. Na segunda-feira passei melhor, e reflectindo que quanto mais me demorasse n'este sertão mais prejudicial me seria, por falta de recursos, segui viagem na terça-feira melhorando uns e cahindo de novo outros, e até eu mesmo neste dia, e no seguinte fui atacado por umas violentas sezões, que me punham em desaccordo total, até fazer as operações naturaes sem sentir. Vendo-me n'este estado de morte sem recurso algum, falhei no dia 26 da cachoeira do Sapé, e tomei um vomitório, que muito me alliviou, e no dia seguinte continuei a viagem sempre atacado, um dia sim e outro não, das sezões até chegar ao meu engenho de Capivary em o dia 6 de Novembro, com a maior parte da gente enferma ; porém nenhuma morreu, nem dos que vieram comigo, nem dos que acompanharam meu irmão para o engenho de Porto Feliz. O rio Thieté até Congonhas e ainda até Guamicanga é bordado por um e outro lado de terras altas, matas frondosas, e bellas aguas dos ribeirões que n'elle desaguam, apezar de algumas lagôas que tem por Potunduba, e d'ahi para baixo ; porém, de Guamicanga até o Paraná tudo são terras baixas, lagôas immensas de um e outro lado ; milhões de mosquitos de varias qualidades que incommodavam a um homem de dia e de noite, não fallando nos carrapatos miudos e rodoloiros, que se apegam ao corpo e fazem chagas, de sorte que de Outubro por diante não se póde navegar por semelhante rio, sem perigo de vida, pela putrefacção das lagôas que desaguam no Thieté, e o impestam, e com razão, porque reflecti que as aguas dos ribeirões e corregos, que n'elle desaguam, ou são côr de leite ou vermelhas ; emfim, basta dizer, que de quarenta e oito pessoas que eu trazia na minha comitiva, inclusos os selvagens, só nove escaparam á epidemia, sendo tambem de notar, que negros, nenhum dos que levei cahiu doente. Apezar comtudo de tantos incommodos, despezas e molestias das sezões, que ainda soffro, um dia sim e outro não, e que não querem ceder aos remedios, dou por bem empregada a minha viagem, por ter libertado dos carceres do Paganismo dezesete almas, que nelles viviam agrilhoadas.

ADVERTENCIA

DO REDACTOR D'ESTA REVISTA, O CONEGO J. DA C. BARBOSA

Lê-se na historia da America Portugueza, por Sebastião da Rocha Pitta, no Liv. 3° § 89 e seguintes, que no anno de 1591, chegára de Lisboa á Bahia o governador e capitão general D. Francisco de Souza. Trazia a mercê do titulo de marquez das Minas, se se descobrissem as que Roberio Dias tinha ido prometter a Castella.

Foi fama mui recebida, que Roberio Dias, um dos moradores principaes, e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, tinha uma baixela, e todo o serviço da sua capella de finissima prata, tirada de minas que se achára nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio Dias, porque sabendo ser já publica esta noticia, que muito tempo occultára, passou a Madrid e offereceu a El-Rei mais prata no Brazil, do que Bilbáo dava ferro em Biscaya, se lhe concedesse a mercê do titulo de marquez das Minas.

Não é justo, que mereça conseguir os premios, quem nos requerimentos pede mais do que se lhe deve conceder. Este titulo se couferiu a D. Francisco de Souza, que se achava n'aquella côrte provido no governo geral do Brazil; e a Roberio Dias o logar de administrador das minas, com outras promessas; das quaes pouco satisfeito, voltou para a Bahia na mesma occasião, em que vinha o governador, com cuja licença fôra para as suas terras a esperal-o, e a prevenir o descobrimento, ou a desvanecel-o, e a frustar-lhe a jornada; brevemente a fez D. Francisco de Souza com todas as prevenções, e instrumentos precisos para aquella diligencia; mas Roberio Dias o encaminhou por rumos tão diversos (havendo primeiro feito encobrir os outros) que não foi possivel ao governador, nem a toda aquella comitiva achar rastos das minas, que tinha assegurado.

Este engano, ou se julgasse commettido na promessa, ou na execução, dissimulou o governador D. Francisco de Souza, emquanto dava conta a El-Rei, e sem duvida experimentaria Roberio Dias o merecido castigo, se antes de chegar a ordem Real não houvera fallecido (na prisão) deixando aquellas esperadas minas occultas, até aos seus proprios herdeiros.

Esta noticia accendeu os desejos de muita gente, que por diversas vezes penetraram o sertão com suas bandeiras em demanda das riquezas occultas. Sabiamos que ultimamenle de Minas Geraes uma banda de descobridores se entranhára por muito tempo nas densas matas, d'onde tambem voltaram sem feliz successo, cuja empreza foi bastantemente satyrisada em um Poemeto pelo jogral P. Silverio da Paraopeba; mas tambem sabiamos da existencia do relatorio, que adiante damos á luz, e que fora guardado com muito segredo pelos que ainda esperavam fazer tão rico descobrimento. Encontrou por fim o nosso socio

Inscripções encontradas na cidade abandonada, de que trata o manuscripto existente na Bibliothéca Publica do Rio de Janeiro.

Imprensa Nacional

o Sr. Lagos o desejado manuscripto na livraria publica d'esta côrte, mas damnificado pelo copim, que nos privou de muitas palavras, como se póde vêr nas lacunas do nosso impresso conservada a mesma figura do estrago que fizera esse insecto no manuscripto mencionado.

Como a noticia, que agora damos ao publico é assaz interessante, por ser um indicio, que em factos de historia póde conduzir a grandes descobertas, nós a estampamos tal e qual foi encontrada, sem emittir o menor juizo ; e assim tambem as lettras das inscripções copiadas do dito manuscripto com toda a fidelidade.

«Relação historica de uma occulta, e grande povoação antiquissima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753.
Em a America. . . . .
nos interiores. . . . .
contiguos aos . . . .
Mestre de Can. . . . .
e sua comitiva, havendo dez annos que viajava pelos sertões, a ver se descobria as decantadas minas de prata do grande descobridor Moribeca, que por culpa de um governador se não fizeram patentes, pois queria usurpar-lhe esta gloria, e o teve preso na Bahia até morrer, e ficaram por descobrir. Veio esta noticia ao Rio de Janeiro em o principio do anno de 1754.»

Depois de uma larga e importuna peregrinação, incitados da insaciavel cobiça do ouro, e quasi perdidos em muitos annos por este vastissimo sertão, descobrimos uma cordilheira de montes tão elevados, que pareciam chegavam á região etherea, e que serviam de throno ao vento, ás mesmas estrellas ; o luzimento que de longe se admirava, principalmente quando o sol fazia impressão no crystal de que era composta, formando uma vista tão grande e agradavel, que ninguem daquelles reflexos podia afastar os olhos; entrou a chover antes de entrarmos a registrar esta crystallina maravilha, e viamos sobre a pedra escalvada correr as aguas precipitando-se dos altos rochedos, parecendo-nos como a neve, ferida pelos raios do sol, pelas agradaveis vistas daquelle . . . . uina se reluziria.

. . . . das aguas, e a tranquilli- . . . . do tempo nos resolvemos a investigar aquelle admiravel prodigio da natureza, chegando-nos ao pé dos montes, sem embaraço algum de mattos ou rios, que nos difficultasse o transito ; porém circulando as montanhas, não achámos passo franco para executarmos a resolução de accommettermos estes Alpes e Pyreneos Brazilicos, resultando-nos deste desengano uma inexplicavel tristeza.

Abarracados nós, e com o designio de retrocedermos no dia seguinte, succedeu correr um negro, andando á lenha, a um veado branco, que viu, e descobrir por este acaso o caminho

entre duas serras, que pareciam cortadas por artificio e não pela natureza: com o alvoroço dessa novidade principiamos a subir, achando muita pedra solta e amontoada por onde julgamos ser calçada desfeita com a continuação do tempo. Gastamos boas tres horas na subida, porém suave pelos crystaes que admiravamos, e no cume do monte fizemos alto, do qual estendendo a vista, vimos em um campo raso maiores demonstrações para a nossa admiração.

Divisamos cousa de legoa e meia uma povoação grande, persuadindo-nos pelo dilatado da figura ser alguma cidade da côrte do Brazil; descemos logo ao valle com a cautella . . . . seria em semelhante caso, mandando explor . . . . gar a qualidade, e. . . . . se bem que reparam. . . . . fuminés, sendo este um dos signaes evidentes das povoações.

Estivemos dous dias esperando aos exploradores para o fim que muito desejavamos, e só ouviamos cantar gallos para ajuizar que havia ali povoadores; até que chegaram os nossos desenganados de que não havia moradores ficando todos confusos: resolveu-se depois um indio da nossa comitiva a entrar a todo o risco, e com precaução; mas tornando assombrado, affirmou-nos não achar nem descobrir rasto de pessoa alguma; este caso nos fez confundir de sorte, que não acreditamos pelo que viamos de domicilios, e assim se arrojaram todos os exploradores a ir seguindo os passos do indio.

Vieram confirmando o referido depoimento de não haver povo, e assim nos determinamos todos a entrar com armas por esta povoação, em uma madrugada, sem haver quem nos sahisse ao encontro a impedir os passos e não achamos outro caminho senão o unico que tem a grande povoação, cuja entrada é por tres arcos de grande altura, o do meio é maior e os dous dos lados são mais pequenos; sobre o grande e principal devisamos letras que se não poderam copiar pela grande altura.

Faz uma rua da largura dos tres arcos com casas de sobrados de uma e outra parte, com as fronteiras de pedra lavrada e já denegrida; so- . . . . inscripções, abertas todas . . . ortas são baixas, de fei . . . . nas notando que pela regularidade e symetria com que estão feitas, parece uma só propriedade de casas, sendo em realidade muitas, e algumas com seus terrados descubertos e sem telha, porque os tectos são de ladrilho requeimado uns e de lages outros.

Corremos com bastante pavor algumas casas, em nenhuma achamos vestigios de alfaias, nem moveis que podessemos pelo uso e trato conhecer a qualidade dos naturaes: as casas são todas escuras no interior e apenas tem uma escassa luz e como são abobadas, resonavam os echos dos que fallavam e as mesmas vozes atemorisavam.

Passada e vista a rua de bom comprimento, démos em uma praça regular e no meio della uma columna de pedra preta de grandeza extraordinaria e sobre ella uma estatua de homem ordinario, com uma mão na ilharga esquerda e

o braço direito estendido mostrando com o dedo index ao Pólo do Norte; em cada canto da dita praça está uma Agulha, á imitação das que usavam os Romanos, mas algumas já maltratadas e partidas como feridas de alguns raios.

Pelo lado direito desta praça está um soberbo edificio, como casa principal de algum senhor da terra; faz um grande salão na entrada e ainda com medo não corremos todas as ca . . . .sendo tantas e o retret. . . . . zeram formar algum. . . . . mara achamos hu. . . . . massa de extraordin . . . . soas lhe custavam o levanta-la.

Os morcegos eram tantos, que investiam ás caras das gentes e faziam uma tal bulha que admirava: sobre o portico principal da rua está uma figura de meio relevo talhada da mesma pedra e despida da cintura para cima, coroada de louro; representa pessoa de pouca idade, sem barba, com uma banda atravessada e um fraldelim pela cintura; debaixo do escudo da tal figura tem alguns caracteres já gastos com o tempo; divisam-se porém os seguintes: (Veja-se a estampa, inscrip. n. 1.)

Da parte esquerda da dita praça está outro edificio totalmente arruinado e pelos vestigios bem mostra que foi templo, porque ainda conserva parte do seu magnifico frontespicio, e algumas naves de pedra inteira: occupa grande territorio, e nas suas arruinadas paredes se veem obras de primor com algumas figuras e retratos embutidos na pedra com cruzes de varios feitios, corvos e outras miudezas, que carecem de largo tempo para decrevel-as.

Segue-se a este edificio uma grande parte de povoações toda arruinada e sepultada em grandes, e medonhas aberturas da terra, sem que em toda esta circumferencia se veja herva, arvore ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedra, umas toscas e outras lavradas, pelo que entendemos. . . . . . . .verção, porque ainda entre . . . . .da de cadaveres, que . . . . e parte desta infeliz .da, e desamparada, talvez por algum terremoto.

Defronte da dita praça corre arrebatadamente um caudaloso rio largo, e espaçoso com algumas margens, que o fazem muito agradavel á vista: terá de largura onze até doze braças, sem voltas consideraveis, limpas as margens de arvoredo e troncos, que as inundações costumam trazer; sondamos a sua altura e achamos nas partes mais profundas quinze até dezeseis braças. Da parte d'além tudo são campos muito viçosos e com tanta variedade de flôres, que parece andou a natureza mais cuidadosa por estas partes, fazendo produzir os mais mimozos campos de Flora: admiramos tambem algumas lagôas todas cheias de arroz, do qual nos aproveitamos, tambem dos innumeraveis bandos de patos, que se criam na fertilidade

destes campos, sem nos ser difficil o caça-los sem chumbo mas sim ás mãos.

Tres dias caminhamos rio abaixo, e topamos uma catadupa de tanto estrondo pela força das aguas e resistencia no logar que julgamos o não fazia maior as boccas do decantado Nilo: depois deste salto espraia de sorte o rio, que parece o grande Oceano. E' todo cheio de peninsulas, cobertas de verde relva, com algumas arvores dispersas que fazem . . .
. . . .
davel. Aqui achamos . . . .
a falta delle se nos . . . .
ta variedade de caça. . . . . tros muitos animaes creados sem caçadores que os corram e os persigam.

Da parte do oriente desta catadupa achamos varios subcavões e medonhas covas, fazendo-se experiencia da sua profundidade com muitas cordas; as quaes por mais compridas que fossem, nunca podemos topar com o seu centro. Achamos tambem algumas pedras soltas; e na superficie da terra cravadas de prata, como tiradas das minas deixadas ao tempo.

Entre estas furnas vimos uma coberta com uma grande lage e com as seguintes figuras lavradas na mesma pedra, que insinuam grande mysterio ao que parece. (Vêde a est. inscrip. n. 2.) Sobre o portico do templo vimos outras da fórma seguinte designadas. (Inscrip. n. 3.)

Afastado da povoação, tiro de canhão, está um edificio, como casa de campo de duzentos e cincoenta passos de frente; pelo qual se entra por um grande portico e se sobe por uma escada de pedra de varias côres, dando-se logo em uma grande sala, e depois desta em quinze casas pequenas todas com portas para a dita sala, e cada uma sobre si, e com sua bica d'agua. . . . . a qual agoa se ajunta
. . . . mão no pateo exter-
. . . . columnatas em cir-
. . . . ra quadrada por artificio, suspensas com os seguintes caracteres. (Vêde a inscrip. n. 4.)

Depois desta admiração entramos pelas margens do rio a fazer experiencias de descobrir ouro, e sem trabalho achamos boa pinta na superficie da terra, promettendo-nos muita grandeza assim de ouro, como de prata: admiramos o ser deixada esta povoação dos que a habitavam, não tendo achado a nossa exacta diligencia por estes sertões pessoa alguma, que nos conte desta deploravel maravilha, de quem fosse esta povoação, mostrando bem nas suas ruinas a figura, e grandeza que teria, e como seria populosa, e opulenta nos seculos em que floresceu povoada; estando hoje habitada de andorinhas, morcegos, ratos e raposas, que cebadas na muita criação de gallinhas e patos, se fazem maiores que um cão perdigueiro. Os ratos tem as pernas tão curtas que saltam como pulgas e não andam nem correm como os de povoado.

Daqui deste logar se apartou um companheiro, o qual com outros mais, depois de nove dias de boa marcha avistaram, á beira de uma grande enseada que faz um rio, uma canôa, com duas pessoas brancas, e de cabellos pretos, e soltos, vestidas á Européa. . . . . um tiro como signal para se ve. para fugirem. Ter . . . . felpudos e bravos, ... ga a elles se encrespam todos e envestem.

Um nosso companheiro chamado João Antonio achou em as ruinas de uma casa um dinheiro de ouro, figura espherica, maior que as nossas moedas de seis mil e quatrocentos: de uma parte com a imagem ou figura de um moço posto de joelhos; e da outra parte um arco, uma corôa e uma setta, de cujo genero não duvidamos se ache muito na dita povoação ou cidade desolada, porque se foi subversão por algum terremoto, não daria tempo o repente a pôr em recato o precioso; mas é necessario um braço muito forte e poderoso para revolver aquelle entulho calçado de tantos annos, como mostra.

Estas noticias mando a Vm. deste sertão da Bahia e dos rios Pará-oaçú, Unâ, assentando não darmos parte a pessoa alguma, porque julgamos se despovoarão villas e arraiaes; mas eu a Vm. a dou das minas que temos descoberto, lembrado do muito que lhe devo.

Supposto que da nossa companhia sahiu já um companheiro com pretexto differente, comtudo peço a Vm. largue essas penurias e venha utilisar-se destas grandezas, usando da industria de peitar esse indio, para se fazer perdido e conduzir a Vm. para estes thesouros, etc. . . . .
. . . . charam nas entradas
. . . . bre lages . . . .
. . . .

(Segue-se no manuscripto o que se acha representado na estampa debaixo do n. 5.)

destes campos, sem nos ser difficil o caça-los sem chumbo mas sim ás mãos.

Tres dias caminhamos rio abaixo, e topamos uma catadupa de tanto estrondo pela força das aguas e resistencia no logar que julgamos o não fazia maior as boccas do decantado Nilo: depois deste salto espraia de sorte o rio, que parece o grande Oceano. E' todo cheio de peninsulas, cobertas de verde relva, com algumas arvores dispersas que fazem . . .
. . . .
davel. Aqui achamos . . . .
a falta delle se nos . . . .
ta variedade de caça. . . . . tros muitos animaes creados sem caçadores que os corram e os persigam.

Da parte do oriente desta catadupa achamos varios sub-cavões e medonhas covas, fazendo-se experiencia da sua profundidade com muitas cordas; as quaes por mais compridas que fossem, nunca podemos topar com o seu centro. Achamos tambem algumas pedras soltas; e na superficie da terra cravadas de prata, como tiradas das minas deixadas ao tempo.

Entre estas furnas vimos uma coberta com uma grande lage e com as seguintes figuras lavradas na mesma pedra, que insinuam grande mysterio ao que parece. (Vêde a est. inscrip. n. 2.) Sobre o portico do templo vimos outras da fórma seguinte designadas. (Inscrip. n. 3.)

Afastado da povoação, tiro de canhão, está um edificio, como casa de campo de duzentos e cincoenta passos de frente; pelo qual se entra por um grande portico e se sobe por uma escada de pedra de varias côres, dando-se logo em uma grande sala, e depois desta em quinze casas pequenas todas com portas para a dita sala, e cada uma sobre si, e com sua bica d'agua. . . . . a qual agoa se ajunta
. . . . mão no pateo exter-
. . . . columnatas em cir-
. . . . ra quadrada por artificio, suspensas com os seguintes caracteres. (Vêde a inscrip. n. 4.)

Depois desta admiração entramos pelas margens do rio a fazer experiencias de descobrir ouro, e sem trabalho achamos boa pinta na superficie da terra, promettendo-nos muita grandeza assim de ouro, como de prata: admiramos o ser deixada esta povoação dos que a habitavam, não tendo achado a nossa exacta diligencia por estes sertões pessoa alguma, que nos conte desta deploravel maravilha, de quem fosse esta povoação, mostrando bem nas suas ruinas a figura, e grandeza que teria, e como seria populosa, e opulenta nos seculos em que floresceu povoada; estando hoje habitada de andorinhas, morcegos, ratos e raposas, que cebadas na muita criação de gallinhas e patos, se fazem maiores que um cão perdigueiro. Os ratos tem as pernas tão curtas que saltam como pulgas e não andam nem correm como os de povoado.

Daqui deste logar se apartou um companheiro, o qual com outros mais, depois de nove dias de boa marcha avistaram, á beira de uma grande enseada que faz um rio, uma canôa, com duas pessoas brancas, e de cabellos pretos, e soltos, vestidas á Européa. . . . . . . um tiro como signal para se ve. . . . . para fugirem. Ter . . . . felpudos e bravos, ... ga a elles se encrespam todos e envestem.

Um nosso companheiro chamado João Antonio achou em as ruinas de uma casa um dinheiro de ouro, figura espherica, maior que as nossas moedas de seis mil e quatrocentos: de uma parte com a imagem ou figura de um moço posto de joelhos; e da outra parte um arco, uma corôa e uma setta, de cujo genero não duvidamos se ache muito na dita povoação ou cidade desolada, porque se foi subversão por algum terremoto, não daria tempo o repente a pôr em recato o precioso; mas é necessario um braço muito forte e poderoso para revolver aquelle entulho calçado de tantos annos, como mostra.

Estas noticias mando a Vm. deste sertão da Bahia e dos rios Pará-oaçú, Unâ, assentando não darmos parte a pessoa alguma, porque julgamos se despovoarão villas e arraiaes; mas eu a Vm. a dou das minas que temos descoberto, lembrado do muito que lhe devo.

Supposto que da nossa companhia sahiu já um companheiro com pretexto differente, comtudo peço a Vm. largue essas penurias e venha utilisar-se destas grandezas, usando da industria de peitar esse indio, para se fazer perdido e conduzir a Vm. para estes thesouros, etc. . . . .
. . . .
. . . . charam nas entradas
. . . . bre lages . . . .
. . . .

(Segue-se no manuscripto o que se acha representado na estampa debaixo do n. 5.)

O pai que era reputado entre o povo por mais distincto, dando-se por offendido do roubo, convidou todos os seus parentes e amigos para o despicarem. Convieram todos, e juntos passaram de algumas aldêas: encorporados todos esses com os moradores do rio Paraguassú, entraram a fazer cruelissima guerra aos que não os seguiam, como se todos fossem complices no delicto que um só commetteu, e emboscados em uma ilheta, que ainda hoje conserva o nome do MEDO, todos os dias se matavam muitos de parte a parte.

Destes Tupinambás que passaram a ilha de Taparica, se povoou o rio Jaguarive, o de Finharé, e Costa dos Ilheos. E foi tal o odio que conceberam entre si, que ainda hoje o conservam, não obstante estarem mais domados; sendo uma só nação, e todos parentes.

Deste odio se aproveitaram os primeiros Portuguezes, povoadores deste continente, para melhor se assegurarem da furia do gentio, mettendo-lhes na cabeça, que queimassem os ossos dos predecessores fallecidos, em desaggravo da injuria, de que se consideravam ainda mal satisfeitos, para que instigados com os novos estimulos permanecessem em seu odio, sollicitos no desaggravo, lhe não fizessem tão vigorosa opposição ao estabelecimento que pretendiam. Assim como o idearam, aconteceu: porque queimando uns os ossos dos outros que encontravam, lhes inspiravam novos estimulos para se debellarem, accommetterem e matarem como faziam: e occupados nesta continua vingança, não vexavam tanto os Portuguezes; o que não aconteceria, se não fosse esta maxima delles mal entendida; e muito peior se todos se confederassem, para os expulsar do dito terreno.

CAPITULO LIV.

Referem-se as formalidades da lingua dos Tupinambás, e da lei que professam.

Ainda que os Tupinambás se dividiram, como fica dito, sempre era uma nação, e sempre conservaram a mesma linguagem.

E' esta quasi geral por toda a costa, e sertão do Brazil: sua vida, costumes e gentilidade, é quasi uniforme. Não tem conhecimento da verdade; não reconhecem cousa alguma por autor da natureza, não prestam adoração a alguma cousa, nem conhecem superior; apenas sabem por experiencia, que se nasce, vive e morre, e é o povo mais barbaro, que Deus creou.

Capacitam-se que é verdade infallivel quanto lhes dizem; que não ha mentira nem engano; tem muita graça quando fallam (especialmente as mulheres), e são compendiosos em seus discursos e historias. Em sua linguagem não tem as letras F, L e R, grandes ou dobradas, circumstancias que muitos notam dizendo:—Que não tem F; porque lhes falta a Fé; e não crêm cousa alguma, nem adoram de coração, ainda os baptizados, e já

nascidos no gremio da igreja, adorando as imagens e crendo os mysterios da nossa religião, porque assim o vêm fazer, e lh'os ensinam, e não por compunção interior; não tendo lealdade com quem os beneficia, e nem acreditando por verdades infalliveis os dogmas da igreja. Não tem L; porque lhes falta lei, pela qual se governem, cada um faz o que a vontade lhe pede, e nada mais lhe importa. E não tem R; porque não tem rei, que os governe. O pai não governa o filho, nem este lhe reconhece superioridade: tendo alma, e sendo racionaes, vivem como brutos no mundo. Em logar de dizerem Francisco dizem *Tancisco* porque comem o F; em logar de Rodrigo dizem *Odigo;* em logar de Lourenço dizem *Ôênço.*

CAPITULO LV

Dá-se noticias de como se governam os Tupinambás, da qualidade dos seus maiores e formalidades de suas aldêas e casas, e modo de viver

Vivem os Tupinambás arranchados em aldêas; em cada uma reconhecem todos um por seu maior, ou principal, para que na guerra os dirija; e é sómente o acto, em que lhe prestam alguma demonstração de obediencia. Elegem-no pelas provas que tem dado de ter mais força e valor que outros: e fóra dos casos de guerra, não tem melhor tratamento, estimação, ou respeito, que os mais de quem se não distingue.

Quando este principal gentio assenta sua aldêa, busca sempre algum sitio alto, desafogado, lavado dos ventos, que haja agua perto e boa, e a terra tenha disposições para suas culturas. Escolhido o sitio e approvado pelos mais velhos, faz o principal a sua casa muito comprida, coberta de palma; e os mais pelo mesmo modo vão tambem formando as suas, regulando-as em quadros, que parecem praças, em que fazem seus ajuntamentos e bailes. Em cada casa ha um indio velho, que sirva de cabeça da casa, e seja parente dos mais.

Não duram estas casas mais tempo, do que emquanto não lhe apodrecem as palmas, que lhes servem de telhado; que sempre é passados tres ou quatro annos; tanto que isto acontece mudam de sitio. Nellas não ha alguma qualidade de repartimento mais que os tirantes, que medêam entre os ramos, onde se agazalha cada parentella. Escolhe o gentio velho logar para o seu rancho, onde se arruma com sua mulher, amigos, filhos, solteiras e velhas que o servem. E logo se vão arrumando os mais. Não se mudam estes ranchos, senão quando o solteiro casa, e quer fazer rancho sobre si, porque neste caso o faz com sua mulher.

Por cima dos tirantes das casas lançam umas varas muito juntas, em que guardam suas alfaias, legumes e tudo o mais que tem. Quando comem, junta-se todo o rancho, e postos de cocaras, sobre ás pernas (excepto o principal que fica deitado na rêde) comem o que tem. Nestas mesmas casas tem os seus

ajuntamentos carnaes sem resguardo ou cautela de sexo e idade, e com toda a publicidade como brutos.

Se as aldêas confinam com as de seus contrarios, fazem cercas de páo a pique, fortes e muito juntas, com suas portas e seteiras de 20 a 30 palmos afastadas das casas; de fórma que fica formada uma sufficiente muralha, que difficulta a entrada ao inimigo, e os defende, e faculta poderem-nos frechar de dentro, se os intentarem assaltar, como muitas vezes acontece.

CAPITULO LVI.

Referem-se os casamentos dos Tupinambás, a multiplicidade que tem de mulheres, como se conservam, escolhem, conseguem, e ceremonias com que o fazem.

A mulher verdadeira do Tupinambá é a primeira que elle conheceu. Em seus casamentos não ha mais ceremonias, que dar o pai a filha ao genro, e tanto que carnalmente se conhecem ficam casados. Além desta tem cada um as mais que quer; e pelo numero maior destas se julga entre elles a melhor nobreza ou gravidade. Todas porém reconhecem superioridade na primeira, e a servem, e ella não se offende de as ter por companheiras no officio de cohabitarem com seu marido. Esta é a que tem sua rêde junto da do marido; as outras estão mais afastadas, e entre cada duas está sempre fogo acceso de noite.

Porém no que respeita á cohabitação, nem ha subordinação, nem cautela entre ellas; porque o marido se levanta de sua rêde quando lhe parece, e se vai deitar na daquella que appeteceu, com quem, á vista das mais, tem os actos que quer, sem se estimularem por serem preteridas. Comtudo com a primeira póde estar quanto tempo lhe parecer, e com as mais só o preciso para a conclusão dos seus actos luxuriosos.

Isto não obstante, sempre os ciumes occultos gravemente atormentam as femeas, especialmente á primeira mulher; porque o não se poderem queixar destas communicações, por costumadas, não evita, nem impede os estimulos da emulação, e o conhecimento de serem mais do agrado do marido commum, as que elle mais vezes procura para a cohabitação.

O indio, que não é principal da aldêa, quantos mais filhos tem, tanto mais honrado se reputa entre os mais; porque se lhe procuram as filhas (especialmente sendo solteiras, para primeira mulher) e servem dous e tres annos, primeiro que elle lh'as facilite; concedem-nas aos que melhor o servem, e por isso os namorados cuidam em lhe fazer a vontade, para conseguirem seus amantes intentos.

Consiste este serviço em lhe ir cultivar a roça, matar caça, pescar, e trazer-lhe lenha do mato, e fazer-lhe todo o cortejo com boa diligencia.

Tanto que o pai concede a filha ao pretendente, se vai este deitar com ella na rêde do dito pai, donde se levantam casados, e sahindo a filha então do rancho do pai, apartada dos irmãos e

parentes, vai com o marido para o seu rancho. E se acaso esta ainda não é mulher, não se entrega ao marido, em quanto não chega a essa idade, o que facilmente se conhece.

Porque a femea emquanto não é perfeita mulher, anda sem divisa alguma ; e tanto que o é, tem de obrigação trazer um cordão de algoão pela cinta, e outro pelos pulsos dos braços, pelo que se dà a conhecer, que está habil para casar. Porém se algum, que se tem em conta dos mais graves da aldêa, pede para mulher a algum pai a filha ainda menina, este lh'a concede, e entrega na infallivel certeza em que fica de que não a tocará intempestivamente. Elle a leva logo comsigo, e a manda criar no seu rancho, até o dito tempo, antes do que não a offende.

Se algum indio desflora india, ainda que ninguem o saiba, ella quebra logo os fios que trás na cintura e braços, desde que chegou a ser mulher, para que todos saibam que já foi penetrada, e os indios não a julguem por donzella, que já não é. A isto se não falta, ou fosse conhecida por esposo, ou por qualquer outro homem ; nem deste facto se offende o pai, nem a filha perde marido, pois nunca falta quem a queira para mulher, quando o desfloramento a rejeite.

CAPITULO LVII.

Trata-se dos enfeites dos indios, e do seu modo de trajar

Costumam os mancebos Tupinambás arrancar todo o cabello do seu corpo, até o das pestanas, e só conservam o da cabeça, para o tosquearem de muitas fórmas ; o que fazem com certa casca de canna, que rachada corta como navalha : já hoje muitos o fazem com tesouras, se as podem alcançar. Andam todos nús ; por galanteria, e não por decencia ou honestidade, cobrem as partes genitaes com alguma pelle de passaro ; pintam o corpo com lavores pretos, o que fazem com tinta do *genipapo*, e se tem damas, a ellas pertence este artificio. Cingem a cabeça com varias castas de pennas, que pegam com cera ; furam as orelhas e mettem nos buracos ossos artificiosamente lavrados em logar de brincos ; e ao pescoço trazem grandes collares de buzios, que furam e enfiam.

As mesmas damas lhes rapam com as ditas cannas a cabeça, arqueiam a testa, arrancam os cabellos, e lhes enfeitam o corpo, quando em suas festas querem apparecer mais bizarros. Ellas lhes arripiam o cabello com almecega, e lhes ornam o corpo com as pennas de passaros de varias côres, que caçam, pondo-lhes diademas, manilhas e outros adornos.

Do mesmo modo as indias não consentem em si mais cabello, que o da cabeça ; emquanto meninas lh'os arrancam as mãis, pintam-nas, e cingem-nas por baixo dos joelhos com umas ligaduras muito apertadas que lhes não tiram, emquanto não são casadouras, por muito que lhes dòa ; com isto lhes engrossam muito as pernas, que pintam com tinta do

mesmo páo ; botam-lhes grandes ramaes de contas, e tambem as trazem nos braços.

As que já são casadouras, e não tem amante, a si mesmas se adornam, e se os tem, ou já são casadas, a elles e aos maridos pertencem esses cuidados no que lhes mostram a actividade do seu querer. Elles a tosqueiam, rapam, arrancam os cabellos, pintam e adornam. E para que o cabello da cabeça seja preto e grosso o untam com oleo de coco bravo.

CAPITULO LVIII.

Refere-se o que os Tupinambás praticam quando lhes nascem os filhos, e a criação que lhes dão

Quando as indias se sentem com dôres de parto, não procuram parteiras que lhes assistam; nem fazem para esta occasião algum preparo, e menos se acautelam do ar. Sahem de casa e vão para o campo, onde sem companhia andam padecendo as dôres; na acção de brotarem o filho se abaixam e o lançam na terra como qualquer outro animal; acabando de parir levam a criança ao rio ou fonte, que lhe fica mais visinho e o lavam, e tambem a si; feito isto, recolhem-se para casa. Nesta, as esperam os maridos, e tanto que vem o filho, ou filha nascida, se vão deitar e abafar na rêde, e nella existem emquanto ao filho não cahe o embigo, o qual com a mãi andam ao rigor do tempo; os parentes, e amigos o vão comprimentar nestes dias á rêde, onde lhe levam de comer, e a parida lhe faz muitos afagos. E depois daquelle acontecimento é que se levantam da rêde.

Tendo para si estes quasi brutos, que se o pai morrer em algum destes dias, foi porque recebeu ar, e que por esta razão tambem o filho morrerá, motivo por que da rêde se não levantam, e nella se conservam bem abafados; para que o filho, que consideram nascido dos hombros do pai, não morra, nem este de dor de barriga, por não guardar bom regimento ; e que a mãi não necessita de algum recato, por não concorrer para a dita geração, e ser uma mera depositaria da parte generativa, que nutre emquanto não está capaz de sahir do ventre.

O que mais admira é que praticando todas, isto que acabo de referir, nem por isso as paridas tem algum detrimento ou molestia, e continuam, como se parido não tivessem, no seu exercicio, preparando o que o marido ha de comer naquelles dias, indo lavar-se aos rios, e ao campo buscar o que lhe é necessario, como se paridas não estivessem.

Logo que os filhos nascem, lhes põe os pais os nomes que hão de ter, que são os de animaes terrestes, volateis ou aquaticos ; de fructos, arvores, plantas ou terras: logo lhes furam o beiço de baixo para depois dependurarem pedras por galanteria, e muitos furam tambem o de cima, e as faces para o dito fim

Não dão os pais algum documento ou genero de ensino aos filhos, nem os reprehendem do mal que façam ; obrando cada

um o que quer, sem que se lhe opponham á liberdade. Unicamente ensinam os machos a atirar com arco e frecha, pondo-lhes alvos para que possam caçar e matar seus contrarios. Os pais trazem os filhos ás costas até a idade de oito annos, e as mãis as filhas. Estas dão leite aos filhos até outra vez parirem. As mãis ensinam as filhas a fiar algodão, a enfeitar-se, e a tudo o mais que ellas executam.

CAPITULO LIX

Refere-se qual é a maior bizarria dos Tupinambás

Fazem os Tupinambás muitas bestialidades para, a seu modo de entender, parecerem muito bizarros. Elles depois de homens (se os pais se descuidam de lh'os fazer emquanto pequenos) fazem buracos no beiço superior e nas faces, em que mettem ou penduram pedrinhas de varias côres; e parecendo deste modo, monstros, elles se reputam constituidos no maior auge da sua bizarria.

Usam de uma fórma de carapuças vermelhas e amarellas, que lhes chegam ao pescoço, e as fazem de pelles de passaros que para isso esfolam. Ornam o pescoço com collares de dentes dos contrarios que mataram, aos quaes arrancam para este uso; e nos pés trazem cascaveis, que fazem de certa herva que, secca, tine muito, e se ouvem a grande distancia.

Cingem os rins com pelles de ema, que esfolam com toda a penna, e lhe cobrem quasi todas as costas. Tambem se tingem com tinta de *genipapo*, e ficam mais negros que os de Guiné; e os pés com tinta vermelha muito fina, que fazem de outro páo. Enchem os braços de fios de búsios, e pennas pequenas de passaros de diversas côres.

Quando assim se enfeitam, que é nos dias para elles de maior fausto, tingem uma espada de páo marchetada com cascas de ovos de passaros de varias côres, com pendentes que parecem campainhas. Esta vai lançada ao travéz das costas; levam na mão esquerda arco e frecha com dentes de tubarão; e na direita um instrumento que fazem de varias pedrinhas, que tocam, e a seu som cantam. Preparam-se desto modo, quando é dia de bebedeira geral, de festividade grande, ou convite nupcial.

CAPITULO LX.

Dá-se uma succinta noticia da luxuria ou sensualidade dos Tupinambás

Não ha lingua honesta que refira, nem ouvidos catholicos que ouçam os factos, que obram estes gentios para satisfação da sua sensualidade: darei tão sómente uma abreviada idéa de seus costumes, para não faltar á historia que escrevo.

Já disse como elles vivem aldeados; qual era a formatura de suas casas, que em cada uma assistia um mais velho com toda a sua parentella; que possuem as mulheres que querem; que todas vivem em boa união e sociedade; como faziam seus casamentos; que homens e mulheres andam nús; que cohabitam sem recato, pejo ou honestidade, os pais adiante dos filhos e filhas; estes diante daquelles; que se não occupam em algum exercicio, que não seja uma modica lavoura, caça e pesca, porque sem isso nem se poderiam sustentar nem viver: que, entregues ao ocio só cuidam na satisfação de sua luxuria, conservando sobre o ponto, e tendo-se por mais nobre o que descobre novas idéas peccaminosas, ou mais se distingue na repetição dos seus actos.

De tudo isto resulta casarem os pais com as filhas, os filhos com as mãis; uns irmãos com outros; porque não respeitam grão de consanguinidade; anticiparem a idade, fazendo intempestivamente os pequenos os que vem executar aos maiores; cohabitando uns com as mulheres dos outros, e tudo sem recato; porque o marido que mais se offende, não passa sua vingança de um arrufo, que tem com a mulher, e este dura pouco.

Não satisfeitos com esta vida de brutos, nem bastando esta liberdade para saciar a vontade venerea, são incessantemente dados ao peccado de sodomia, tendo-se por mais graves os que mais o frequentam; e não admittindo differença entre agente e paciente; motivo por que com a mesma publicidade o executam.

Como a natureza humana não tem forças naturaes para supportar um tão continuado excesso, a ajudam estes gentios com unções, e refeições de certos oleos e hervas, em que a malicia tem descoberto virtude para este auxilio; e na verdade coopera muito para o seu intento. Mas a mesma natureza depravada os affrouxa, debilita e os mata esfalfados, posto que satisfeitos com as proezas que fizeram.

Ultimamente as mulheres que querem mostrar por obras o grande amor que tem a seus maridos, catechisam femeas bem parecidas, que lhes levam, e offerecem para seu desenfado, ainda quando elles as não procurem, e nisto consiste a maior demonstração do seu querer; absurdo em que quasi todas cahem, ou porque são amantes dos maridos, ou para mostrarem que o são. E' quanto posso dizer; o mais fique em silencio.

CAPITULO LXI.

Referem-se as ceremonias com que os Tupinambás fazem os seus funeraes, e lutos que tomam, e como curam as molestias

Logo que morre qualquer Tupinambá, o sepultam na rêde, em que dormia; vai acompanhado das mulheres que tem, dos filhos e parentes, que lhes vão fazendo grandes gemidos, as femeas com os cabellos soltos, até o sitio onde se lhe ha de dar sepultura. O irmão, ou parente mais chegado, lhe faz uma profunda cova, onde o mette, e cobre com a terra que se tirou; o

que feito se recolhem para o rancho, onde a verdadeira mulher chora por certos dias a falta do marido.

Sendo mulher a que morre, o marido (se o tem) a ajuda a levar á sepultura; é quem lhe abre a cova, e com os filhos a sepulta; porém, o marido não chora pela mulher. Se não é casada, pertence esta obrigação a seu pai, ou parente mais chegado que tem vivo.

Com a viuva do Tupinambá que morre, é obrigado a casar o irmão do defunto, que é seu cunhado; o que se entende da primeira mulher, a que elles chamam verdadeira; na falta de cunhado, vai esta obrigação gradualmente passando ao parente mais chegado por linha masculina do marido fallecido; e deste modo sempre fica casada. O irmão da viuva casa com a filha mais velha, que é sua sobrinha, se está solteira, e na falta deste passa esta obrigação ao parente mais chegado por linha feminina, e se não quer casar com a dita filha, tem de obrigação buscar-lhe marido á sua vontade.

Costumam os filhos, morto seu legitimo pai, chamar pais a todos os parentes delle, e o mesmo fazem da parte da mãi, e ao mais propinquo ao dito pai, tem por seu pai verdadeiro, na falta delle. Todos os ditos parentes os tem, e tratam por filhos. O motivo desse tratamento é o grande caso que o gentio faz de semelhante titulo; tendo-se por mais honrados os que tem mais parentes; empenhando-se para se fazerem cabeças de ranchos; chegando-os para si, porque sejam delles estimados e temidos.

Tornando ao ponto da nossa historia: concluidos os desposorios na fórma sobredita, se não chora mais pelo fallecido. Quando morre o principal da aldêa, lhe untam com mel todo o corpo, e adornam com todos os enfeites, de que elle usava nas maiores festividades, e lhe fazem na sua propria casa uma muito funda e larga cova, com sua estacada de páos a prumo, que sustente a terra dos lados, dentro da qual lhe armam sua rêde alta do chão, onde o deitam, e cercam de suas armas; fazem-lhe fogo ao pé, como elles costumam ter emquanto vivos junto das rêdes; põe-lhe de comer, e instrumentos; feito tudo isto, lhe armam uma grade alta do corpo, para que impeça a terra, de que tornam a encher a cova sem que moleste o corpo; e entrando todos a carpir, e fallar de suas boas acções, lhe acabam de tapar a cova.

Sobre esta sepultura arma a verdadeira mulher uma rêde, e como de antes vivo. Se morre algum filho deste principal, sendo já homem, o sepultam do mesmo modo que seu pai; e sendo ainda pequeno, lhe curvam e ligam o corpo, e o mettem em vasilha de barro e nova, e assim na mesma cova. Qualquer destes é chorado muitos dias por todos os moradores da aldêa.

Morto o principal de qualquer aldêa, se ajuntam logo os velhos della para elegerem successor. Se lhe ficou filho já homem, e que tem dado provas de destemido e valeroso, a elle elegem por seu principal; se ainda é pequeno ou tem condição

frouxa, e tem parente com as condições referidas, a elle elegem com preferencia aos mais; e na falta destes, aquelle em quem consideram estes requisitos.

Costumam as viuvas cortar os cabellos por dó, tingir todo o corpo com tinta de *genipapo*, e ficam com a pelle tão negra como a dos negros de Guiné; recebem pezames dos parentes e amigos, em que ha grandes choros, e consistem as praticas em referir as acções, que julgam memoraveis, do fallecido; mas tanto que casam, logo se acaba o pranto e o luto; e para esta expulsão se convidam os parentes, a quem se dá banquete, e onde se bebe muito, celebrando-se com grandes galhofas este festejo, em que a viuva apparece já lavada e enfeitada; o que faz, ainda que não torne a casar, passado pouco tempo do seu nôjo.

Os viuvos deixam tambem por luto crescer o cabello dá cabeça, e tingem o corpo com a mesma tinta; e deste modo se conservam pelo tempo que querem; para o tirar destina-se dia certo, em que concorrem parentes e amigos; elle lhes dá um banquete, em que comem muito e bebem ainda mais; elle apparece com os maiores enfeites; e todos fazem grandes desatinos, e suas festas proprias deste ceremonial.

Estes mesmos lutos tomam pais, mãis, e parentes chegados ao fallecido, seja homem ou mulher; cada um o tira em dia separado, em acto de convite e com assistencia dos parentes, em que fazem extraordinarios absurdos; tendo-se por mais honrados os que n'elles são mais excessivos.

Para cabal conceito da barbaridade d'este gentio, é digno de reflexão, que toda esta efficacia de amor apparece depois da morte, e na doença o que se vê é displicencia, indignação e odio. Adoecendo qualquer Tupinambá (seja macho ou femea) cuidam pouco os mais da sua assistencia e curativo, e totalmente o deixam ao desamparo, se se dilata ou difficulta a saude; tanto assim que o julgam morto, e como tal o tratam estando ainda vivo, faltando-lhe com o comer e beber, do que resulta morrerem de fome e ao desamparo; muitos os tem enterrado moribundos, e ainda vivos; e alguns por ficarem com pouca terra cobertos, e terem alento para desenterrar-se, o tem feito, e escondidos no matto conseguiram a saude, e voltaram sãos á aldêa onde viveram, segundo elles mesmos tem referido, muitos annos.

D'aqui se colligo que os prantos e ceremonias funebres, se praticam por costume, e nunca por affecto, e quanto obrám é sem discurso e raciocinio.

CAPITULO LXII.

Refere-se a formalidade com que comem os Tupinambás

Quando este gentio quer comer, deita-se o maioral do rancho na sua rêde, e ao redor desta se põe em cocoras suas mulheres, filhos, parentes e amigos, que estão presentes; e lan-

çando o que se ha de comer em uma só vasilha, vem para o meio do rancho, onde todos comem sem divisão ou precedencia, tanto assim que tendo escravos (dos que captivam em guerra), vem como os mais para a roda, e comem com os mais sem differença, porque nem ao senhor tem respeito algum.

Quando o guisado por pouco não póde sufficientemente chegar a todos, senta-se o maioral na rêde, e o reparte igualmente, sem ficar algum sem quinhão, ainda que para isso fique elle sem o provar. Emquanto comem não bebem vinho, nem agua; mas depois de concluir a comida é que o fazem; á noite comem no chão com as costas voltadas para o fogo. Não fallam quando comem; porém concluida a côa, se não calam até que o somno os emudece.

Trabalham pouco; são muito amigos do vinho, e o fazem de toda a qualidade de legumes, fructos e cousas succosas; misturando-lhe uma raiz a que chamam de *aipim*, que bebem com grandes galhofas, cantigas e desatinos; sendo mais estimados dos outros, os que nelles são mais excessivos. Só quando estão bebados é que zelam as mulheres, e quando com ellas se irritam por as acharem em actos deshonestos com outros.

CAPITULO LXIII

Dá-se noticia da formalidade com que este gentio trabalha nas suas roças, e de suas maiores habilidades e manufacturas.

Os Tupinambás sómente trabalham nas suas roças desde as sete horas da manhã até ao meio dia; e os que são mais sollicitos, não passam das duas horas da tarde, o que sabem muito bem pela altura do sol, no que são excellentes praticos, e feito este trabalho se recolhem á casa.

Neste mesmo tempo os machos roçam o matto, queimam e limpam a terra; as femeas plantam os mantimentos e os cultivam. Aquelles cortam, e conduzem para casa o mato, onde sempre ha fogo acceso (pois, como já disse, até de noite o conservam junto das rêdes, e sem o qual não dormem); estas conduzem a agua, fazem o comer, e cuidam da casa; dizem aos machos quando as rêdes estão sujas para que elles vão lava-las ao rio, por ser a quem pertence esse trabalho.

As obras mais famosas, que fazem os machos, são balaios de folhas de palma, e outras muitas vasilhas a seu modo, muito artificiosas, fabricadas da mesma folha, e algumas com seus matizes por as tingirem de varias côres com agua de madeiras. Fazem cestos de cipó, e outros trastes concavos, em que guardam seus enfeites, com fabrica e feitio. Fazem arcos e frechas agudas e bem penetrantes; carapuças e capas de pennas de passaros, e outras manufacturas das mesmas, bem matizadas. Com as mesmas tintas dos páos mudam e transformam as côres

naturaes das pennas nas que querem. Tambem fazem rêdes lavradas, e outros tecidos de algodão, muito bem feitos, e com grande feitio.

Quando querem colher muito peixe nos rios de agua doce, ou esteiros salgados, atravessam-os com um tecido de vara, e batem o peixe que fica da parte de cima, lançando-lhe quantidade bastante de herva, a que chamam *timbó*, que o embebeda, e como morto o faz vir acima d'agua, colhem quanto querem, e da qualidade que pretendem.

As femeas não cosem, fiam algodão, de que tambem não fazem têas, como poderiam, se tivesse quem as ensinasse ; mas fazem por sua idéa uma especie de tecido, de que formam as rêdes, em que dormem, e umas fitas, como passamane, com que cingem a cabeça, braços, pernas, cintura, e tudo quanto querem ; dos mesmos fios formam cordas de varias grossuras, que são muito fortes, e servem para seus usos.

As que são de meia idade vão ás roças, e conduzem para casa, ás costas, a mandioca, e fazem a farinha de que usam e se sustenta a familia; as que são mais velhas fazem as vasilhas de barro, como são, potes, alguidares, panellas, pucaros e outros vasos e peças para seu uso ; e alguns em que guardam os vinhos, e levam uma pipa e mais, todos lavrados, pintados e bem feitos, segundo o seu uso.

Formam estas vasilhas de barro, á mão, e depois as mettem em covas, cobrem de mato e cozem com fogo ; ficando boas e duraveis. Tambem são muito inclinadas a criar cães com que os maridos vão á caça, e ellas os levam ás costas quando vão para o campo: criam gallinhas e outras aves e animaes.

CAPITULO LXIV

Dá-se noticia da natural propensão do gentio Tupinambá

São os Tupinambás grandes frecheiros, com difficuldade erram algum tiro ; com este instrumento caçam aves, pescam peixes, matam animaes, defendem-se a si, e offendem a seus contrarios ; circumstancias que naturalmente os faz applicados e dextros n'este exercicio. Por natureza não são avarentos ; facilmente dão o que tem a quem lh'o quer aceitar. Ao principal da casa offerecem quanto trazem ; e o que este lhes não aceita, pontualmente entregam ás mulheres para o cozinharem, e ao parente ou hospede patenteam quanto tem.

São mui ligeiros, correm muito, e sobem com velocidade por qualquer páo, em fórma que não ha quem os imite ; motivo por que são os melhores marinheiros, pois sem recear a maior tempestade, ou vento contrario, mettem e ferram as velas nos navios em que andam. São os primeiros remeiros de canôas, e as fabricam de tal grandeza, que lhe mettem 20 e 30 pessoas de remo, que as fazem voar.

São mui engenhosos; com muita facilidade percebem, aprendem e executam quanto vem fazer, ou lhes ensinam, comtanto que não seja cousa em que labore o discurso; porque então nem o fatigam nem aprendem; razão por que ignoram todas as sciencias, ainda quaesquer artes liberaes. São os melhores carpinteiros de machado, serradores, oleiros, carreiros, nadadores, vaqueiros, officiaes de fabrica de assucar, e os mais insignes em todo o exercicio braçal, por ser trabalho que executa o corpo.

Não tem cousa alguma propria, quanto possuem é de quem o quer gozar; ferramentas e ferragens, que são as cousas de sua maior estimação, jamais as negarão aos que com ellas quizerem trabalhar; isto mesmo acontece com outro qualquer traste do seu gosto.

As Tupinambás, educadas em casas portuguezas, do mesmo modo aprendem com muita facilidade quanto lhes ensinam; cosem, bordam insignemente, são as melhores cozinheiras, e primeiras conserveiras; são com excesso namoradas, amigas de ter trato com homens, especialmente portuguezes; pelo menos brancos.

Machos e femeas são insignes nadadores; ha Tupinambá que anda tres e quatro horas debaixo d'agua, o que parecerá impossivel a quem não o tiver presenciado, ou negar o credito a quem o affirma pelo ter visto. Quando sentem peixe de noite mettem-se n'agua e o apanham de mergulho; deste modo vão buscar os polvos e lagostins, que habitam nas cavidades da costa brava, e debaixo d'agua.

CAPITULO LXV

Trata-se dos Tupinambás feiticeiros, dos que querem mostrar que o são, e dos que comem terra para se matarem

Ha muitos Tupinambás que na realidade são feiticeiros; outros que o querem parecer, e muitos que procuram meios de matar-se. Os que são feiticeiros, e os que querem parecer, vivem sobre si em casa escura, com porta mui pequena; por ella não entra algum Tupinambá que não seja o dono. Uns se fazem e outros se affectam feiticeiros, para os mais os temerem e lhes fazerem quanto querem, e são pontualmente obedecidos, porque ninguem os quer ter por inimigos. Este respeito que conseguem, custa-lhes caro, porque o demonio os maltrata frequentemente, e os móe com pancadas; não lhes diz cousa certa, pelo que raras vezes acertam no que prognosticam; sendo innegavel haver muitos que tem com elle pacto, porém a maior parte são embusteiros.

A estes chamam os mais — *pajés*; escandalisam-se de haver pai que lhe dê sua filha por mulher, o que raras vezes acontece. Dão tanto credito a seus embustes, que se algum diz a outro — cedo morrerás — elle lhe faz venia, e se vai deitar na rêde, onde, pasmado, e sem comer ou beber, vive até que

morre ; verificando-se o prognostico, não porque o propheta o conheça, mas porque a falta de mantimentos lhe tira a vida, e deixa assim mais credulos os outros, que sem discurso olham para o que vem sem exame da causa. E' tal sua loucura, que não ha quem os dissuada de semelhante parvoice, tendo por infalliveis aquelles decretos, que elles zombando e comendo podiam fazer mentirosos. Para os terem propicios lhes vão offerecer as filhas, e tem por grande fortuna que elles lh'as peçam.

Tem este gentio outra barbaridade grande, e é que, quando algum tem occasião de desgosto, que reputa por deshonra de sua pessoa, se delibera a morrer com resolução estranha, deixando de comer até que perde a vida, ou comendo terra para o mesmo fim, e isto sem que alguem o possa evitar, porque em assentando comsigo de morrer só a morte os satisfaz.

CAPITULO XVI

Refere-se como os Tupinambás recebem os seus hospedes; cantam, choram, supportam e praticam suas saudades, e tratam seus negocios.

Quando algum Tupinambá vem de longe, entra por sua casa, e vai deitar-se na rêde ; feito isto acodem as velhas do rancho, e postas de cocoras ao redor da rêde, entram a chora-lo com altas vozes, e lhe dizem em largos discursos as saudades, que delle tiveram na sua ausencia, e os trabalhos que della lhes resultou. Seguem-se os machos, chorando e gritando sem pronunciar palavra, e nisto estão até que o bemvindo se enfada, e manda a todos embora. Sendo a ausencia larga, é visitado de todas as femeas do rancho, parentes e amigos, que primeiro o choram muito na rêde, donde elle se não levanta; e depois lhe dão as boas vindas, e ultimamente lhe trazem de comer em um alguidar, o que elle executa deitado.

Quando algum principal vem de fóra, ainda que seja de sua roça, vai se deitar na rêde, e a ella o vão as mulheres da casa chorar uma a uma, ou duas a duas, e feitas as mais ceremonias referidas lhe trazem de comer.

Morrendo algum Tupinambá, já eu referi os sentimentos que suas mulheres, filhos, parentes e amigos por elle faziam, os lutos que tomavam, e como os tiravam ; motivo por que neste capitulo não o devo repetir, e ao capitulo 60 me remetto.

Prezam-se de grandes musicos, e na verdade que segundo o seu gentilismo cantam soffrivelmente. Tem boas vozes, mas só sabem um som ou toada, que todos dizem. A elle cantam e bailam de roda com seu tamboril, e em ranchos andam uns por casa dos outros com este divertimento ; são recebidos com agrado e convidados com vinho, que para isso se tem prevenido. Nestas turmas andam tambem muitas moças, que com vozes e acções fazem estimavel a festividade e tem excellentes vozes ; nenhuma outra nação excede a esta em vozes e cantos, pelo que são de todas as mais muito estimados, tanto que

caminham seguros por entre seus contrarios, porquanto indo cantando, ainda que lhes possam fazer mal, ninguem os offende só por os ouvir.

Quando entra algum hospede em casa de qualquer Tupinambá, este o leva logo á sua rêde, onde aquelle se deita sem dizer palavra, e a mulher lhe traz o comer; isto fazem ainda que não conheçam o hospede. Depois de ter comido, é que lhe perguntam quem é, si está bom, donde vem e o que quer. Elle vai respondendo a tudo com muito vagar, por ser esta a formalidade de suas praticas. Si algum estrangeiro entra na aldêa, vai prégando e correndo-a toda, até chegar ao principal d'ella, e sem dizer palavra o levam na fórma sobredita á sua rêde, onde deitado come, e depois lhe manda armar uma rêde, á porta do seu lanço, para onde é conduzido; para este sitio muda tambem o principal a sua, ficando a porta no meio de duas rêdes, e ambos deitados recebem as boas vindas do povo da aldêa: acabado este obsequio, entram ambos a praticar sobre o negocio a que o hospede vem, fallando este com muita pausa na presença dos da aldêa, que não dizem uma palavra.

Acabada a pratica, diz o principal ao hospede, que descanse e se retira; então é que os ouvintes lhe fazem perguntas, e se vão tambem embora. No dia seguinte se ajunta o principal com os velhos da aldêa, e confere sobre o negocio do hospede; feito o conselho, se assentam que o negocio lhe não é util, ou que o mensageiro é seu contrario, infallivelmente o matam, depois lhe fazem um officio com grande festa e contentamento, as velhas o choram muito e por fim o comem. Quando o principal tem negocio grande que communicar aos da sua aldêa, convoca os velhos d'ella para se ajuntarem no terreiro da mesma, onde mettem estacas, armam suas rêdes, ficando a do principal no meio, ali todos deitados ouvem o negocio, e conferem sobre sua decisão. Os mais que querem ouvir se poem ao redor, em pé e calados, porque entre elles não ha segredos.

Esta conferencia é feita com grande regularidade e politica, porque o principal propõe a materia, e cada um dos velhos por sua antiguidade, diz, quando lhe toca, quanto sobre ella lhe parece. Si não concordam na resolução, e são differentes os votos, ou disputam entre si, rebatem estas controversias, fumando e bebendo até que concordam; então tomada a resolução, se desmancha o congresso, e se recolhem todos ás suas casas.

CAPITULO LXVII.

Trata-se da fórma com que este gentio cura suas enfermidades.

Padecem os Tupinambás varios, mas certos achaques, a que por seus costumes e modo de viver estão propensos. O primeiro e quasi universal é o mal de bobas, por se pegar por communicação, especialmente aos pequenos. Não lhe fazem

mais remedio, que untal-as com tinta de *genipapo*, quando lhes sahem para fóra ; se isso não basta, lhes põe folhas de *caroba*, e o que admira é ficarem bons, pelo menos se recolhem sem dôres ou inchação, a quem usa d'este remedio.

Tambem padecem terçãs e quartãs, originadas de lhes traspassar o ardor do Sol os ossos e cerebro; porquanto já disse que andavam nús com a cabeça descoberta, e ao mesmo tempo se mettem nos rios, cuja agua corre frigida, praticando isto mesmo estando cansados e suados. D'esta molestia não fazem caso algum, nem lhe fazem mais remedio, que tomar caldos de *cariman*, e ungir-se com agua de *genipapo*, e com isto melhoram.

Curam as feridas das frechas com uma herva que chamam *embayba*, que para isto parece milagrosa ; se são penetrantes, fazem uma grade de varas, sobre a qual deitam o ferido, e fazendo-lhe fogo por baixo, lhe vão lentamente gastando toda a humidade e depois as curam com balsamo.

CAPITULO LXVIII.

Mostra-se o grande conhecimento que os Tupinambás naturalmente tem da altura do sol e do movimento das estrellas, por cujo motivo gyram todo o sertão, sem perderem passo, indo parar á terra que querem.

Tem os Tupinambás grande conhecimento dos astros, pelos quaes se governam, caminhando por sertão inculto, e indo parar á terra que pretendem sem perderem passo.

Em uma occasião mandaram dois Tupinambás da cidade da Bahia, degradados por sentenças criminaes, por mar, para a do Rio de Janeiro, e ambos, fugindo separadamente do degredo, se embrenharam pelo interior do sertão para não serem vistos e sorprendidos em povoado, e vieram parar a sua aldêa no continente da Bahia ; mediando mais de 300 leguas, e sem outra guia que o proprio conhecimento dos astros, e sciencia dos seus movimentos.

Costumam quando andam pelo sertão, sem noticia d'onde haja povoado, deitar-se no chão, e cheirar o ar, e por este modo conhecem se ha ou não perto povoação. Conhecem pelo olfacto se ha fogo em distancia de meia legoa, e d'este modo buscam, ou fogem da povoação, segundo lhes faz conta. E' tão certo este referido conhecimento dos Tupinambás, que os Portuguezes não caminham pelo sertão sem os levar adiante, principalmente caminhando em occasião de guerra. Elles são os que fazem os caminhos, dispõe as jornadas, fazem as paradas e elegem o sitio onde devem pernoitar, seguindo nesta parte quanto elles determinam, e confiando da sua capacidade a marcha militar.

CAPITULO LXIX.

Refere-se os preparos que os Tupinambás fazem para suas guerras, como caminham, como pelejam e se recolhem.

São os Tupinambás naturalmente bellicosos. Quando o principal de qualquer aldêa entende que lhe é necessario fazer guerra, convoca os velhos da sua aldêa para o terreiro, na fórma que já referi, e nelle lhes propõe a causa que faz necessaria a peleja; e assentando-se no conselho ser conveniente ou necessaria, se communica a resolução a todos para que se preparem para a guerra, com a certeza do tempo e lugar, em que ha de ter principio.

Divulgada esta noticia, então todos começam a preparar seus arcos e frechas, de que fazem muita quantidade, e tambem de hastes; as mulheres preparam a mandioca para a jornada. Preparado tudo, á noite antes da partida anda o principal prégando em roda das casas, intimando-lhes de novo o motivo que os obriga áquella acção, em que se devem portar com todo o valor, por ser necessaria a vingança, promettendo-lhes victoria contra seus contrarios, e a eterna memoria que se perpetuará em seus descendentes, das façanhas que cada um obrar, e tudo o mais que lhe lembra e póde ser incentivo de furor, colera e brio, concluindo que no dia seguinte farão jornada.

Amanhecendo o dia seguinte, almoçam todos, e carregando cada um com suas armas e mantimentos ás costas, onde tambem levam a rêde em que hão de dormir, e sua espada de páo, se põe em marcha, levando suas espias, tambores, roncadores, e businas, com que vão cantando e fazendo grandes estrondos.

Duas jornadas antes de chegarem aos contrarios; que é distancia de quatro leguas, porque cada dia andam sómente legua e meia, ou duas quando muito, fazem alto; vão as espias que são moços e ligeiros, explorar o caminho, o que fazem com toda a certeza, e certificados do que acham voltam com a noticia ao arraial, que todos os dias acampam e por isso caminham tão pouco.

CAPITULO LXX.

Refere-se como os Tupinambás dão suas batalhas; como engordam os captivos; e solemnidades com que os matam e comem.

Tanto que os Tupinambás fazem alto, já não fazem fogo de dia, para que pelo fumo não possam ser sentidos dos seus contrarios; e dispõe o modo com que repentinamente de noite hão de cahir sobre elles; esperam que a Lua seja cheia para fazerem de noite o resto da marcha; chegam sobre a madrugada á aldêa inimiga todos juntos, e com grande silencio; e tanto que está cercada, entram a dar estrondosos urros com o toque

de seus tambores, e mais instrumentos, e ao mesmo tempo levam tudo a páo com tal furor e crueldade, que não fica pessoa alguma com vida, das que recebem pancadas do seu primeiro impulso, seja macho ou femea, grande ou pequeno; porque cada um leva um páo pesado, formado em gomos, com que dão na cabeça ao contrario, e com tal violencia, que basta e sobeja uma só pancada para lhe tirar a vida.

São tão barbaros, que, não satisfeitos de negar quartel a quem se lhes rende, cortam as naturaes aos homens, e os vasos mulheris para levarem ás suas mulheres, que seccam ao fumo para os fazer comer aos que captivam da mesma nação, antes que os matem.

No despojo da guerra não tem o seu principal cousa certa, nem entre si observam alguma politica; cada um faz seu o que póde apanhar. Tanto que tem concluido a acção, e estão carregados de despojos, põe fogo á povoação e marcham para a sua. Então caminham com passo apressado de dia e de noite, para evitar que os que lhe fugiram se possam juntar com os de outras aldêas, e os venham perseguir ao caminho, o que não obstante quasi sempre lhes acontece, e por isso na retirada trazem as espias na sua retaguarda.

Poucas vezes servem estas cautellas de evitar aos Tupinambás o serem, na retirada, investidos por seus contrarios, e muitas vezes recebem grande damno e destruição, porque, unidos os fugidos com seus amigos, os seguem precipitados na retirada, ou os vem buscar ás suas aldêas, onde os cercam, e se intrincheiram a seu modo com boa forma; e quando assim se fortificam, não acaba a guerra sem total destruição dos cercados ou dos cercadores. N'estas contendas são inmumeraveis os que morrem, pelo que sempre conservam entre si opposição e inimizade, sendo este acontecimento effeito da Providencia, sem o que não caberia no mundo sua propagação incrivel.

Emquanto duram os conflictos, andam os principaes gritando e exhortando os seus a que não desanimem por credito da nação e gloria sua, lembrando-lhes as victorias que elles, ou seus antepassados já tenham alcançado dos contrarios, e o mais que lhes occorre para incentivo de furor e raiva.

Os Tupinambás, que na guerra fizeram maiores proezas mudam de nome, tanto que se recolhem ás suas casas, o que fazem com as seguintes solemnidades. Destinado o dia para esta mutação, prepara o que ha de mudar o nome seu convite e vinhos; concorrem os convidados com os seus adornos festivos ao banquete que o dono da casa recebe com o mesmo ornato; depois de bem emborrachados e fatigados de desatinos e sensualidades, lhe entram a fazer elogios e a dizer louvores, com seus cantos e musica: referidas suas proezas, lhe rogam diga o novo nome que quer tomar. Elle então o declara e se vai deitar na rêde, onde por certos dias existe sem comer nem beber, tendo por máu agouro fazer o contrario.

Costumam tambem os Tupinambás, que na guerra ou no mato particularmente mataram seus contrarios, logo que esta

noticia chega á sua aldêa, recolher-se ás suas casas, e d'ellas não tornar a sahir emquanto os moradores da aldêa não entram n'ellas, e lhes levam quanto acham, que são mantimentos, armas e alfaias, o que elle está vendo e não diz palavra; feito isto, prepara elle roubado um banquete, para o qual concorrem os parentes (por ficar sem cousa alguma) com alfaias, mantimentos, e tudo o mais emprestado; destinado o dia, convida para elle a todos, que lhe vão assistir enfeitados, e depois de emborrachados e cansados de seus folguedos, lhes restituem quanto tiraram, e contam esta acção entre as do seu valor, e se reputam com estes actos por mais honrados.

Este mesmo matador, no espaço que medeia, até dar o banquete, se veste de luto na fórma já referida, o que tambem fazem seus irmãos, e o tiram no dia do convite, e muitos para lhes ficar impressa no corpo esta façanha, que entre si julgam pela mais heroica, se mandam riscar; que é retalhar o corpo com certa especie de canna, que fendida corta como a mais afiada navalha; e para não sentirem tanto o effeito d'esta operação se lavam com certa agua e bebem certa bebida que lhes adormece o corpo, a qual é na verdade tão violenta, que muitos morrem por se lhes cortar as arterias; todos ficam sempre mal feridos, e não obstante este tormento e perigo pedem que lh'o façam, e soffrem com gosto.

Quando os Tupinambás apanham vivo algum de seus contrarios o levam captivo (posto que muito raras vezes é para lhe perdoarem a vida); serve ao senhor, a quem não tem mais sujeição, que occupar-se em fazer o mesmo que elle faz ou seus filhos, que é lavrar certas horas, cortar mato, caçar e pescar, porque entre senhor e escravo não ha divisa.

De ordinario levam os captivos, e os atam de modo que não fujam, ou os mettem em prisões de algodão muito grossas a que chamam *masargca*, que elles não podem desatar, porque os ligam pelo pescoço e cintura; seguros d'este modo, lhes dão muito de comer, mulher com quem se divirta, e todo o genero de regalo lhe facilitam para que se nutra e engorde. Elle preso escolhe a mulher que quer; sendo casada, o marido o não repugna, e com ella se desenfada quando e como quer, esta tem o cuidado de o servir e tratar pondo-lhe prompto quanto elle pede; algumas vezes acontece, sendo o captivo moço, robusto, e bem figurado e prendado, conseguir perdão da morte, e vendem-no aos Portuguezes, porém de ordinario acaba na fórma seguinte.

Destina o senhor o dia, em que o ha de comer, (e é esta entre elles a maior festividade), fazem-lhe vesperas, em que principia a exercitar-se a gula, ebriedade e lascivia; não ha guizado, que n'esta funcção deixe de apparecer, bebida que falte, ou acto sensual que se não execute, e são convidados todos os parentes e amigos, ainda distantes 40 leguas; em toda a noite ninguem dorme, todos passam cantando ao som de seus instrumentos; amanhecendo o dia, preparam-se todos com seus enfeites que tem, e vem para o terreiro por sua ordem; atraz

de todos vem o captivo todo empennado, e com o corpo untado com mel de abelhas, muito contente e enfeitado, traz o corpo pintado de varias côres, com uma liga pela cintura, espada de páo, e só se distingue dos mais em vir preso pelo pescoço com corda de algodão forte e comprida, e com duas pontas iguaes.

Chegados ao terreiro, põe o captivo no meio de dous páos, que já estão cravados na terra, e com dous buracos por onde se passam as pontas da referida corda, ficando com liberdade de suas acções, e só preso pelo pescoço no meio dos ditos dous páos; nas duas pontas da corda pegam dous Tupinambás robustos, que lh'as largam ou apertam, segundo querem que elle mais ou menos seja senhor de suas acções.

Posto n'este lugar o miseravel (sendo gentio contente) lhe põe á cabeça uma vasilha de vinho, todos os circumstantes bebem d'elle á sua saude, elle tambem o faz; feito isto, chega o que ha de matar, muito enfeitado e pintado, com sua espada de páo, e se põe ao pé da victima, e lhe diz que conte sua vida, e as acções que nella tem obrado; entra o captivo a prégar, fazendo de sua vida o discurso que quer, concluindo que já está vingado de quem o ha de matar, porque já ajudou a comer seus parentes ou os matou, e fica certo que os seus o hão de despicar; concluido isto, o rodeiam as velhas, e lhe dizem que se farte de ver o Sol, e se despeça d'elle, porque brevemente morre: elle lhes responde que aceita com gosto a morte pela que já déra a seus parentes, e estes receberam dos seus.

Acabada esta pratica, tocam-se instrumentos, canta-se, baila-se e faz-se grandes algazarras e galhofas; isto concluido, põe-se o matador defronte do captivo, e diz-lhe que se defenda d'elle, que o quer matar, tiram ambos as espadas, e afrouxadas as pontas da corda, se dá liberdade ao captivo para atalhar e se defender dos primeiros golpes, e d'esta faculdade tem resultado não poucas vezes ferir muito gravemente primeiro o que ha de morrer ao matador, porque este confiado que os vigias da corda lhe não darão grande liberdade, se mette com elle mais do que devêra, e recebe grandes golpes, que o descuido facilita, e a destreza do que ha de morrer antecipa e aproveita a occasião. Ultimamente puxadas as cordas fica o captivo engasgado entre os páos onde o matador lhe dá na cabeça e lhe tira a vida.

Morto deste modo o captivo, é conduzido pela comitiva a outro logar, onde feito em bocados, segundo a quantidade dos corpos mortos e dos convidados, se distribue por todos que comem esta carne cozida ou assada; o matador julgando esta acção pelas de maior honra, destina neste dia outro, em que dá banquete, e muda o nome como fica já referido.

Tem acontecido criarem as mulheres destinadas para cohabitar e tratar d'estes captivos, emquanto não os matam, tal amor a estes homens, que lhes tem facilitado os meios para fugir; algumas os seguem deixando para os acompanhar pais, parentes, marido e patria; as que delles parem criam com todo o desvello os filhos que nascem, a quem os Tupinambás chamam — *cunhamembira*— que significa, filho de contrario; e depois de

ter alguns annos de vida, quando mais bem nutrido está, o offerece á mãi, irmão ou parente mais chegado, que lh'o agradece com certas ceremonias, para em terreiro e publico convite lhe partir a cabeça, e o comerem, como fizeram ao pai na fórma sobredita, e é a mãi a primeira pessoa que come da carne do filho. Ultimamente são tão barbaros, que não duvidando dar ao captivo a filha, ou mulher que elle pede para seu desenfado, em quanto não morre, depois que o matam, fica ella sendo desestimada de todos por ter cohabitado com seu contrario, sendo que, de ordinario, não concorre para essa eleição.

MEMORIA

DO

Descobrimento e fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Escripta por Antonio Duarte Nunes, tenente de bombeiros do regimento de artilharia desta praça, no anno de 1779

(Manuscripto offerecido ao Instituto: continuado de pag. 137 do 2º numero desta *Revista*.)

Já se fazia muito visivel em toda a Europa a opulencia do Rio de Janeiro pelo seu commercio, e sobretudo, a grande quantidade de ouro, diamantes, e outras pedras de muito valor, que se transportavam para Lisboa, de que resultou terem os habitantes d'esta cidade novas inquietações suscitadas pelo odio da França, no anno de 1710, quando ella com affectadas razões se queixava de Portugal não querer a sua união, n'aquelle tempo, em que tinha poderosos motivos para a rejeitar, declarando-se a favor de Carlos III, contra Felippe V, que então emprehendia a conquista da monarchia castelhana. D'este sentimento resultou permittir el-rei de França que os seus vassallos se animassem a invadir o Rio de Janeiro, que pela sua grande riqueza promettia um saque de muito preço. Apromptaram sete náos, das quaes cinco eram de linha, e sahiram conduzindo novecentos e mais homens de guerra ; trazendo por general a um cavalheiro francez chamado João Francisco du Clerc. No fim do mez de Agosto do dito anno, sendo vistas as náos pelos moradores de Cabo Frio, fizeram logo aviso ao governador d'esta cidade Francisco de Castro de Moraes, o qual mandou preparar as fortalezas e a marinha ; prevenindo as milicias, para qualquer accidente de combate. Poucos dias depois se repetiu o mesmo aviso da Ilha Grande, aonde, tendo desembarcado alguns Francezes, pagaram com as vidas os insultos, e roubos, que procuravam fazer em varias casas d'aquelles moradores. Da Ilha Grande voltaram para a Guaratiba, e ali desembarcaram mais de novecentos homens, os quaes marcharam para esta cidade cheios de fome e trabalhos, por fazerem a maior parte das jornadas, pelo interior dos matos, desprezando a estrada geral.

De tudo tinha avisos o governador, que podéra, n'aquelles estreitos transitos, tão praticados pelos naturaes, como incognitos aos estrangeiros, cortar-lhes o passo com total ruina dos inimigos ; porém alguns destacamentos, que mandou ao caminho por onde elles marchavam, mais serviram de testemunhar a sua jornada, que de lh'a impedir, pois em sete dias de mar-

cha, se lhes não disparou um tiro. O governador, mandando tocar repetidos rebates, se formou no campo do Rosario (*) dizendo, que ali os esperava para os combater, sem que as instancias, que lhe faziam os officiaes e os moradores, o obrigassem a dar mais um passo; e só entendendo que os Francezes tomariam a fortaleza da Praia Vermelha, ordenou ao mestre de campo João de Paiva que a fosse soccorrer; e mandando-lhe perguntar o dito mestre de campo se havia pelejar com os Francezes, respondeu, que mandava defender a fortaleza; mas que fizesse o que a occasião lhe permittisse.

Aos 18 do mez de Setembro teve aviso, que o inimigo tinha chegado ao Engenho Velho, e que ali repousava aquella noite. No dia seguinte, ao amanhecer, caminhavam para a cidade, e ás sete horas, do campo onde estava formado o governador, se começaram a ver as bandeiras do inimigo; e avistando tambem os Francezes o corpo do nosso exercito, torceram o caminho para o desterro (S. Theresa), em cujo sitio o padre Frey Francisco de Menezes, religioso Trino, e varios homens que convocára para hostilisar aos Francezes, na descida d'aquelle morro, lhes deu uma boa descarga de mosquetaria, matando-lhes muitos soldados, e a maior parte dos voluntarios, que marchavam na vanguarda, diante da qual ia o seu general du Clerc sem outras armas, que uma rodela, e o seu bastão. Este accidente, que podera embaraçar aos Francezes, lhes fez apressar o passo para a cidade; mas chegando á igreja de N. S. da Ajuda (que nesse tempo estava defronte das casas do tenente coronel Mascarenhas) (**) receberam outra descarga do Castello, com a qual perderam muita gente, porém assim mesmo continuaram a marchar, sem os deter nenhum perigo; disparando tambem incessantes tiros da sua mosquetaria; e passando muito perto do nosso exercito, que ainda estava no campo, sem que o governador se abalassē, nem lhe mandasse dar um tiro, se introduziram na rua do Parto, e foram parar á marinha, fazendo alto defronte do Carmo: e d'ali, querendo seguir para diante, foi tão grande a desordem, vendo-se feridos, e mortos com as amiudadas descargas, que das boccas das ruas lhes davam, que fizeram alto defronte do trapiche de Luiz da Motta (chamado hoje da cidade).

Nesta perplexidade aconteceu um desastre, que pudera facilitar aos inimigos a victoria; porque tendo-se recolhido a polvora, na casa da alfandega contigua a palacio (***), para se distribuir, pegou o fogo de um murrão em um cartuxo, e saltando a chamma a muitos barris, passou a palacio o incendio

---

(*) Era onde está hoje a igreja da antiga Sé do Rosario.

(**) Chama-se hoje canto da mãi do Bispo. Este Mascarenhas era o progenitor do bispo, que foi desta cidade, D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco.

(***) O palacio era nos contos, onde está hoje a caixa da amortisação e correio.

com ruina notavel d'aquelle edificio, e morte de tres valerosos estudantes, cuja companhia o guardava com louvavel disposição e alento. Ao estrondo que fez o incendio, destacou do nosso exercito, com o seu terço, o mestre de campo Gregorio de Castro de Moraes, irmão do governador, e chegando áquelle lugar se bateu valerosamente com os Francezes, impedindo-lhes tomar o palacio; mas ali mesmo cahiu morto de uma bala inimiga, acabando com elle o valor, que a natureza lhe dera em recompensa do que negára a seu irmão. Com este successo não esmoreceram os seus soldados, porque com dobrado esforço vingavam nos inimigos a morte do seu mestre de campo.

Picava a nossa gente, por varias partes, a do inimigo, fazendo-lhe pelas esquinas gravissimas hostilidades; e já lhe faltavam mais de quatrocentos homens mortos ao nosso ferro, a troco de trinta, que tinhamos perdido. Vendo-se finalmente o general du Clerc acommettido de muitos Portuguezes, que de novo iam concorrendo ao combate, se recolheu ao trapiche, querendo nelle fazer-se forte, com a sua infantaria, da qual um troço de cem homens, por não caberem ou não atinarem, se metteu por uma rua, onde, parecendo já rendidos, foram todos mortos pelos nossos, sacrificando á sua vingança aquellas vidas, que podiam servir á sua gloria, a não ser naquella occasião tão cego o furor, que lhes fez preferir o rigor á commiseração.

Até este tempo estava o governador Francisco de Castro de Moraes feito estafermo no campo; mas chegando-lhe a noticia de que os Francezes estavam dentro do trapiche, e postos em cerco, entrou com o resto do exercito na cidade, que achou desoccupada de inimigos, por se haverem voluntariamente mettido na clausura do trapiche, onde mandou o governador dizer ao general du Clerc, que pois não tinha já partido algum, se rendesse a arbitrio do vencedor; e vendo du Clerc começar a repicar os sinos de todas as igrejas, em signal de triumpho, dizia que era sua a victoria, e não queria convir em que fosse nossa. Durou esta porfia, e renitencia desde as onze horas da manhãa, até as duas da tarde; o que vendo o governador, mandou ir muitos barris de polvora, para fazer voar o trapiche, sem embargo da gente portugueza, que o habitava.

Nesta resolução serviram os maravilhosos effeitos do amor da patria, superiores ás poderosas forças do sangue, porque um natural d'esta cidade, alferes de ordenança, que tinha muita parte na herança d'aquelle trapiche, onde se achavam sua mãi, irmãas, mulher e filhos, era o que mais apressava a execução do incendio, querendo ser o primeiro que lhe puzesse o fogo; fazendo-se por tão brilhante acção muito digno e muito merecedor da fama lhe erigir altares no templo da memoria; porque não se mostraram mais constantes Junio Bruto em tirar a vida aos filhos, e Horacio em matar a irmãa, pela conservação da patria.

Entendendo o general francez, que não tardariam muito as chammas, que se dispunham, para abrasar aquelle seu rece-

ptaculo, por salvar a vida e a dos seus soldados, se entregou com elles á prisão.

Ao general puzeram primeiro no collegio dos padres da companhia, depois o passaram para o Castello, e ultimamente lhe concederam faculdade para tomar uma casa, onde o assassinaram, na noite de 18 de Março de 1711, sem se averiguar quem fôra, nem o saberem os soldados, que o guardavam. Foi sepultado na igreja da Candelaria, e os mais Francezes foram divididos em prisão, pela casa da moeda e conventos, com sentinellas á vista; depois foram mettidos na cadêa e nas mais prisões da cidade, exterminando-se a maior parte d'elles para a Bahia e Pernambuco.

Ao quinto dia, depois de conseguida a victoria, chegaram a esta barra as náos francezas, vindas da Guaratiba, onde tinham desembarcado os inimigos: lançaram de noite uns foguetes, que eram as suas senhas, mas não sendo respondidos, voltaram para França com a certeza da ruina e perda da sua gente.

Socegada já a cidade, se fizeram grandes festas em acção de graças, que remataram com solemne procissão, levando o governador, em todos estes actos, os vivas e applausos da victoria em que não soube ter parte.

Recebeu com assaz impaciencia esta noticia a nação franceza, sempre diligente no despique dos seus aggravos; sentindo menos o prejuizo da despeza, do que ver abatido o credito; e na recuperação de uma e outra perda, empenhou maiores cabedaes, e forças mais poderosas; pondo brevemente no mar uma armada, que se compunha de sete náos, oito fragatas, e duas travessias, que conduziam 5.396 praças com o general Renato du Guai Trouin, o qual vinha a emendar os erros de du Clerc, com outra não menos temeraria empreza, se tivera quem lh'a disputasse por differente modo, do que praticaram o governador e o commandante das náos, que se achavam neste porto, para a mesma defensa.

Divulgou-se em Lisboa a noticia do apresto, e poder d'esta armada, e que se dirigia ao Rio de Janeiro, aonde iam os Francezes a recuperar o credito, e os presos que tinham deixado naquella praça. Sendo de tudo informado o serenissimo senhor rei D. João V, fez aviso ao governador d'ella, e mandou com toda a brevidade sahir a frota, que naquelle anno lhe havia de ir; dobrando as náos do comboi, a gente, e os petrechos militares; ordenando, que as embarcações mercantes, que fossem mais fortes, deviam ser armadas para concorrerem com as suas competentes forças em caso de peleja, e nomeou para chefe d'esta esquadra a Gaspar da Costa de Athaide, que exercia o posto de mestre de Campo do mar. Partiu de Lisboa a frota com grande presteza, e com a mesma chegou a esta cidade, composta de quatro poderosas náos de 60 e 70, e bons navios, com tudo o preciso, para a defensa da praça; e havendo já alguns dias, que se achava nella, teve parte o governador, a 20 de Agosto de 1711, que da Bahia Formosa se tinham avistado muitas vélas, tomando o rumo d'esta barra.

Tocou-se a rebate, guarneceram-se as fortalezas, e fortificou se a marinha. Bem conhecia o povo d'esta cidade, o que tinha no seu governador, mas fiavam-se muito da disposição e alento de Gaspar da Costa, o qual se embarcou logo, pondo em linha, na defensa das praias, as quatro náos e os navios mercantes de mais força; porém estando nesta fórma cinco dias, dando por falso o aviso, tornou a desembarcar; começando por este facto a perder o conceito, que se fazia da sua vigilancia, como depois perdeu o que se formava da sua experiencia, mostrando-se perplexo no segundo aviso, que de Cabo Frio chegou a 10 de Setembro do mesmo anno, de ter passado dezesete embarcações demandando a barra d'esta cidade. No dia seguinte, que se contavam onze do dito mez, a uma hora da tarde, entraram as náos inimigas debaixo de uma cerração tão densa, que não deu lugar para as verem, senão quando enfrentaram com as fortalezas da barra, e com repetidas descargas sobre ellas, foram entrando até a Armação das Balêas; ficando surtas naquelle sitio, em distancia de um tiro de peça da cidade.

Neste conflicto appareceu Gaspar da Costa de Athaide, que devendo metter-se a bordo das náos, e pô-las em ordem, para defender a marinha, como tinha praticado no ensaio do rebate, as mandou marear, para livra-las do inimigo; porém achando mais prompto o perigo no baixo da Prainha, e na ponta da Misericordia, ordenou logo que fossem abrasadas, mandando pôr-lhes fogo, em que arderam intempestiva e lastimosamente. Na desordem destas disposições descobriu este official a falta, que já experimentava no entendimento, e crescendo mais em tanta desgraça, ficou padecendo este defeito em todo o tempo que lhe restou de vida. Naquella tarde, e nos tres seguintes dias, foram tão excessivas as descargas da artilharia das náos inimigas, e das nossas fortalezas, que em reciproco estrondo parecia arruinar-se o mundo, causando maior ruido o incendio da casa da polvora na fortaleza do Villegaignon, em que acabaram desastradamente tres capitães alentados, e muitos soldados valerosos, além de sessenta feridos e maltratados.

Todo este horror não bastou para entibiar o animo ardente dos naturaes d'esta cidade, antes lhes serviu de estimulo; porque vendo que os Francezes assentavam artilharia no morro de S. Diogo, acudiu a elle o capitão Felix Madeira, e matando alguns, fez prisioneiros a outros; e Bento do Amaral, indo a defender a fortaleza de S. João, perdeu a vida tirando-a primeiro a muitos inimigos; porém a fatalidade, que estava destinada a esta cidade superou o valor dos seus moradores, que vendo desanimado a Gaspar da Costa, e que o governador Francisco de Castro mandára abandonar e encravar a artilharia da fortaleza da Ilha das Cobras, ficaram conhecendo que, por falta de quem os governasse, era irremediavel a sua perdição.

Tendo os Francezes noticia pelos seus espias, que estava abandonada a fortaleza da Ilha das Cobras, e sem gente que lhes fizesse resistencia, a tomaram logo, para d'ali bombearem a cidade, na qual lançaram tantos artificios de fogo, que pegando

em palacio, e em outros edificios, infundiram nos moradores um panico terror tão intenso, que na noite do quinto dia da chegada dos inimigos, em que o governador e Gaspar da Costa tinham assentado retirarem-se com a tropa, e deixar a praça, o fizeram elles primeiro; abandonando as suas casas, e os melhores haveres que possuiam, sem lhes deter a fuga uma grande tempestade de vento e chuva, que houve em toda aquella noite.

Rendidas já muitas fortalezas, e desamparada a cidade, a occuparam os Francezes, ficando senhores d'ella e do saque, em que acharam um despojo mais rico do que suppunham, porque importou muitos milhões; e vendo que não tinham mais que recolher, capitularam com o governador Francisco de Castro Moraes, deixar a cidade sem a demolir, por uma grande porção de ouro, que depois veio a ficar em 600 mil cruzados, 100 caixas de assucar e 200 bois; que fez o importe de 610 mil cruzados, 200 bois e 100 caixas de assucar, para os quaes concorreram a fazenda real, os moradores d'esta cidade e seus reconcavos, e algumas religiões, á proporção dos cabedaes de cada uma; e em quanto se ajuntava a quantia, para a qual se valeram dos cofres, que antecipadamente os seus ministros mandaram pôr em salvo, fóra da cidade, se detiveram nella os inimigos, abstendo-se de obrar mais estragos e hostilidades.

Na mesma tarde em que entrou a armada franceza se expediu um aviso ao governador da Capitania de S. Paulo Antonio de Albuquerque Coelho, que nesta occasião se achava em Minas, o qual pondo-se em marcha com tres mil homens, bem e mal armados, chegou a esta cidade a tempo, que já estava vencida e capitulada; e não achando remedio em desmanchar a feira, conveio nella.

Entregue a referida quantia aos Francezes, sahiram d'este porto a 28 do mez de Outubro, havendo um anno, um mez e oito dias que tinham sido vencidos pelos Portuguezes nesta cidade, cujos moradores, desprezando o dominio de Francisco de Castro Moraes, obrigaram a Antonio de Albuquerque Coelho a encarregar-se do governo, até decisão de Sua Magestade, sem haver em Francisco de Castro impulso de se conservar no cargo, de que o depunham.

Tendo chegado a Lisboa a infausta noticia da desgraça d'esta cidade, mandou o serenissimo senhor rei D. João V, por governador d'ella, ao mestre de campo general Francisco Xavier de Tavora, com ordem para prender a Francisco de Castro e a outros officiaes, em cuja execução os poz em asperas prisões, nas quaes se achavam quando, por ordem de Sua Magestade, passou o Chanceller da Bahia Luiz de Mello da Silva com dous desembargadores a esta cidade, para com o ouvidor d'aqui e das Comarcas de Minas e S. Vicente, formar uma alçada de sete ministros, para sentenciarem os culpados na entrega da praça.

Juntos os ministros, devassou-se o caso, e não faltaram opiniões que tambem infamavam de traidor a Francisco de

Castro; mas não havendo indicios para se lhe formar culpa de infidelidade, se lhe provaram faltas de valor e de disposição, que foram causa de não pelejar na defensa da praça e de a desamparar; crime, pelo qual foi sentenciado a degredo e prisão perpetua em uma fortaleza da India.

Um mestre de campo seu sobrinho, filho de Gregorio de Castro Moraes, que succedeu a seu pae no emprego e não no alento, foi privado do posto com degredo perpetuo. Um capitão da fortaleza de S. João, que por fraco a entregára logo aos Francezes, foi enforcado em estatua, por andar ausente.

Outros presos foram livres e soltos por mostrarem, que não concorreram mais que na obediencia das ordens do seu governador; e com esta sentença se desfez o tribunal, mandado formar nesta cidade, para castigar os complices na sua perda.

Relação das pessoas, e das quantias, com que contribuiram para o resgate d'esta cidade, rendida pelos Francezes em 11 de Setembro do anno de 1711.

A Fazenda Real	67.697$344
A Casa da Moeda.	110.077$600
O Cofre da Bulla.	3.484$660
O Cofre dos Orphãos.	9.733$220
O Cofre dos Ausentes	6.372$880
Francisco de Castro Moraes.	10.387$820
Lourenço Antunes Vianna.	6.784$320
Francisco de Seixas da Fonseca . . .	10.616$440
Rodrigo de Freitas	1.166$980
Braz Fernandes Rolla	6.062$080
Paulo Pinto	3.031$040
O Prior de S. Bento.	1.575$680
Francisco da Rocha	1.356$000
Christovão Rodrigues	1.643$200
Antonio Francisco Lustosa.	859$600
Thomé Teixeira de Carvalho	785$600
Os Padres da Companhia	4.866$000
Rs.	246.500$464

Em virtude da ordem de Sua Magestade de 31 de Março de 1713, em que mandou que a sua real fazenda entrasse na contribuição do resgate, se tiraram do computo acima, com que concorreu a casa da moeda, 84.000$000 réis, e veio a ficar liquida a divida, que satisfizeram os moradores da cidade e seus reconcavos em 162.500$464 réis, para cuja satisfação se lançou aos moradores da cidade e seus reconcavos, sobre o principal valor das casas, seis por cento; sobre o maneio de cada um, quatro por cento; e sobre os engenhos e mais fabricas, tres por cento; que tudo fez a somma de 616 mil cruzados e 100$464 réis.

BIOGRAPHIA

DOS

BRAZILEIROS ILLUSTRES PELAS SCIENCIAS, LETRAS, ARMAS E VIRTUDES

José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú

Memória escripta por seu filho o conselheiro Bento da Silva Lisboa, e lida na sessão do Instituto Historico, em 24 de Agosto de 1839.

Bonum Virum facile crederes, magnum libenter.
TAC. *De vita Agricolæ.*

O grande historiador Tacito, para mitigar a dòr, que lhe causára a morte de seu genro Agricola, escreveu a vida d'este celebre Romano. Julgo que não me será estranhado que eu imite o exemplo de um escriptor, que tem excitado a admiração dos seculos, procurando que não fiquem em esquecimento alguns factos notaveis da vida de um distincto Brazileiro, que todo se dedicou ao serviço da patria, e a quem devi os maiores beneficios.

José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú, commendador da Ordem de Christo, e official da do Cruzeiro, desembargador aposentado no supremo tribunal de justiça, e senador do imperio, nasceu na cidade da Bahia em 16 de Julho de 1756. Seu pai foi Henrique da Silva Lisboa, natural da cidade de Lisboa, de profissão architecto; e sua mãi, Helena Nunes de Jesus, natural da Bahia. Desde os seus mais tenros annos distinguiu-se pelo seu ardente amor ás letras, de maneira que entrou aos oito annos de idade para a grammatica latina, estudando depois philosophia racional e moral no convento dos frades carmelitanos da mencionada cidade, tendo aprendido musica e a tocar piano.

Concluidos estes estudos, seu pai o enviou para Lisboa, onde se applicou á rhetorica, na aula do insigne professor Pedro José da Fonseca, partindo em 1774, para a Universidade de Coimbra, afim de matricular-se nos cursos juridico e philosophico.

Tendo-se dado ao estudo das sagradas lettras, e ancioso de as ler nos originaes hebraico e grego, applicou-se a estas linguas com tal afinco, que em 1778, por opposição publica, e concurso dos candidatos, fazendo exame perante o presidente, que era o reitor e reformador da Universidade, o Sr. D.Francisco de Lemos,

bispo de Coimbra, foi nomeado, por carta academica, substituto das cadeiras d'aquellas linguas. Em 1779 tomou os gráos de bacharel formado em direito canonico e philosophico.

Voltando a Lisboa procurou entrar no serviço da magistratura; mas sendo-lhe necessario tornar para sua patria, obteve, em resolução de consulta da real mesa censoria, ser provido na cadeira de philosophia racional e moral da mencionada cidade da Bahia, onde creou tambem a cadeira de lingua grega, que exerceu por 5 annos, com o titulo de substituto até chegar o proprietario. Nesse tempo casou-se com D. Anna Benedicta de Figueiredo, senhora virtuosa, e dotada de grande penetração, de quem teve 14 filhos, dos quaes ainda vivem cinco.

Depois de ter ensinado, por vinte annos, com geral applauso, as materias proprias da sua cadeira, dirigio-se novamente a Lisboa em 1797, obtendo ser jubilado, e fazendo-lhe então o Principe Regente, depois o Sr. D. João VI, a mercê de deputado e secretario da Mesa da Inspecção da cidade da Bahia, logar que creou, e onde prestou os mais valiosos serviços á agricultura, e commercio da provincia.

Desde esse tempo começou a trabalhar na sua obra «Principios de direito mercantil» que publicou em Lisboa no anno de 1801 em oito tratados elementares. Esta obra, a primeira que se deu á luz na lingua portugueza sobre semelhante materia, e que fez conhecer os profundos conhecimentos do seu autor no direito civil, maritimo, e das gentes, adquiriu tanto credito e celebridade, que teve reimpressões em Lisboa, e até uma em Londres, sendo citada com louvor no fôro pelos mais habeis advogados.

Encantado com a leitura da obra, que o celebrado Adam Smith publicou em 1775, intitulada «Inquirição sobre a riqueza das Nações,» esforçou-se em propagar os principios por elle empregados sobre a franqueza da industria, abolição de monopolios, e especialmente sobre a liberdade de commercio. Para este fim deu á luz em Lisboa em 1804 os seus «Principios d'economia politica» que teve geral aceitação, e serviu de estimular aos estudiosos a applicarem-se a uma sciencia, que tanto contribue para a prosperidade e grandeza dos povos.

Os grilhões coloniaes, que pesavam sobre o Brazil, e embaraçavam o commercio estrangeiro, retardaram por longo tempo as esperanças, que Silva Lisboa nutria de ver em breve o seu paiz engrandecer-se, podendo livremente vender os seus variados productos a todas as nações.

A invasão de Portugal feita pelos Francezes no anno de 1807, que obrigou ao principe regente a passar para o Brazil, proporcionou uma occasião favoravel a Silva Lisboa, para fazer executar-se o que o seu ardente patriotismo e luzes aconselhavam a bem da sua patria. Aportando aquelle soberano á Bahia, Silva Lisboa aproveitou-se da amizade, que tinha com D. Fernando José de Portugal, depois marquez de Aguiar, para lhe indicar a necesdade de abrir os portos a todas as nações amigas da corôa de Portugal; e apezar da forte opposição, que então se fez, tal foi

a força dos seus argumentos, que aquelle fidalgo cedeu ás suas persuasões, e fez com que o principe regente publicasse a carta regia de 24 de Janeiro de 1808, que liberalisou aquelle maximo beneficio á nação.

Tão salutar medida, que ainda hoje nos salva no meio das crises politicas, que atormentam ao imperio, longe de ser apreciada no seu justo valor, mereceu pelo contrario a maior desapprovação da parte dos negociantes portuguezes; pois que, acostumados a terem unicamente communicação com as praças de Lisboa e Porto, não podiam soffrer idéa alguma de concurrencia; e por isso não se pouparam a esforços e diligencias, para que se revogasse a carta regia, que, segundo proclamavam, augmentava os males, que a nação soffria, e privava ao Estado das suas rendas; e não faltaram pessoas influentes, e até estadistas, que esposassem a causa dos ditos negociantes, os quaes seguramente haveriam alcançado o que desejavam, se Silva Lisboa, que havia acompanhado a el-rei, sendo nomeado professor de economia politica, não lançasse mão da penna, e em uma frase cheia de fogo, e em que se mostrava vastissima erudição, não pulverisasse os argumentos dos seus adversarios, dando á luz em 1808 as suas—Observações sobre o commercio franco—parte 1ª e 2ª, em que provou com o exemplo dos Estados-Unidos d'America quanto aquelle commercio contribuira para curar os males, que a guerra da independencia por sete annos havia produzido. E aqui seja-me permittido narrar um facto, que demonstra, quanto um homem illustrado, que procura destruir prejuizos populares, é exposto ás settas da calumnia e intriga. Certo censor tendo lido a citada obra, pôz á margem do exemplar as seguintes notas:—E' réo de Estado, merece pena capital—e outros termos d'esta natureza!

A creação do tribunal da junta do commercio, agricultura, fabricas, e navegação d'este imperio, deu logar a que Silva Lisboa fosse nomeado deputado, sendo encarregado das mais difficeis commissões, e entre ellas a de apresentar um projecto do Codigo do Commercio, trabalho em que assiduamente se empregou, mas que não póde completar por causa do seu fallecimento. Tambem organisou o regimento para os nossos consules, que muito serviu para se concluir aquelle, que se acha hoje em execução.

Quando rebentou a revolução do Porto em 1820, e que o seu echo repercutiu em todo o Brazil, tendo-se visto o senhor rei dom João VI, na necessidade de jurar em 26 de Fevereiro de 1821 a Constituição, que as côrtes constituintes em Portugal fizessem, era tal o credito, de que gozava Silva Lisboa, que foi nomeado inspector dos estabelecimentos litterarios, emprego summamente espinhoso, pois que tinha de censurar todas as obras, que se publicassem; mas que elle satisfactoriamente desempenhou, não se esquecendo, no meio das suas graves occupações, de aconselhar a concordia e harmonia entre os cidadãos, publicando o jornal *Conciliador do Reino-Unido*.

Resolvendo o senhor D. João VI voltar para Portugal em Abril de 1821, deixou com sabedoria politica, como regente, a seu filho, o principe D. Pedro, pois que era claro a todas as luzes, que o Brazil só se poderia conservar unido áquelle reino, não perdendo nenhuma das vantagens, de que já estava de posse. Logo porém, que pelo decreto das côrtes constituintes se determinou a retirada do principe regente, a abolição dos tribunaes, e remessa de tropas para o Brazil, Silva Lisboa foi com os seus escriptos, principalmente com as suas—Reclamações—um dos mais estremosos antagonistas dos refalsados constitucionaes, e facciosos da cabala anti-Brazilica, procurando encaminhar o espirito publico, para resistir á arrogada supremacia metropolitana, e se defenderem os direitos do principe regente, conforme aos principios do verdadeiro liberalismo, sempre em justo meio entre os extremos do poder despotico e furor popular; expondo as vantagens da monarchia constitucional segundo os actuaes modelos de Inglaterra, França, e Hollanda, que tinham por si a experiencia dos seculos.

Estes principios foram por Silva Lisboa sempre energicamente sustentados, tanto na assembléa constituinte do Brazil, aonde foi deputado pela provincia da Bahia, como depois na qualidade de senador do imperio. Os seus emulos, apezar de se oppôrem ás suas opiniões politicas, nunca deixaram de reconhecer o seu profundo saber, e de admirar a independencia e firmeza de caracter, com que Silva Lisboa sustentava a sua doutrina, como se manifestou em todas as circumstancias criticas, em que se tem achado a nação; especialmente quando na primeira fusão das camaras em 1830, elle, á semelhança do varão constante descripto por Horacio, desprezando todas as contemplações humanas, e só firme em cumprir com seus deveres, entrou com toda a coragem na discussão, sem que lhe incutisse o menor susto o aspecto aterrador, que apresentavam então os partidos. Existem impressos os seus discursos, em que se conhecem a eloquencia e energia com que sustentou os seus argumentos, sendo em verdade espantoso, que, em uma idade quasi octogenaria, apparecesse tanto calor e valentia de phrase.

Votado inteiramente ao bem da patria, procurou illustral-a com as continuadas obras, que foi dando successivamente á luz, a expensas proprias, sobre economia politica, religião, e moral, como consta da lista, que acompanha esta memoria. Estes escriptos mereceram o apreço e estimação das sociedades nacionaes e estrangeiras, que não duvidaram inscrevel-o no numero dos seus socios; a saber:—A Sociedade Promotora da Industria Nacional do Rio de Janeiro; da Agricultura da Bahia; a Philosophica de Philadelphia; d'Agricultura de Munich; da Propagação das Sciencias Industriaes; do Instituto Historico de França; e do Instituto Real para a propagação das Sciencias naturaes de Napoles.

Apezar de ser dotado de uma constituição robusta, comtudo, continuado estudo e trabalho principiaram a debilitar as

suas forças, e depois de uma prolongada molestia de tres mezes, falleceu aos 20 de Agosto de 1835, deixando a seus filhos o exemplo de um homem justo, e religioso, e aos seus concidadãos, o de um magistrado probo, e patriota genuino.

Rematarei esta memoria, transcrevendo tanto o decreto, pelo qual o governo imperial concedeu uma pensão ás filhas de Silva Lisboa, como a resolução d'Assembléa provincial da Bahia, ordenando que se collocasse na Bibliotheca Publica o seu retrato, emquanto não se fizesse o seu busto. Estes documentos são monumentos erectos á memoria de Silva Lisboa, mais duradouros do que o bronze.

Monumentum ære perennius

DECRETO

O regente interino em nome do Imperador o Senhor D. Pedro Segundo, tomando na devida consideração os distinctos e mui importantes serviços do visconde de Cayrú, prestados pelo longo espaço de cincoenta e sete annos, não só na simples carreira de empregado publico, bem como na magistratura em alguns tribunaes, e no de muitos outros cargos e empregos, em todos os quaes fez conhecer e admirar a sua vastidão de conhecimentos, que tornaram distincto e até respeitavel o seu nome entre as nações estrangeiras ; e sendo não menos attendiveis os seus serviços, como escriptor publico e incansavel, em cujos trabalhos não cessou jamais de propagar as suas luminosas idéas com utilidade publica, e de propugnar por meio da penna e da tribuna pela dignidade e honra nacional, e pelo respeito á Constituição e ao throno, que sempre soube sustentar : em consideração pois de tão prestantes e valiosos serviços, que constituiram ao dito visconde um dos varões benemeritos em sublime gráo, e um dos sabios mais respeitaveis da época actual, cuja memoria será indelevel para os vindouros : Ha por bem conceder ás suas tres filhas D. Joanna da Silva Lisboa, D. Eufrosina da Silva Lisboa, e D. Izabel da Silva Lisboa, a pensão annual de um conto e quinhentos mil réis repartidamente, em plena remuneração dos seus serviços: ficando porém esta mercê dependente da approvação da assembléa geral. Bernardo Pereira de Vasconcellos, ministro e secretario d'estado dos negocios da justiça, encarregado interinamente dos do imperio, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 9 de Maio de 1838, decimo setimo da Independencia e do Imperio.—Pedro de Araujo Lima.—Bernardo Pereira de Vasconcellos.

RESOLUÇÃO D'ASSEMBLÉA PROVINCIAL DA BAHIA

Francisco de Souza Paraiso, presidente da provincia da Bahia. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa

Legislativa Provincial decretou, e eu sanccionei a lei seguinte:

Art. 1.º O governo da provincia fará collocar no salão da Bibliotheca Publica d'esta cidade o retrato do visconde de Cayrú, tendo por inscripção o seu nome, e o logar do seu nascimento.

Art. 2.º A disposição do artigo antecedente terá vigor, emquanto não houver um busto de metal ou de bronze.

Art. 3.º Ficam sem effeito quaesquer disposições em contrario.

Mando &c. Palacio do governo da Bahia, 13 de Março de 1837, decimo sexto da Independencia e do Imperio.— *Francisco de Souza Paraiso.*

LISTA DAS OBRAS DO VISCONDE DE CAYRU'

1. Principios de Direito Mercantil em 1801
2. Ditos de Economia Publica. 1804
3. Observações sobre o commercio franco no Brazil . . 1808
4. Discurso sobre a franqueza do Commercio de Buenos-Ayres, traduzido do Hespanhol 1810
5. Observações sobre a franqueza da Industria e Fabricas no Brazil. 1810
6. Prosperidade do Brazil pelos principios liberaes da Nova Legislação 1811
7. Ensaio sobre o estabelecimento de Bancos 1811
8. Memoria contra o Monopolio da Companhia dos vinhos do Alto Douro 1811
9. Extractos de Edmundo Burke, traduzidos do inglez . 1812
10. Memoria da Vida Politica de Lord Wellington. . . 1815
11. Memoria dos Beneficios Politicos de El-Rei D. João VI, com synopse da sua Legislação 1818
12. Estudos do Bem-Commum e Economia Politica . . 1820
13. Selecta de Pensamentos do Padre Vieira. 1820
14. Conciliador do Reino-Unido. 1821
15. Reclamações do Brazil 1822
16. Causa do Brazil 1822
17. Imperio do Brazil. 1822
18. Roteiro do Brazil. 1822
19. Atalaia. 1823
20. Constituição Moral ou Deveres do Cidadão. . . . 1825
21. Escola Brazileira. 1827
22. Leituras de Economia Politica. 1827
23. Causa da Religião e Disciplina Ecclesiastica do Celibato Clerical 1828
24. Historia dos Principaes Successos Politicos do Brazil. 1829
25. Cartilha da Escola Brazileira 1831
26. Manual de Politica Orthodoxa. 1832
27. Arte de Reinar 1832

Além d'estas obras, deu varios artigos para jornaes, e outros impressos de menor consideração.

Ao Exmo. Sr. Visconde de Cayrú

ODE (*).

Ardua per præceps gloria vadit iter
OVID.

Generosa virtude,
Sobre o cimo de rocha alcantilada,
Lidando noite e dia,
O Templo edificou da immortal Gloria.
Pela encosta difficil
Sobe ingreme vereda pedregosa
Ao Portico soberbo,
Que fulge com formosas esmeraldas:
Em torno á crespa borda
Assustam pendurados precipicios...
Ah! e quanta sapiencia
Se exige em peito humano, que ousa nobre
Galgar da rocha o cume?
Quantos, quantos se abysmam, que nem deixam
Si quer Icaria fama!
Ditoso, o que anhelando vêr da Deusa
O nitido semblante,
Em ti os olhos põe, fiel te segue,
Clarissimo Visconde,
Quando no Areopago Brazileiro
Fulminantes verdades
Desprendes de teus labios, combatendo
Insidiosos projectos;
Ou quando a pluma valida manejas,
Qual a de Hercules clava,
Illesos sustentando os Sacros Foros
Da Catholica Igreja
Contra as da Impiedade horriveis Furias,
Que de raiva se mordem,
As viperias melenas arrancando.
D'esta sorte caminhas,
Denodado Cayrú, ao Templo Augusto,
Com animo tranquillo,
A planta firme, os olhos sempre fitos
No facho luminoso
Da portentosa Torre, que entre as nuvens
Esconde a excelsa grimpa,
E descobre os sem-fins da Eternidade.

(*) Improvisada no Senado pelo Senador Marquez de Paranaguá, por occasião de ahi fazer um energico discurso o Senador Visconde de Cayrú.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

15ª SESSÃO EM 15 DE JUNHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente.—O Sr. Athaide Moncorvo offereceu para a Bibliotheca do Instituto os Relatorios lidos na Assembléa Geral Legislativa pelos Exmos. Srs. Ministros no corrente anno de 1839.

Fez-se leitura de varias propostas para socios correspondentes.

16ª SESSÃO EM 28 DE JUNHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente.—O 2º secretario fez leitura de uma carta do Sr. Manoel Ferreira Lagos, na qual participava aceitar a nomeação de membro correspondente do Instituto; bem como communicou terem participado verbalmente aceitar a mesma nomeação os Srs. José Antonio Pimenta Bueno, Antonio Navarro de Abreu, e José Bernardes de Loyola; e a de membro effectivo, o Exmo. Sr. Jacintho Roque de Senna Pereira. O mesmo 2º secretario offereceu, da parte do Sr. Paulo Barbosa, para a Bibliotheca do Instituto, um manuscripto em francez com o seguinte titulo — Remarques sur la culture de l'Empire du Brésil — o qual foi remettido á commissão de Historia; e da parte do Exmo. Sr. Balthasar da Silva Lisboa, um pequeno e interessante volume de estampas coloridas representando os uniformes militares do Rio de Janeiro em 1782, acompanhadas de alguns quadros estatisticos de diversos corpos militares.—Foi recebido com especial agrado.

O Sr. Mariz Sarmento offereceu tambem algumas collecções das obras do D. José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho. — Foi recebida com especial agrado.

Leram-se varias propostas para membros correspondentes do Instituto.

O Sr. desembargador Pontes, depois de mostrar a urgente necessidade que havia de se nomear um membro supra-numerario para a Commissão de Historia, fez neste sentido uma proposta, que foi approvada: e passando-se á nomeação do socio que devia occupar tal logar, sahiu eleito o Illmo. Sr. desembargador Gustavo Adolfo d'Aguilar Pantoja.

Ordem do dia.—Quaes são as causas da espantosa extincção das familias indigenas, que habitavam as provincias littoraes do Brazil? Si entre entre estas causas se deve numerar a expulsão dos jesuitas, que pareciam melhor saber o systema de civilisar os Indigenas? — Não havendo mais quem pedisse a palavra sobre tal ponto, e julgando-se a materia discutida, tirou-se por sorte, para servir de ordem do dia da seguinte sessão o seguinte ponto: — Marcar as diversas épocas da creação das capitanias geraes do Brazil; da fundação dos seus bispados, das suas relações. — Quaes os seus capitães generaes, os seus bispos, e o estabelecimento dos seus missionarios, tanto jesuitas, como carmelitas, ou de outras ordens religiosas, nas diversas provincias.

17ª SESSÃO EM 13 DE JULHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — Fez-se leitura das cartas dos Srs. Francisco da Silva Lopes, Marcos Antonio d'Araujo, e Dr. Candido Borges Monteiro, nas quaes participavam que aceitavam a nomeação de membros correspondentes; e participou verbalmente aceitar a mesma nomeação o Exmo. Sr. Cassiano Speridião de Mello e Mattos.

Fez-se leitura de uma carta do socio correspondente, residente na Bahia, o Sr. Ignacio Accioli de Siqueira, na qual participava ao Instituto, que tinha obtido o consentimento dos Religiosos do Convento de S. Francisco d'aquella cidade, para a impressão da 2ª parte da Chronica de Jaboatão, sem nenhum outro interesse que o de dous exemplares para a sua livraria, exigindo elles tambem do mesmo Sr. o referido manuscripto, o qual se achava em seu poder, afim de lhe fazer algumas notas o Padre-Mestre Fr. Assis, religioso de bastante instrucção; igualmente participava, que esperava as ultimas ordens do Instituto, para esse fim, offerecendo-se a tomar a seu cargo a correcção da impressão, quando assim se resolvesse.

A Carta foi remettida á Commissão de Historia para esta dar o seu parecer a respeito.

Fez-se leitura d'uma carta escripta da provincia de Minas pelo Sr. Dr. Lund, acompanhada d'um folheto, tendo por titulo — Mémoire sur la découverte de l'Amérique au dixiéme siècle, par Charles Rafn. — Esta interessante memoria é um extracto d'uma bella e volumosa obra, publicada pela Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, debaixo do titulo de — Antiquitates Americanæ. — Na mesma carta pede o Sr. Dr. Lund ao Instituto haja de abrir correspondencia com a mencionada Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, estabelecida em Copenhagen. — A offerta foi recebida com especial agrado, e o Instituto deliberou que se escrevesse ao Sr, Dr. Lund, agradecendo-lhe o interessse

que tomava por sua prosperidade, e que se abrisse a correspondencia pedida com a Sociedade dos Antiquarios do Norte.

O Sr. Mariz Sarmento offereceu para a Bibliotheca do Instituto as seguintes obras: 1º Instrucções dadas pela côrte de Roma a Mgr. Girolamo Capodiferro, e Mgr. Lippomano, Nuncios em Portugal ; 2º Correspondencia sostenida entre el Ex^mo^. Gobierno de Buenos-Ayres, y el Sr. D. Juan B. Nicolson ; 3º Manisfeste sur l'infamie, la trahison et la perfidie employées par le contre amiral français Mr. Leblanc.

O Sr. Athayde Moncorvo offereceu tambem para a Bibliotheca do Instituto alguns relatorios lidos na Camara dos Deputados pelos Ex^mos^. Srs. Ministros nos annos anteriores.

Todas estas obras foram recebidas com especial agrado.

O Sr. conego Cunha Barbosa propoz para socios Honorarios do Instituto os Ex^mos^. Srs. principe de Cariati, principe de Scilla, conde de Camaldoli, e cavalleiro Theodori Monticelli, residentes em Napoles, e o Sr. Dr. Lund, residente na Lagôa Santa, em Minas Geraes. — Foram approvados.

Igualmente o Dr. Maia propoz que se passasse para a mesma classe o Ill^mo^. Sr. Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, socio correspondente, residente no Porto. — Foi approvado.

Fez-se leitura d'uma proposta para socio correspondente.

O Ill^mo^. Sr. Aureliano, como membro da commissão nomeada para dar seu parecer sobre uma proposta do Sr. Rebello, na qual pedia, que se fizesse um requerimento ao governo, afim d'elle enviar um addido ás nossas legações em Hespanha e Portugal, para ali copiar os importantes manuscriptos que existam relativos ao Brazil, enviou á mesa a norma d'um requerimento, no qual se pedia isso ao governo imperial, requerendo igualmente a gratificação de um conto e duzentos mil réis annuaes para o dito addido. — O requerimento foi approvado com uma emenda do Sr. Mello Mattos, na qual propunha que se deixasse ao arbitrio do governo marcar a gratificação, que se devia dar ao dito addido, no caso d'elle annuir ao pedido.

O Sr. desembargador Pontes, como relator da commissão de Historia, fez leitura dos tres suguintes pareceres da mesma commissão :

1º Sobre a memoria escripta em francez, tendo por titulo — *Remarques sur la culture de l'empire du Brésil*, — pelo Sr. Francisco Xavier Ackerman. Como autor d'esta memoria, além de algumas noções geraes ácerca da população, e da agricultura do Brazil, tomou por assumpto principal demonstrar qual o methodo que no seu entender se deve seguir para a introducção de colonos Europêos nesta parte da America, e quaes os preceitos, que se devem pôr aos colonos depois de introduzidos ; a commissão foi de parecer, que nenhum juizo tinha a interpôr sobre a memoria, visto que todos os indicados objectos estão fóra da alçada da mesma commissão.

Pedindo-se urgencia, entrou em discussão e foi approvado este parecer da commissão ; e deliberou o Instituto que se

remettesse a mencionada memoria á Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

2º Sobre a memoria intitulada — *Descripção da Provincia de Santa Catharina*, por ***, escripta na cidade do Desterro no anno de 1824, e juntamente a carta que acompanhou a mesma memoria, dirigida pelo nosso socio residente em Santos o Sr. Claudio Luiz da Costa, ao 2º Secretario do Instituto. — A commissão foi de parecer que se agradecesse ao Sr. Claudio a remessa da memoria e as informações constantes da sua carta, convidando-o a que não cesse de prestar-nos a sua valiosa cooperação; e que copias da memoria, da carta, e do parecer fossem enviadas ao Sr. José da Silva Mafra, residente na cidade do Desterro, rogando-lhe em nome do Instituto, que se dignasse fazer á memoria as annotações convenientes, para que por ella se possa obter cabal conhecimento do estado actual da provincia de Santa Catharina, e da sua historia.

Entrou em discussão o parecer supra, e foi approvado com a seguinte emenda do Sr. conego Cunha Barbosa: — Que em logar de ser enviada ao Sr. Mafra, a memoria e a carta fossem enviadas ao Sr. Diogo Duarte Silva, visto não haver necessidade do Instituto fazer despeza com a copia d'ellas, e correr risco de se extraviarem os originaes na viagem.

3.º Sobre a memoria do Sr. José Silvestre Rebello, tendo por assumpto o desenvolvimento do seguinte programma: «Quaes sejam as causas da espantosa extincção das familias indigenas, que habitavam as provincias littoraes do Brazil, e se entre essas causas se deve numerar a expulsão dos jesuitas, que pareciam melhor saber o systema de civilisar os Indigenas.» A commissão declarou que estava longe de concordar com todas as proposições emittidas na memoria, deixando a explicação de suas idéas a respeito para a discussão verbal do parecer, limitando-se a indicar que a memoria fosse enviada á commissão encarregada da redacção do periodico do Instituto, afim de aproveitar da indicada memoria o que julgar conveniente, quando tratar da materia indicada no sobredito programma.

Este parecer ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte.

18ª SESSÃO EM 29 DE JULHO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — Fez-se leitura de duas cartas, uma do Sr. Daniel Pedro Muller, e outra do Sr. Dr. Francisco José Ferreira Baptista, participando o primeiro aceitar a nomeação de socio honorario, e o segundo a de membro correspondente: bem como o 2º secretario communicou ao Instituto terem participado verbalmente aceitar tambem o titulo de socios correspondentes os Srs. José Marques Lisboa, José Bernardes de Figueiredo, e Antonio Menezes de Vasconcellos Drummond.

Fez-se tambem leitura d'uma carta escripta da Bahia pelo Sr. Ladisláo dos Santos Titára, acompanhada de dous volumes, offertados pelo mesmo Sr. para a Bibliotheca do Instituto, cujos volumes vem a ser: o 4º e 5º de suas poezias, contendo o poema epico — *Paraguassú*; — igualmente participava, que não enviava juntamente os tres primeiros tomos de suas poezias, por não os ter na occasião, mas que tão depressa os obtivesse, seria prompto em remettel-os. — Foi recebido com especial agrado.

Leu-se depois uma carta escripta do Pará pelo Sr. Antonio Ladisláo Monteiro Baena, na qual offertava para a Bibliotheca do Instiuto o seu — *Compendio das éras da Provincia do Pará* — Foi recebido com especial agrado.

Fez-se igualmente leitura d'uma carta escripta da Ilha de Paquetá pelo Sr. Thomaz José Pinto de Cerqueira, na qual fazia sciente ao Instituto, que tendo um vizinho seu, na dita Ilha, de fincar uma estaca, encontrára alguma resistencia, e que cavando para ver o que era, encontrára um pote, a dous palmos da superficie da terra, e dentro d'elle ossos humanos. Ignorante, de nada fez caso, e continuou a enterrar a estaca, quebrando todo o vaso. Sabendo elle então de tal facto, foi ao logar, e fez desenterrar o dito pote ja quebrado. Juntamente com a sua carta enviou o mesmo Sr. alguns fragmentos do mencionado vaso, e diversos ossos pertencentes a corpo humano. — Foi recebido com especial agrado, e o Instituto foi de parecer que se remettesse tudo ao Revmo. Sr. Fr. Custodio, director do Muzeu, e se agradecesse ao Sr. Cerqueira a sua remessa.

O Sr. José Silvestre Rebello propôz para membro honorario do Instituto o principe Maximiano de Wied-Neuwied. — Foi approvado.

Fez-se leitura de varias propostas para socios correspondentes.

Foi approvado o parecer da commissão de Historia, que tinha ficado sobre a mesa na sessão anterior.

Ordem do dia. — O Sr. conego Januario participou ao Instituto ter dado principio a um trabalho ácerca do objecto sobre que ella versava, e que não o apresentava, por não se achar ainda concluido; pediu tambem que se reservasse a mesma ordem do dia para a sessão seguinte, pois constava-lhe, que um dos mais eruditos membros do Instituto tinha entre mãos um trabalho a tal respeito, e que tencionava apresental-o na sessão seguinte. Foi approvado.

19ª SESSÃO EM 10 DE AGOSTO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. — O 2º secretario fez leitura das cartas dos Srs. Manoel Felizardo de Souza e Mello, e visconde de Itabaiana, nas quaes participavam acceitar a nomeação de socios correspondentes; e igualmente participou, que lhe tinham

communicado verbalmente, que aceitavam a mesma nomeação os Srs. Luiz Aleixo Boulanger, e Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Foram offerecidas para a Bibliotheca do Instituto as seguintes obras, as quaes foram recebidas com especial agrado: Pelo Exmo. Sr. presidente, da parte do Sr. Furcy, os quatro primeiros numeros da *Revue Française*, jornal publicado n'esta côrte. Pelo Sr. Porto-Alegre, da parte do Sr. D. Carlos Zucchi, as seguintes obras: 1º *Memoria elevada al supremo Gobierno de Buenos-Ayres por D. Carlos Zucchi, al presentar el proyecto de hospital general para ambos exos*; 2º *Memoria elevada por la comision topographica al supremo gobierno de la Republica Oriental del Uruguay*.— O Exmo. Sr. presidente do Maranhão offereceu o seu Discurso pronunciado na occasião da abertura da Assembléa Provincial; e o Dr. Maia offereceu um catalogo manuscripto de todas as obras publicadas pelo fallecido visconde de Cayrú.

Fez-se leitura de uma proposta para socio correspondente.

O Sr. desembargador Pontes fez leitura d'uma carta, que lhe foi dirigida de Minas pelo socio correspondente o Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes, na qual este illustre socio participa, que se acha na diligencia de descobrir o roteiro, que, por determinação do Instituto, foi incumbido de procurar, accrescentando que com esse roteiro, ou com as noticias que a respeito d'elle possa obter, fará uma primeira remessa, que deve constar: 1º d'uma collecção de numeros do antigo periodico mineiro *Abelha*, contendo noticia dos usos, leis, e costumes dos Botocudos, e outros Indios da provincia de Minas; 2º da collecção de Provisões, Ordens, e Instrucções da Junta Militar da Conquista e civilisação dos Indios, e de outros empregados nesta repartição, extrahida do livro do registo da 3ª divisão do Rio-Doce; 3º da collecção de representações do director geral a favor dos Indios, das instrucções que deu aos sub-directores, dos officios que dirigiu ao governo provincial sobre o progresso dos aldeamentos, e pacificação dos indigenas, e finalmente das respostas que deu aos quesitos do governo, extrahido tudo dos registos do mesmo director geral o cavalleiro Guido Thomaz Marlière.—Declara tambem na carta o mesmo socio, que tem entre mãos diversos outros trabalhos litterarios, que menciona, como são viagens, memorias geographicas, e mappas. —A' vista de tudo, deliberou o Instituto, por indicação do Sr. desembargador Pontes, que o Sr. 1º secretario, encarregado da correspondencia, participasse ao Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes, que o Instituto ouviu com particular satisfação a leitura da mencionada carta, e que dará o devido apreço, não só ás producções, que devem constituir a primeira remessa, mas tambem a quaesquer outras de igual interesse, e com especialidade as que sahirem da penna do mesmo senhor.

O mesmo Sr. desembargador Pontes, como relator da commissão de Historia, leu depois o seguinte parecer ácerca da carta dirigida da Bahia pelo socio correspondente o Sr. Ignacio

Accioli de Siqueira, sobre a parte não impressa da Chronica de Jaboatão:—A commissão vê da dita carta que os religiosos de S. Francisco, possuidores d'esse precioso manuscripto, resolveram cedê-lo ao Instituto, para ser impresso naquella cidade, sob condição de serem offerecidos dous exemplares para a bibliotheca do convento; impressão, cujo trabalho o mesmo Sr. Siqueira espontaneamente se obriga a dirigir, movido sem duvida por zelo igual ao que o levou a entabolar esta negociação, antes de lhe ser officialmente communicada a deliberação tomada na sessão de 4 de Fevereiro p. p. Considerando porém a commissão, que a falta de edições tem tornado mui rara a parte da chronica até hoje publicada, e persuadida de que o Instituto faria uma obra completa, se, mandando reimprimir a primeira parte, désse á luz a parte inedita, confessa todavia que se acha duvidosa ácerca do alvitre que deve propôr, visto ignorar a mesma commissão que despeza se fará na cidade da Bahia, ou nesta do Rio de Janeiro com a publicação de toda, ou sómente da parte não impressa da Chronica, assim como ignora tambem quaes os fundos disponiveis para fazer face a taes despezas. Requer portanto a commissão que lhe sejam ministradas as necessarias informações a respeito, para que possa emittir o seu voto com pleno e cabal conhecimento de causa.

Pedindo-se urgencia, foi approvado este parecer, e o Instituto determinou que se escrevesse ao Sr. Accioli, exigindo informações sobre a impressão, e copia do manuscripto.

Foram approvadas, como pontos que devem servir para discussão, as seguintes questões, propostas pelo Sr. desembargador Pontes:

1.° Quaes os meios de que se deve lançar mão para obter o maior numero possivel de documentos relativos á historia e geographia do Brazil?

2.° Se os escravos no Brazil são tratados com maior, ou menor cuidado e humanidade do que nos outros paizes, que tem escravos?

3.° Quaes os effeitos immediatos, e essencialmente ligados á mudança da côrte de Portugal para o Brazil?

4.° Se para a civilisação do paiz tem resultado alguma vantagem da introducção d'estrangeiros como exploradores das minas de ouro?

5.° Quaes os primeiros Americanos, que intentaram obter a independencia do seu paiz?

6.° A que classes da sociedade pertencia, geralmente fallando, o maior numero dos primeiros povoadores Portuguezes do Brazil, e que influencia exerceram nos costumes dos seus descendentes os costumes d'esses primeiros povoadores?

Ordem do dia.— O 1° secretario apresentou á 1ª parte d'um trabalho versando sobre ella, remettido pelo illustre socio honorario o Exmo. Sr. conselheiro Balthazar da Silva Lisboa. Foi recebida com especial agrado, e remettida á commissão de Historia.

20ª SESSÃO EM 24 DE AGOSTO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXmo. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Fez-se leitura das cartas dos Srs. Sergio Teixeira de Macedo, residente em Roma; José d'Araujo Ribeiro, residente em Paris; e Pedro Angelis, residente em Buenos-Ayres, nas quaes participavam aceitar a nomeação de socios correspondentes; e participou verbalmente que aceitava a mesma nomeação o Rev. Sr. Narciso da Silva Nepomuceno.

Fez-se tambem leitura d'uma carta do Sr. Diogo Duarte Silva, em resposta a outra que lhe foi enviada juntamente com uma memoria sobre a provincia de Santa Catharina, afim de fazer-lhe as annotações e correcções que julgasse convenientes, e outrosim accrescentar-lhe os factos ali occorridos depois do anno de 1824.— Fez sciente ao Instituto o nosso socio, que passando a examinar aquella memoria, procurou, quanto lhe era possivel, melhorar um trabalho que lhe pareceu incompleto, e cheio de inexactidões; porém, que á proporção que adiantava as suas observações, foi conhecendo que d'est'arte mal corresponderia ao fim do Instituto, e que melhormente desempenharia a sua confiança apresentando-lhe uma obra original, e tão completa quanto lhe permittissem suas forças; em consequencia do que, levou mão do trabalho, e propõe-se a offerecer á consideração do Instituto uma memoria que, ainda falta de todo o merito scientifico, alguma cousa mereça pela sua exactidão.—O Instituto ouviu com summo prazer a leitura da carta do Sr. Duarte Silva, e foi de parecer que o Sr. 1º secretario escrevesse ao mesmo, em nome do Instituto, participando-lhe que ancioso esperava pela remessa de sua memoria, agradecendo-lhe igualmente o interesse que tomava pela prosperidade de tão util associação.

O Dr. Maia offereceu, da parte da Sr. Francisco de Paula Brito, para a bibliotheca do Instituto, dous exemplares do «Elogio Academico» da Senhora D. Maria Primeira, recitado por José Bonifacio de Andrada e Silva, e o 1º e 2º numeros da *Revue Brésilienne*. — O Sr. Athaide Moncorvo offereceu o relatorio do estado dos tres pios estabelecimentos da Santa Casa da Misericordia, pelo provedor o Sr. José Clemente Pereira: — e o Exmo Sr. presidente offereceu tambem os seus — *Annaes da Provincia de S. Pedro do Sul*. — Todas estas obras foram recebidas com especial agrado.

O Sr. Bento da Silva Lisboa informou ao Instituto que o governo imperial tinha annuido ao requerimento em que se pedia que enviasse um addido ás legações brazileiras em Hespanha e Portugal, afim d'ali copiar os manuscriptos que existam relativos ao Brazil. O Instituto recebeu com nimio prazer esta noticia, e nomeou uma commissão especial composta dos Srs. Bento da Silva Lisboa e Athaide Moncorvo, para apresentarem em sessão as intrucções que se devem dar ao dito addido.

O Sr. desembargador Pontes fez as seguintes propostas:

1ª Proponho, que o Instituto mande assignar para a publicação de um inedito, que tem por titulo—*Diario do que fez a armada que em 1530 navegou para a terra do Brazil.* Foi approvada, e o Instituto resolveu que se assignassem dois exemplares da dita obra.

2ª Proponho que de parte do Instituto se escreva ao socio correspondente o Sr. Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, ora residente nesta côrte, para que usando das relações que tem com o Sr. Le Coq, residente em Montevidéo, indague debaixo de que condições quererá este ceder ao Instituto o mappa e documentos relativos á demarcação do Rio Grande do Sul, dos quaes consta que é possuidor. — Foi approvada.

3ª Proponho, que por conta do Instituto se mande comprar a obra ultimamente publicada nesta côrte com o titulo de *Noticia descriptiva da Provincia do Rio Grande do Sul*, por Nicoláo Drys — e que se remetta á commissão de Geographia para dar o seu parecer á respeito. — Foi approvada.

O Sr. Bento da Silva Lisboa fez leitura d'uma memoria biographica sobre a vida do seu fallecido pai o Sr. visconde de Cayrú. — Foi ouvida com summa attenção, e o Instituto determinou que ella fosse publicada no 3º numero da *Revista trimensal*.

O Sr. desembargador Pontes propôz que o Instituto mandasse fazer o busto do Sr. visconde de Cayrú, para ser collocado na sala de suas sessões. — Foi approvado, e então o Sr. Lisboa offereceu-se para fornecer o retrato pelo qual se deve executar o dito busto; bem como o Sr. Porto-Alegre offereceu-se igualmente para lithographar o dito retrato. — Foi recebido com especial agrado.

O Sr. conego Cunha Barbosa pediu que se mandasse vir de Angola o retrato de Salvador Corrêa de Sá e Benevides. — Foi approvado, e o Instituto foi de parecer que se escrevesse ao nosso socio o Illmo. Sr. Dr. Euzebio de Queirós Coitinho Mattoso Camara, afim do mesmo senhor manda-lo vir, visto as relações que tem para aquelle reino.

Propôz o mesmo Sr. conego Cunha Barbosa, que se mande cunhar uma medalha afim de eternisar a creação do Instituto, para o que se deverá abrir uma subscripção. Pediu ao Instituto que approvasse tão sómente a idéa, deixando a seu cargo a subscripção. — Foi approvado.

Propôz igualmente, que attendendo á assiduidade, e serviços prestados ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Manuel Ferreira Lagos, se passasse o mesmo para a classe de socio effectivo, visto haver vaga. — Foi approvado.

Ordem do dia. — O 2º secretario apresentou a 2ª parte do trabalho do Exmo Sr. Balthazar da Silva Lisboa, ácerca do programma sob que ella versava, cujo trabalho foi remettido á commissão de Historia.

Tirou-se por sorte para entrar em discussão, como ordem do dia da sessão seguinte, este ponto: — Qual seria hoje o

melhor systema de colonisar os Indios entranhados em nossos sertões; — se conviria seguir o systema dos Jesuitas, fundamentado principalmente na propagação do christianismo, ou se outro, do qual se esperem melhores resultados, do que os actuaes.

21ª SESSÃO EM 10 DE SETEMBRO DE 1839

PRESIDENCIA DO EXmo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Expediente. —Fez-se leitura de uma carta do Sr. Miguel Ferreira Tavares, na qual participava aceitar a nomeação de socio correspondente.

Foram offerecidas para a bibliotheca do Instituto as seguintes obras: pelo Sr. conego Januario, da parte do Sr. Bueno, os tres seguintes manuscriptos: 1º Memoria geographica e militar sobre a fronteira de Cuyabá e Matto Grosso, pelo sargento-mór de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra; 2º Relação das diversas nações de indios, que habitam a prelazia de Cuyabá e Matto Grosso; 3º Reflexões sobre a capitania de Matto Grosso em 1792; e da parte do Rmo Sr. vigario de Jacarépaguá, a historia da Independencia d'America, por Botta. — Foram recebidas com especial agrado.

O Sr. Moncorvo offereceu da parte de um socio correspondente uma Memoria manuscripta com o seguinte titulo — *Trait historique de la guerre de l'Indépendance des E'tats-Unis.* — Foi remettida á commissão de historia.

O Dr. Maia propôz para socio honorario do Instituto o Ex.mo Sr. Manuel Antonio Galvão. — Foi approvado.

O Sr. conego Januario propôz que se remettesse á commissão de historia as duas seguintes obras: *Annaes da provincia de S. Pedro do Sul*, e *Compendio das éras da provincia do Pará*, afim da mesma commissão dar o seu parecer sobre o merito das ditas obras. — Foi approvado.

O Sr. Bento da Silva Lisboa fez leitura das instrucções que se devem enviar ao addido encarregado de copiar os manuscriptos existentes em Hespanha e Portugal, que possam interessar á historia e geographia do Brazil; cujas instrucções foram acompanhadas de uma relação de alguns manuscriptos interessantes, que consta existirem nas bibliothecas dos ditos reinos, e que merecem ser copiados. — Foram approvadas.

22ª SESSÃO EM 21 DE SETEMBRO DE 1839.

PRESIDENCIA DO EXmo SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO.

Expediente. — O 2º. secretario fez leitura das cartas dos Srs. João José da Cunha Bastos Estrella, e Francisco de Paula Almeida e Albuquerque, nas quaes participavam aceitar a nomeação de membros correspondentes.

O Exmo Sr. presidente offertou para o Instituto um bello

mappa da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Foi recebido com especial agrado, bem como as seguintes obras offerecidas para a bibliotheca do Instituto: pelo Sr. conego Cunha Barbosa: a *Memoria historica sobre as obras do real mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha, por D. Fr. Francisco de S. Luiz*, e a *Review Financial, statistical, & commercial of the empire of Brazil, and its resources, by J. J. Sturz*; igualmente offereceu da parte do Sr. José Manuel do Rosario: *L'Europe et ses colonies, en décembre* 1819, 2º vol.; da parte do Sr. Francisco das Chagas Ribeiro: a *Nova Luzitania*, historia da guerra brazilica, escripta por Francisco de BritoFreyre; e da parte do Sr. Manuel José Pires da Silva Pontes: uma collecção de numeros do periodico *Abelha do Itaculumy*, contendo correspondencias e artigos do cavalheiro Guido Thomaz Marlière, commandante das divisões do Rio Doce, e director geral dos indios na provincia de Minas; e uma Selecção de provisões, ordens, e instrucções da junta militar da conquista e civilisação dos indios da provincia de Minas Geraes, e de outros empregados, extrahida do livro de registos das ordens superiores dirigidas ao alferes commandante da 3ª divisão do Rio Doce.

O Sr. conego Januario fez leitura de uma carta do nosso digno socio o Sr. Manuel José Pires da Silva Pontes, acompanhada de um extracto da viagem feita pelo mesmo Sr. á provincia do Espirito Sancto, na qual se acham consignadas algumas noticias analogas á existencia de antigas povoações e riquezas subterraneas no deserto, que separa a provincia de Minas e o litoral. Na mesma carta faz igualmente sciente ao Instituto o mesmo Sr., que não contente com estas noções, tem solicitado noticias de uma Bandeira (*) que no principio d'este seculo se organisou com homens do termo de Marianna, para explorações na serra da Flecheira e no rio Pomba, bem como o transumpto do roteiro e caravana achincalhados pelo padre Silverio da Paraopeba; e que apenas conseguir estes monumentos, será prompto em communica-los ao Instituto.

Foi ouvida com summo prazer a leitura da carta do Sr. Pires Pontes, bem como o extracto da sua viagem.

O mesmo Sr. conego participou ao instituto que tinha enviado ao nosso socio versado em linguas orientaes o Sr. Roch Schüch, uma copia da Memoria encontrada na bibliotheca publica d'esta côrte, e que trata de uma antiga povoação abandonada, descoberta em um dos sertões d'America Meridional, afim de ver se o mesmo Sr, decifrando as inscripções encontradas sobre lages dos edificios da dita povoação, poderia esclarecer tão importante objecto: e fez igualmente leitura da seguinte carta enviada em resposta pelo Sr. R. Schüch:

« Em resposta á sua nota, com uma memoria e inscripções inclusas, tenho a fazer sciente a V. Sª., que pela com-

---

(*) Dá-se em Minas Geraes o nome de Bandeira a uma reunião de individuos, que voluntariamente se ajuntam, afim de explorar os sertões ainda não conhecidos.

paração de inscripções, que se acham na Encyclopedia methodica, nas viagens de Olaffens pela Islandia, e na obra moderna intitulada *Antiquitates Americanæ*, achei duas ou tres letras que se assemelham ás da ponta da Gavia, e tem alguma probabilidade de pertencerem aos Runos. O alphabeto rúnico antigo, que remonta a uma época muito anterior a nossa éra, tem como o dos Phenicios dezeseis caracteres, assemelhando-se não somente entre si, mas tambem ao grego e ao latino : as inscripções parecem pertencer a tempos mais modernos, e provavelmente são runicas. Que a America, e talvez tambem a costa do Brazil, era já conhecida aos habitantes da Scandinavia no seculo X, resulta de noticias historicas. Em Dinamarca vive o celebre esculptor Thorwaldsen, cujos avós nasceram ha oitocentos annos em America, e tambem na Islandia ha muitos habitantes, que derivam de pessoas nascidas na America antes de Colombo. As inscripções nos rochedos da costa da Norwega, e da America septentrional attestam a existencia dos Runos nas ditas paragens ; e além d'isto o dualismo dos indios manáos, na provincia do Pará, que tanto se parece com o dualismo dos povos antigos da Scandicavia, faz esta supposição ainda mais provavel.

« Para decifrar estas inscripções julgo será mister junta-las todas, e remettê-las para qualquer cidade onde exista um maior fundo de inscripções, e pessoas que se entreguem particularmente ao estudo das antiguidades.

« Constando-me que em Vienna d'Austria existem ambos os quesitos, e tendo eu correspondencia com o director do museo imperial d'aquella cidade, offereço-me, se for do agrado do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a remettê-las para a dita côrte, afim de serem entregues a pessoas versadas em taes objectos.

« Koster diz na sua viagem pelas provincias de Pernambuco e Parahyba (continúa o Sr. R. Schüch), ter encontrado uma inscripção em um rochedo na margem de um rio, que se achava então secco, na provincia da Parahyba, e que algumas pessoas lhe certificaram que existiam mais inscripções d'esta natureza na dita provincia. O principe Maximiano de Wied-Neuwied encontrou tambem algumas nas ruinas de uma villa destruida na provincia do Espirito Sancto ».

O instituto ouviu com toda a attenção a leitura da carta do Sr. R. Schüch, e aproveitando-se da lembrança do mesmo, foi de parecer que se remettessem para Vienna d'Austria collecções da *Revista trimensal*.

O Sr. 1º secretario fez sciente ao Instituto que o Sr. Lagos se offerecêra para mandar lithographar as inscripções que acompanham o manuscripto por elle descoberto na bibliotheca publica d'esta côrte, e que igualmente offerecêra 500 exemplares da mesma lithographia, afim de acompanharem a dita Memoria publicada no 3º Nº. da *Revista trimensal*. — Esta offerta foi recebida com especial agrado.

O Exmo. Sr. presidente propôz para socio honorario do

Instituto o Revmo. Sr. bispo eleito do Rio de Janeiro. Foi approvado.

O Sr. dez. Pontes fez leitura do seguinte parecer da commissão de historia, ácerca da Memoria intitulada — *Trait historique de la guerre de l'indépendance des Etats-Unis.* — Posto que o fim do instituto seja o estudo da historia e geographia do Brazil, a commissão entende comtudo, que aos leitores da *Revista trimensal* não será desagradavel o conhecimento de quanto respeita á historia (principalmente da independencia) dos outros povos d'America ; e como o Instituto já admittiu entre os seus programmas a questão sobre os Americanos (em geral) que primeiro intentaram libertar o paiz natal do jugo da mãi patria, é por isso a mesma commissão de parecer que a indicada Memoria seja endereçada á commissão encarregada da publicação da *Revista*, afim de que faça d'ella o uso, que julgar conveniente. — Ficou sobre a mesa para ser discutido na sessão seguinte.

Foram depois approvadas como pontos que devem servir para discussão, as seguintes questões, propostas pelo Sr. Manoel Ferreira Lagos.

1º Enumerar as diversas nações de indios que povoavam o Brazil, quando foi descoberto pelos Portuguezes, mencionando os lugares em que habitavam e os caracteres physicos e moraes mais salientes, que as distinguiam entre si. — Se ainda existem restos de todas essas nações, ou se já algumas tem completamente desapparecido.

2º Se a anthropophagia era ou não commum entre todas as nações indigenas do Brazil. — Se pela negativa, quaes as nações anthropophagas, e quaes os motivos que as levavam a praticar tão barbaro acto, se um appetite voraz de sangue humano, ou se uma vingança cruel exercida contra seus prisioneiros.

LISTA

DOS MEMBROS DO INSTITUTO HISTORICO E G. BRAZILEIRO

DO QUAL É PROTECTOR S. M. I. O SR. D. PEDRO II

SOCIOS HONORARIOS *

Manuel Antonio Galvão — actual ministro do imperio.
José Eloy Ottoni — official de secretaria.
Manuel do Monte Rodrigues de Araujo — bispo eleito do Rio de Janeiro.
José da Costa Carvalho — senador do imperio.
Padre Luiz Antonio de Souza — proprietario, residente em Goyaz.
Dr. Lund — formado em medicina e sciencias naturaes, e residente na Lagôa Santa, em Minas Geraes.
Principe de Cariati — residente em Napoles.
Principe de Scilla — duque de Santa Christina, e presidente do instituto Auxiliador de Napoles.
Conde de Camaldoli — presidente da Academia das Sciencias de Napoles.
Cavalleiro Theodoro Monticelli — secretario perpetuo da Academia das Sciencias de Napoles.
Agostinho Albano da Silveira Pinto — Dr. em medicina, residente na cidade do Porto.
Principe Maximiano Wied-Neuwied — naturalista, residente em Baviera.

SOCIOS CORRESPONDENTES

José Domingues de Athaide Moncorvo — official de secretaria.
Antonio Augusto Monteiro de Barros — senador do imperio, desembargador.
Francisco Freire Allemão — Dr. em medicina, e lente de botanica da escola de medicina do Rio de Janeiro.
Pedro Clausen — naturalista dinamarquez.
Cassiano Speridião de Mello e Mattos — senador do imperio.
Josino do Nascimento Silva — Doutor em direito.

Continuar-se-ha.

---

* Vid. *Revista trimensal* n. 2, *pag.* 158.